Brasil Econômico

www.brasileconomico.com.br
mobile.brasileconomico.com.br

TERÇA-FEIRA, 24 DE MAIO, 2011 | ANO 3 | Nº 437 | DIRETOR **RICARDO GALUPPO** | DIRETOR ADJUNTO **COSTÁBILE NICOLETTA** **R$ 2,00**



Fabio Rodrigues-Pozzebom/ABr

O ministro da Justiça, **José Eduardo Cardozo**, defende Palocci e diz que enriquecer com causa justificada não é crime ➥ P12

Dívida pública federal sobe para R$ 1,73 trilhão em abril, impulsionada por demanda por títulos prefixados ➥ P10

Governo recua para aprovar o Código Florestal

Depois de ser adiada três vezes, reforma deve ser votada hoje na Câmara dos Deputados. Emenda acordada pelo PMDB deve ser derrubada

Equipe de Dilma Rousseff oferece a ruralistas manter pequenas propriedades em área protegida. Em troca, quer ter controle sobre uso de terras que deveriam ser preservadas. Desta forma, alega atender também os ambientalistas. Se conseguir consenso, presidente se livra de pressões futuras que viriam com o veto ao texto. Ex-senadora **Marina Silva** critica relator do novo Código, Aldo Rebelo: "Ele representa o que há de mais atrasado no nacionalismo primitivo". Para ela, é preciso recuperar a força do Ministério do Meio Ambiente. ➥ P4

Ontem, dez ex-ministros do Meio Ambiente foram a Brasília apresentar carta aberta contra a revisão do Código Florestal. Para eles, texto representa retrocesso.

Antonio Milena



Circula com esta edição
Especial
Fundos de Investimentos

Após ciclo de consumo, nova classe C busca investimentos

Econômico

OGX pesa sobre o índice Bovespa

Ação de petrolífera é a responsável por 14% da retração do Ibovespa no ano. ➥ P34

INDICADORES 23.5.2011

	TAXAS DE CÂMBIO	COMPRA	VENDA
▲	**Dólar Ptax** (R$/US$)	1,6331	1,6339
▲	**Dólar comercial** (R$/US$)	1,6300	1,6320
▲	**Euro** (R$/€)	2,2947	2,2960
▼	**Euro** (US$/€)	1,4051	1,4052
▲	**Peso argentino** (R$/$)	0,3996	0,4002
	JUROS	**META**	**EFETIVA**
■	**Selic** (a.a.)	12,00%	11,92%
	BOLSAS	**VAR. %**	**ÍNDICES**
▼	**Bovespa - São Paulo**	-0,40	62.345,18
▼	**Dow Jones - Nova York**	-1,05	12.381,26
▼	**Nasdaq - Nova York**	-1,58	2.758,90
▼	**S&P 500 - Nova York**	-1,19	1.317,37
▼	**FTSE 100 - Londres**	-1,89	5.835,89
▼	**Hang Seng - Hong Kong**	-2,11	22.711,02

Soja do Brasil ganha com carne sem transgênico do Carrefour

Rede varejista planeja expandir para outros países o selo de carne livre de transgênicos adotado na França. As vendas dessa linha exigem a importação de 200 mil toneladas de soja convencional do Brasil. ➥ P18

Bola da vez em cartões, pré-pago atrai Visa e Elo

Destinado a atrair o público não bancarizado mas com crescente apetite para consumo, pré-pago será lançado no segundo semestre pela Elo, enquanto Visa estrutura rede para recarga. ➥ P30

Sita pretende dobrar de tamanho com aeroportos

Empresa de tecnologia para operação de companhias aéreas e aeroportos sediada na Bélgica espera alcançar o objetivo em cinco anos. Aumento do tráfego aéreo deve contribuir. ➥ P24

NESTA EDIÇÃO

Empresário traz ao Brasil serviço de cuidados a idosos em casa

Eduardo Chvaicer trouxe ao país a franquia master da Right at Home, empresa americana que também dá treinamento. O serviço é diferente do tradicional homecare, de saúde, e tem como principal função auxiliar os clientes em atividades do cotidiano. ➥ P14

Petrobras corta investimentos para agradar agências de risco

Preocupação da petrolífera é garantir classificação de grau de investimento para obter crédito mais barato. Entre os projetos que devem perder fôlego estão refinarias no Maranhão e Ceará e projetos exploratórios no litoral nordestino. ➥ P26

Divulgação



Carlos Miele, da M.Officer, diz que estuda abrir capital de sua marca

O empresário e estilista desfilou quatro de suas marcas nesta edição do Fashion Business, que acontece até a próxima sexta-feira, com 21 desfiles. Outro destaque foi para a coleção de Patrícia Vieira, que trabalhou o tema Espanha. ➥ P28

Ritmo menor de inflação reduz juro futuro em contrato mais longo

Com a revisão de perspectiva para inflação, com projeção do IPCA de 2011 de 6,31% para 6,27% segundo o Boletim Focus, os investidores fecharam a curva de juros futuros. O arrefecimento do ritmo econômico puxou para baixo o juro para 2012. ➥ P32

Reuters

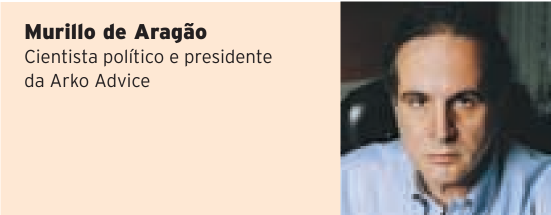


Cinzas de vulcão na Islândia deixam Europa sob alerta

A Grã-Bretanha informou que alguns voos podem ser prejudicados em várias partes do país a partir de hoje por causa de uma nuvem de cinzas do vulcão islandês Grimsvotn. As nuvens devem cobrir também Irlanda, Irlanda do Norte e Escócia. ➥ P36

OPINIÃO

Murillo de Aragão
Cientista político e presidente da Arko Advice



O poder do mercado interno

Para muitos, a dinâmica do nosso mercado interno ainda é incompreensível. Não é fácil entender, por exemplo, por que podemos crescer de forma sustentável por vários anos sem que o potencial do nosso mercado interno esteja estabilizado.

As razões dessa situação residem em alguns fatores históricos. O primeiro é o fato de a maioria da população ser educada para o consumo de massa, mesmo sem ter recursos para tal. Cevado pelas informações de uma televisão que desde os anos 70 cobre quase todo o país, o brasileiro sabia o que era uma fralda descartável antes de ter dinheiro para poder comprá-la.

Conta a lenda que, nos tempos de construção dos primeiros condomínios da Barra da Tijuca, os operários tomavam banho no final do expediente e saíam da obra para, em seguida, entrar no Carrefour e — discretamente — usar o desodorante Avanço, então o mais popular. Sabiam do produto, sabiam como usá-lo, mas não tinham dinheiro para adquiri-lo.

Ainda veremos, por ganho de renda, uma consistente expansão do mercado interno, provavelmente acima do PIB

Depois de ter um consumidor potencialmente bem informado, o segundo passo foi estabilizar a moeda. Buscada desde meados dos anos 80, a estabilização ocorreu apenas com o Plano Real. Sem a inflação, que é o pior imposto do pobre, o dinheiro deixou de derreter no bolso do assalariado que não tinha conta em banco nem depósitos remunerados.

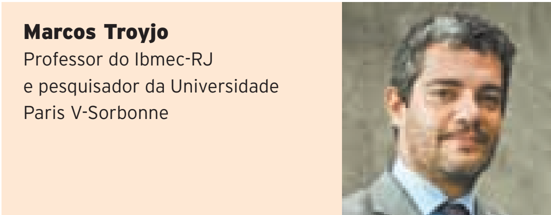
Com o consumidor bem informado e a estabilização da moeda, o passo seguinte foi dar poder de compra. Isso foi possível no início do Real e, mais intensamente, na era Lula, quando o ex-presidente conseguiu — como se diz — colocar a prestação dentro do bolso do trabalhador. Dois outros fatores explicam, ainda, o potencial de nosso mercado: a expansão do acesso ao crédito (em 2002, representava pouco mais de 24% do PIB; hoje estamos em 46,4%) e o histórico de se comprar em prestações mensais, herança dos tempos da inflação.

Nos próximos anos, ainda veremos uma consistente expansão do mercado interno — provavelmente acima do desempenho do PIB — por conta do ganho de renda, do fortalecimento da classe C, hoje o motor do consumo, e das circunstâncias que serão favoráveis à classe E. Pesquisa do Instituto Kantar Worldpanel indica que as famílias brasileiras deverão consumir, até 2020, mais de R$ 5 trilhões em produtos e serviços. Já em 2015, o Brasil deverá ter o quinto maior PIB do mundo e 70% da população adulta, o que fará do consumo o grande motor do país.

Sendo assim, todos os setores que lidam com bens de consumo devem ter expectativas muito positivas com relação ao futuro imediato do Brasil. Evidentemente, qualquer prognóstico é eivado de erros e imprecisões. Até mesmo pelo fato de o Brasil possuir fragilidades importantes que podem pesar contra.

Um deles é a questão da infraestrutura, que joga contra o nosso desenvolvimento. Outro é a ocorrência de uma bolha de crédito que, aparentemente, estaria descartada por conta das exigências impostas pelo Banco Central (BC). Outro ponto crítico são os efeitos colaterais do consumo no meio ambiente. Enfim, o Brasil deve estar atento tanto às imensas potencialidades que se apresentam por conta do ciclo de crescimento iniciado em 2010 quanto aos efeitos colaterais desse crescimento. ■

Marcos Troyjo
Professor do Ibmec-RJ
e pesquisador da Universidade
Paris V-Sorbonne



Kennan e Kissinger, Guerra Fria e novo rival

George Frost Kennan foi o "inventor" intelectual da Guerra Fria. Diplomata servindo na Embaixada dos EUA em Moscou na segunda metade dos anos 40, tornou-se um dos primeiros sovietólogos. Kennan, sobre quem há duas extraordinárias biografias recentes escritas por John Lukacs e Lee Congdon, previu o que seria o comportamento da União Soviética após a 2ª Guerra Mundial. Tinha amplos conhecimentos sobre a história da Rússia czarista.

Henry Kissinger, que alternou nas funções de Conselheiro Nacional de Segurança e secretário de Estado dos EUA nas presidências Nixon e Ford, foi o "inventor" das relações sino-americanas dos anos 70 até os dias atuais. Parte importante da pujança da China se deve às formulações Kissinger. Este é o tema central de seu novo livro On China, lançado nos EUA. Na obra, além de seu conhecido talento para as relações interpessoais e domínio da teoria geopolítica, Kissinger desfila familiaridade com a história dinástica da China e as matrizes filosóficas confucianas.

Kennan escreveu o legendário "Longo Telegrama" remetido ao Departamento de Estado em 1946. O texto foi também enviado à revista Foreign Affairs. Intitulou-o "As fontes da conduta soviética", assinando com o pseudônimo "X". O artigo tornou-se "guia do usuário" para a Guerra Fria.

Kissinger desejava quebrar a espinha-dorsal do comunismo como força geopolítica. Operou para que os EUA oferecessem uma série de benefícios a Pequim, e, portanto, afastasse a China da esfera de influência de Moscou. Agudizou assim o cisma sino-soviético. Kennan argumentava que, apesar das substantivas diferenças ideológicas entre as linhagens de czares e a cúpula do Partido Comunista da União Soviética, não haveria grandes distinções quanto ao diagnóstico da "vulnerabilidade básica" do território russo — convite ao expansionismo.

Kennan fez com que os EUA superassem um rival. Kissinger contribuiu para fortalecer outro

Kissinger entendia que o pragmatismo e a tradição milenar chinesa como potência comercial eram a chave para uma nova prosperidade, ainda que pela via de um capitalismo de estado que rareasse o oxigênio democrático na sociedade chinesa.

Para os czares vermelhos da União Soviética ou para Pedro, o Grande, o ataque seria sempre a melhor defesa. A URSS estaria vocacionada à "exportação" da Revolução de outubro de 1917. Não o internacionalismo proletário preconizado por Trotsky, mas uma projeção externa baseada na própria busca de espaços vitais. Caberia aos EUA "envelopar" a URSS, construindo em torno dela um "cordão sanitário". Nascia a "doutrina da contenção" que imantou o mundo de 1946 até a queda do Muro de Berlim. A Guerra Fria tornou-se um "jogo de soma zero", com pesadíssimos sacrifícios para a União Soviética. Exaurida por mais de quatro décadas de confronto, a URSS desmantelou-se em 1992. Kennan venceu.

Kissinger trabalhou para que a China se tornasse membro permanente do Conselho de Segurança, um gigante do comércio global. Ainda que com perdas pontuais para a economia dos EUA, a ascensão econômica chinesa remunerou os interesses geoestratégicos dos EUA na Guerra Fria. Kissinger venceu.

O trabalho de Kennan fez com que os EUA superassem um rival no século 20. O de Kissinger contribui para a ascensão de um novo rival dos EUA no século 21. ■

Marcela Beltrão

PRISCILA QUIRÓS, IDEALIZADORA DA EMPRESA CABANHA OVIEDO

O consumo de carne de cordeiro no Brasil é de 700 gramas por habitante por ano. O país tem potencial para triplicar esse total nos próximos anos, fator que levou a administradora **Priscila Quirós**, filha de Juan Quirós, do Grupo Advento, a investir R$ 6 milhões na Cabanha Oviedo. O produto chega ao mercado no próximo ano. ➥ P22



Avanço

Andrew Harrer/Bloomberg



Tablets produzidos no Brasil terão desoneração de até 31%

Uma medida provisória que desonera os tablets produzidos no país da incidência do PIS/Cofins foi publicada ontem pelo *Diário Oficial* da União, levando o equipamento à mesma categoria dos PCs e notebooks fabricados no país. Para o ministro Guido Mantega, a medida pode levar a um desconto de 31%. "O custo do tablet no Brasil será igual ao custo lá fora. Como temos um grande mercado, é conveniente que as empresas se instalem aqui", disse o ministro ontem. Samsung e Motorola, mesmo sem a isenção fiscal, já montavam o produto no país. ➥ P25



Retrocesso

Divulgação



Aporte de R$ 55 bilhões ao BNDES ainda sem previsão

Apesar de autorizado por medida provisória, o Tesouro Nacional não tem previsão de iniciar o aporte de R$ 55 bilhões ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Os repasses feitos este ano são resquícios de empréstimos do ano passado. Há dois meses, o Tesouro havia transferido R$ 5 bilhões ao BNDES. Esse dinheiro referia-se à ultima parcela do empréstimo de R$ 30 bilhões destinado ao banco para a capitalização da Petrobras. Na época, a instituição financeira não precisou de todo o dinheiro e o governo decidiu concluir o empréstimo apenas em 2011.

TRÊS PERGUNTAS A...

ABr



...MAURO BORGES

Presidente da Agência Brasileira de Desenvolvimento da Indústria (ABDI)

"Existem várias travas na lei e queremos flexibilizá-las"

Para o presidente da Agência Brasileira de Desenvolvimento da Indústria (ABDI), Mauro Borges, o maior obstáculo para uma economia mais inovadora é a legislação.

O que deve ser modificado para que haja mais inovação?

Temos propostas do setor empresarial para a Lei do Bem, Lei da Inovação e alterações nos instrumentos de financiamento do BNDES, como Pró-inovação e Funtec. O objetivo é simplificar e ampliar o acesso, porque as exigências para apoio às vezes são muito complexas. Neste sentido, lançaremos em junho o Programa de Desenvolvimento Competitivo (PDC), desta vez com mais foco no comércio exterior.

Como a mão de obra pode tornar-se mais qualificada?

No PDC contaremos com o Pronatec e Proengenharia, além do objetivo do Senai em duplicar seu número de matrículas para cinco milhões. É importante mudar o perfil de qualificação do trabalhador para as áreas de comunicação e tecnologia ao invés da mecânica, por exemplo.

Por que apenas 200 empresas no país têm acesso direto aos incentivos à inovação?

O acesso é restrito porque muitas vezes as empresas não conhecem os instrumentos de apoio. É um problema de informação. Outra questão são os critérios de exigência para obter recursos. Segundo a legislação, o governo pode financiar apenas recursos de custeio das empresas e não de investimentos. Existem várias travas na lei e queremos flexibilizá-las. **Rafael Abrantes**

ENTREVISTA **MARINA SILVA** Ex- senadora e líder ambiental

"É preciso recuperar a força do Ministério do Meio Ambiente"

Ex-senadora pede que Dilma cumpra promessa de campanha e vete o Código Florestal

Ruy Barata Neto
e Pedro Venceslau
redacao@brasileconomico.com.br

Os mais de 20 milhões de votos recebidos na última eleição presidencial credenciaram a ex-senadora Marina Silva (PV-AC) como uma das mais influentes interlocutoras políticas da terceira via brasileira. Apesar de viver um momento de crise interna em seu partido e de não contar com um cargo público que lhe garanta os holofotes, ela tem sido figura chave no controverso debate em torno do projeto que prevê mudanças no Código Florestal Brasileiro. Marina cobra de Dilma uma promessa feita durante a campanha, quando ela e seu adversário, José Serra (PSDB-SP), miravam os votos verdes no segundo turno. "O acordo que foi feito entre a base do governo, a bancada ruralista, o PSDB e o DEM não substitui o compromisso da presidente Dilma de não sancionar qualquer projeto que promova o aumento do desmatamento", diz Marina. "E o projeto do Aldo Rebelo já promove o desmatamento antes mesmo de ser aprovado". Nesta entrevista, concedida no calor do debate sobre o projeto de lei, ela critica Rebelo, pede a Dilma que rejeite as mudanças no Código e desconstrói o projeto de Gilberto Kassab de lançar um candidato de seu partido para sucedê-lo.

> "Aldo Rebelo representa o que há de mais atrasado no nacionalismo primitivo. É lamentável o que está acontecendo no Brasil

Os argumentos dos ruralistas em defesa da alterações no Código Florestal dizem, por exemplo, que sem mudanças não seria possível produzir arroz no país, já que essa cultura é majoritariamente de regiões de margens de rio. Como a senhora responde a isso e à questão dos pequenos agricultores?
Esse discurso é semelhante ao do cabo da enxada. Toda vez que a gente falava em Código Florestal na Amazônia, as pessoas diziam: "Agora o agricultor não pode mais tirar uma madeira para o cabo da enxada". Quais são os interesses que estão sendo ocultados por trás dos pequenos agricultores e de algumas culturas seculares, como café e a maçã? Será que essa generalização é verdadeira? Existem casos que devem ser tratados como exceção. As exceções devem ser contempladas.

Acredita em um veto do governo ao projeto do Código Florestal?
Eu espero um veto. O acordo que foi feito entre a base do governo, a bancada ruralista, o PSDB e o DEM não substitui o compromisso assumido pela presidente Dilma diante do povo brasileiro, que foi de não sancionar qualquer projeto que promova o aumento do desmatamento. E o projeto do deputado Aldo Rebelo está promovendo o desmatamento antes mesmo de ser aprovado. Desde 2005 o desmatamento vinha caindo graças ao plano que foi feito na minha gestão. Tivemos que enfrentar verdadeiras quadrilhas criminosas de grilagem de terra e de exploração irregular de madeira. Com a expectativa de tornar legal o ilegal, a tendência é que eles voltem com toda a força. Estão dizendo que podem construir nas margens de rio, que podem construir nas declividades e topos de morro, que podem fazer o que antes era ilegal. É lamentável o que está acontecendo no Brasil. Estamos andando para trás. Aldo Rebelo representa o que há de mais atrasado no nacionalismo primitivo.

Ficou magoada com as colocações de Aldo Rebelo, que acusou seu marido de ter fraudado contrabando de madeira?
Não é questão de ficar chateada, eu fiquei foi perplexa mesmo. Esperava isso de qualquer ruralista comprometido com aqueles grupos, mas não do Aldo Rebelo. Vou entrar com uma interpelação judicial. Pedi que o Ministério Público investigue as acusações levianas que ele endossou e foram feitas por pessoas que foram combatidas durante a minha gestão. Aldo mais do que ninguém sabia que as acusações eram levianas, mentirosas e com tentativa de intimidação. Ele usou o mesmo caminho das pessoas que tentaram me intimidar, mas não conseguiram. Depois de enfrentar a máfia, eu não poderia ter outro troco se não dossiês apócrifos.

Ficou surpresa com a aliança entre o PCdoB e os ruralistas?
Não vou generalizar que essa posição seja de todo o PCdoB. Não quero cometer injustiças. Acredito que há muitas pessoas dentro do partido que estão constrangidas com o papel do Aldo em favor destas teses retrógradas e atrasadas. Se essa tese (ruralista) tivesse sendo defendida por alguém com outra origem, talvez tivesse menos chance de prosperar dentro do governo e no Congresso.

A senhora foi recebida pelo ministro Antonio Palocci no meio da negociação do Código. Existia então uma tendência de o governo resistir à anistia aos desmatadores. Como essas acusações contra o ministro podem prejudicar a posição dos ambientalistas?
Lamentavelmente o acordo entre governo e ruralistas surge em um contexto muito ruim: as denúncias sobre o enriquecimento do Palocci e a convocação dele para se explicar no Congresso, a MP de dispensa de licitação nos investimentos das Olimpíadas — que é gravíssima — e o inventivo para a energia nuclear. As coisas estão sendo decididas entre PSDB, DEM e ruralistas.

> "O pior dos mundos é passar a ideia de que o PV terá um candidato do Kassab



Uma proposta do governo seria o melhor caminho?
Desde a campanha eu dizia que o melhor caminho era uma proposta do governo para termos uma política nacional de florestas. Só assim teríamos uma política para a proteção e o uso sustentável da floresta. O plano que vinha dando certo há cinco anos foi desconstruído. É preciso recuperar a força do Ministério do Meio Ambiente, para que ele não fique à deriva de toda essa avalanche que está aí.

Por que o governo não apresentou uma proposta?
Essa é a pergunta que devemos fazer. Por que o governo deixou o deputado Aldo reinar absoluto em torno desta questão no Congresso? O governo não apresentou uma alternativa quando tinha toda a legitimidade para isso.

LEIA MAIS

O governo trabalha para derrubar uma emenda ao texto do Código Florestal que foi acordada pelo PMDB com a base aliada e a oposição, e que prevê anistia aos desmatadores.

Dez ex-ministros do Meio Ambiente apresentaram ontem carta aberta contra o relatório do novo Código. O documento foi entregue à presidente Dilma Rousseff.

Falta de discussão técnica sobre a nova legislação pode levar o país a retrocesso ambiental. Durante impasse no Congresso, o desmatamento aumentou na Amazônia.

Antonio Milena

Marina Silva, na sede do Instituto Democracia e Sustentabilidade, em São Paulo, onde trabalha quando está na cidade

A que atribui a perda de força do Ministério do Meio Ambiente?
Quando saí, estavam tentando induzir o presidente Lula a um erro. O Mangabeira Unger e o ministro da Agricultura, juntamente com o governador Blairo Maggi e o governador de Rondônia queriam convencer o presidente que os dados do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) sobre desmatamento estavam errados e que os certos eram os dados da secretaria de Meio Ambiente do Mato Grosso, que tinha sido recém-criada. Isso era usado para revogar as medidas que tinha tomado, como o embargo das áreas desmatadas ilegalmente, vedação do crédito para os ilegais e criação de uma lista de quem não devia receber financiamento. Naquele contexto eu pedi para sair.

Acha que a oposição podia ser mais presente nesse debate?
O que nós precisamos é de posição dos partidos e do governo.

O que acha do desempenho do PV no debate?
Na questão do Código Florestal, a bancada está unida.

Existem deputados do PV que defendem energia atômica.
São casos dissonantes, fruto de uma cultura do PV de aceitar pessoas sem alinhamento ideológico e político. Historicamente temos militantes ambientais como o Zequinha (Sarney), o (Fernando) Gabeira e o (Alfredo) Sirkis...

E o José Luis Penna, presidente do Partido Verde?
É um militante socioambiental, mas tem uma visão equivocada de partido, que permite que tenhamos pessoas que defendem a energia nuclear. A democracia interna do PV precisa mudar. O PV precisa ser atualizado e com uma estrutura horizontal. Os filiados do PV não escolhem seus dirigentes. É um sistema de nomeações, o que deixa o partido vulnerável. O PV não foi capaz de inovar sua estrutura. Precisa de uma organização em rede.

Cogitou formar outro partido?
Estou focada na discussão dentro do PV. Espero que as escolha dos dirigentes seja direta. Não posso concordar com um partido em que, no Amazonas, as pessoas se identificam com o Amazonino Mendes, que distribuiu motosserra na campanha, nem com o apoio do partido ao Ivo Cassol. Todos conhecem suas práticas em Rondônia.

> “O governo não apresentou uma alternativa de projeto (sobre o Código Florestal) quando tinha toda a legitimidade para fazê-lo

A senhora aprova uma eventual aliança com Gilberto Kassab?
Eu ainda não discuti essa questão. O pior dos mundos é passar a ideia que o PV terá um candidato do Kassab. O Partido Verde faz uma discussão interna com três quadros: Eduardo Jorge, Fábio Feldman e Ricado Young.

O Fábio Feldmann não aceitou o convite para disputar a prefeitura. Ele defendeu o nome da senhora para tentar o cargo.
(risos) Fábio é meu amigo. Sou filiada no Acre e não pretendo mudar meu domicílio. Também falaram isso sobre Belo Horizonte. ■


Leia versão completa em www.brasileconomico.com.br

DESTAQUE MEIO AMBIENTE

Fabio Rodrigues Pozzebom/ABr



Dez ex-ministros do Meio Ambiente levam carta à Dilma e ao Congresso contra nova lei

Governo contraria PMDB e tenta manter controle sobre APPs

Executivo agora quer regulamentar atividade de pequenas propriedades em áreas de preservação permanente

Ruy Barata Neto
rneto@brasileconômico.com.br

O governo trabalha para derrubar uma emenda que deverá ser apresentada ao texto de reforma do Código Florestal durante a votação prevista para hoje na Câmara dos Deputados. A emenda foi acordada, na semana passada, pelo PMDB com os demais partidos da base aliada e mais PSDB e DEM. O destaque substitui o artigo 8º, elaborado pelo relator Aldo Rebelo (PCdoB-SP), e reafirma anistia a quem desmatou Áreas de Preservação Permanentes (APPs) até julho de 2008, além de regulamentar atividades consolidadas nestas terras, se forem definidas atividades de interesse social, de utilidade pública e de baixo impacto social.

A emenda tira a prerrogativa do governo de analisar a consolidação de atividade caso a caso por meio de decreto, como quer o Planalto. "A regularização das áreas consolidadas será toda prevista em lei, o governo terá disposição de corrigir e barrar qualquer excesso", diz o deputado Mendes Ribeiro (PMDB-RS), vice-líder da bancada do partido. Segundo ele, a posição do partido está mantida.

Por outro lado, o líder da bancada petista na Câmara, Paulo Teixeira (SP), afirma que o partido decidiu votar contra a emenda do PMDB, mas não considera que a votação seja novamente adiada por conta da discordância. Otimista, Teixeira diz que há espaço para a negociação de um acordo com a base aliada, sem que seja necessário um veto presidencial caso a proposta passe pela Câmara e pelo Senado sem o aval do governo. "Discutir possibilidade de veto agora é quase dar a negociação por perdido", diz Teixeira.

Para persuadir os parlamentares, o executivo anunciará o recuo em mais um ponto que diz respeito a recomposição das APPs — desta vez, contrariando os ambientalistas. Segundo o líder do governo na Casa, Cândido Vaccarezza (PT-SP), o governo aceitou permitir que propriedades de até quatro módulos fiscais — cada módulo pode variar de 20 hectares a 400 hectares de acordo com município —preservem apenas 20% da reserva ambiental, caso estejam integralmente em Áreas de Preservação Permanente e às margens de rios. Isso acontece com mais frequência perto de grandes rios, nos quais as APPs são medidas em 500 metros contados a partir da margem.

Segundo Vaccarezza, o governo tentará convencer a base de que a proposta atende a todos os interesses envolvidos e que, caso não haja acordo, a presidente Dilma Rousseff usará o poder de veto. A atuação de Dilma é esperada por ambientalistas e demais críticos da proposta em tramitação na Câmara.

ABr

Vaccarezza diz que governo tenta convencer base de que a proposta atende a todos os interesses

Pressão

Ontem, dez ex-ministros do Meio Ambiente divulgaram uma carta aberta à presidente Dilma Rousseff e ao Congresso contrária aos termos da atual proposta de reforma do Código. O grupo diz que a proposta a ser analisada significa um retrocesso na política ambiental brasileira, que foi "pioneira" na criação de leis de conservação e proteção de recursos naturais.

Segundo eles, a votação do texto nesta semana é prematura. "O país agirá na contramão de nossa história e em detrimento de nosso capital natural", diz a carta assinada por Marina Silva (PV), Carlos Minc (PT), Sarney Filho (PV), Rubens Ricupero (sem partido), José Carlos Carvalho (sem partido), Fernando Coutinho Jorge (PMDB), Paulo Nogueira Neto (sem partido), Henrique Brandão Cavalcanti (sem partido), Gustavo Krause (DEM), José Goldemberg (PMDB). ■ **Com ABr**

www.kia.com.br



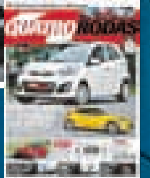
KIA Patrocinador Oficial

COPA KIA DO BRASIL 2011

Site: www.copakiadobrasil.com.br
Twitter: www.twitter.com/copakiadobrasil
Facebook: www.facebook.com/copakiadobrasil

moma





Fonte: revista Quatro Rodas maio/2011

KIA CADENZA.

E OS LIMITES DA SOFISTICAÇÃO FORAM ULTRAPASSADOS.

UPGRADE NA PASSAGEM

Espaçoso, bonito e bom de preço, Kia Cadenza coloca a marca coreana na harmonia dos sedãs grandes a considerar.

O Cadenza acelerou de 0 a 100 km/h em nossos testes em 7,7 segundos. Este tempo é digno de um esportivo.

O Kia é incrivelmente silencioso, a ponto de nosso aparelho não conseguir medir seu nível de ruído em ponto-morto. É mais silencioso que o Audi A7.

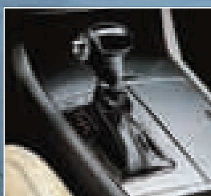
A Kia tem tudo de que precisava para crescer nesse segmento. O Cadenza é o modelo mais atual de seu segmento.

É o sedã grande mais barato do mercado brasileiro, mesmo em sua versão mais equipada.

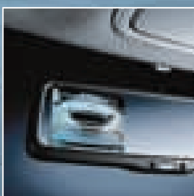




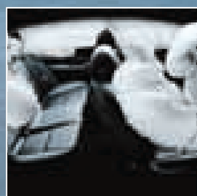
MOTOR V6 COM 290 CV



CÂMBIO AUTOMÁTICO DE 6 VELOCIDADES COM OPÇÃO DE TROCAS SEQUENCIAIS



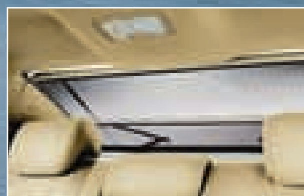
CÂMERA DE MARCHA A RÉ COM MONITOR DE LCD DE 3,5" NO RETROVISOR INTERNO



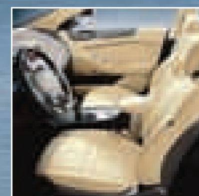
AIR BAGS FRONTAIS, LATERAIS E DE CORTINA (10 BOLSAS)



TETO SOLAR DUPLO PANORÂMICO



CORTINA DO VIDRO VIGIA TRASEIRO COM COMANDO ELÉTRICO



BANCOS, ESPELHOS RETROVISORES EXTERNOS E VOLANTE COM MEMÓRIA



DESCANSA-BRAÇO CENTRAL COM PORTA-COPOS E CONTROLE DE ÁUDIO NO CONSOLE TRASEIRO



Vá hoje mesmo a uma concessionária Kia, faça um test-drive e aproveite. Ligue 0800 77 11011 ou acesse www.kia.com.br.



KIA: CRESCIMENTO DE 66,3% – JAN A ABR/2011 CONTRA JAN A ABR/2010.



A MAIOR REDE DE CONCESSIONÁRIAS ENTRE AS MARCAS IMPORTADAS SEM FÁBRICA NO PAÍS: 150.



A MAIOR LINHA DE PRODUTOS ENTRE AS MARCAS IMPORTADAS.



KIA: CLIENTE MAIS SATISFEITO. KIA SPORTAGE: MELHOR SUV, PRÊMIO BEST CARS 2011.
KIA SOUL: MELHOR STATION WAGON/ MONOVOLUME, PRÊMIO BEST CARS 2010 E 2011.





Fotos ilustrativas.

Cinto de segurança salva vidas.

Política atrapalha discussão técnica sobre a nova lei

Novo Código pode representar um retrocesso ambiental ao país. Avanço do desmatamento é reflexo do impasse no Congresso

Martha San Juan França
mfranca@brasileconomico.com.br

O debate sobre as alterações do Código Florestal deixou de ser técnico, como se pretendia inicialmente, para tornar-se um jogo de forças que colocou em campos opostos a produção agropecuária e a preservação ambiental. O insucesso nas negociações é resultado dessa polarização e pode acabar num mal maior, ou seja, a votação de um Código Florestal que não satisfaça a sociedade, sob a pressão do desmatamento que voltou a subir na Amazônia e a crise envolvendo o ministro da Casa Civil, Antonio Palocci.

A sociedade, principalmente urbana, não consegue acompanhar esse debate tão polarizado, apesar das repercussões que o resultado da votação no Congresso terá sobre a economia e o desenvolvimento do país. O governo procurou segurar a votação e ganhar tempo para tentar evitar que a forte bancada ruralista na Câmara, que tem o apoio do relator da reforma do Código, deputado Aldo Rebelo (PC do B-SP), acabe protagonizando um retrocesso ambiental de graves consequências, ao negociar o percentual de terras que cada propriedade deve conservar intacta.

Nas últimas semanas, a votação do novo Código foi adiada três vezes por divergências entre o relator Aldo Rebelo, o governo e parlamentares. Mas, a movimentação no Congresso para mudar a legislação sobre florestas é bem anterior *(veja linha do tempo abaixo)* e cresceu ainda mais quando o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou o decreto 6.514, em 2008, que estabelece sanções pesadas para quem não conservar as áreas de reserva legal — aquelas de preservação permanente localizada no interior de propriedade rural. Lula suspendeu a cobrança depois, mas a partir de 11 de junho de 2011, os produtores que não cumprirem a lei terão de ser autuados.

> Muitos produtores consideram a reserva legal como um transtorno, pois são impedidos de plantar em toda a propriedade e não têm estímulo para manter a vegetação nativa como está

O que está em jogo

Pelo Código atual, os proprietários rurais têm de manter a vegetação nativa em parcela que varia de 20% a 80% de seus imóveis. O maior porcentual vale para as áreas de floresta na Amazônia. A lei também define as áreas de preservação permanente, as APPs, que são margens de cursos d'água, topos de morros e encostas, com a função de preservar os recursos hídricos, a estabilidade geológica, o fluxo de animais e plantas, e proteger o solo.

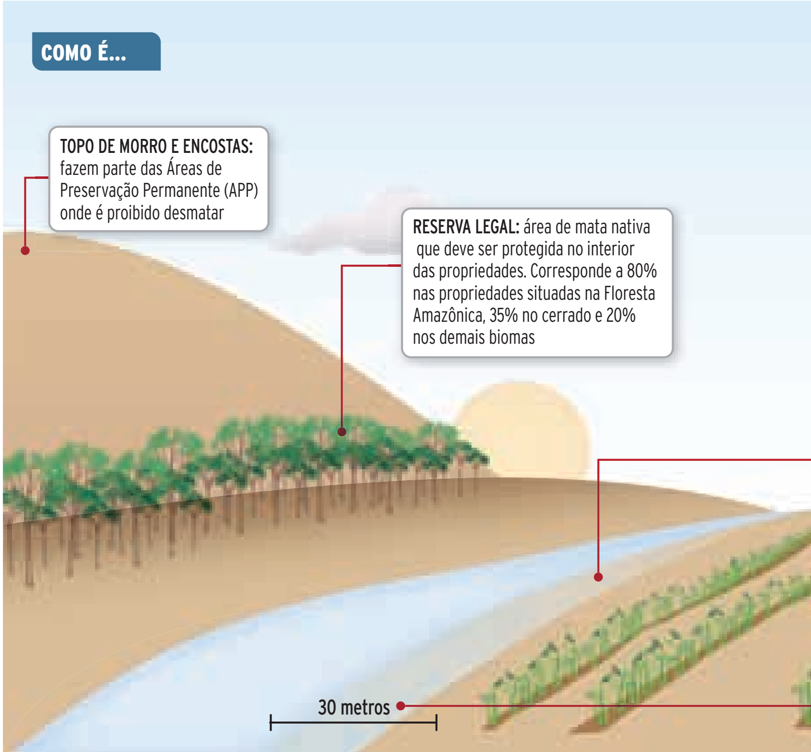
Muitos produtores consideram a reserva legal como um transtorno, pois são impedidos de plantar em toda a propriedade e não têm estímulo para manter a vegetação nativa como está. Há aqueles que, mesmo conhecendo a lei, destroem a floresta e o cerrado. Mas há outros, como os produtores de maçãs de Santa Catarina, os rizicultores gaúchos, e os plantadores de café de Minas, Espírito Santo e São Paulo, que historicamente expandiram seus cultivos para várzeas, escarpas de serra, beiradas de rios que deveriam ser preservados. O mesmo ocorreu com os terrenos da agricultura familiar.

Para atender ao agronegócio, a bancada ruralista começou a construir a proposta de flexibilização do Código, contestada por ambientalistas e cientistas que alertam para o aumento do desmate e, a longo prazo, aos danos à própria agricultura causados pela erosão, efeitos sobre os reservatórios de água e mudanças climáticas resultantes. Entre as principais divergências estão as propostas de ocupação das APPs e de isenção aos proprietários de imóveis de até quatro módulos fiscais de recompor as áreas de reserva legal.

No primeiro caso, o projeto diminui a área das APPs. E estabelece várias maneiras de contornar a regularização ambiental, entre elas a possibilidade de anistia aos que descumpriram a lei. No segundo caso, embora se argumente que o dispositivo visa a sobrevivência dos pequenos agricultores, o texto, como foi redigido, permite que aqueles que não vivem da produção agrícola ou que tenham vários imóveis no tamanho estipulado, também fiquem isentos de recuperação de suas reservas. A estratégia do relator, que motivou protestos nos últimos dias, tem sido apresentar as modificações sem tempo hábil para análise das outras partes interessadas. ■

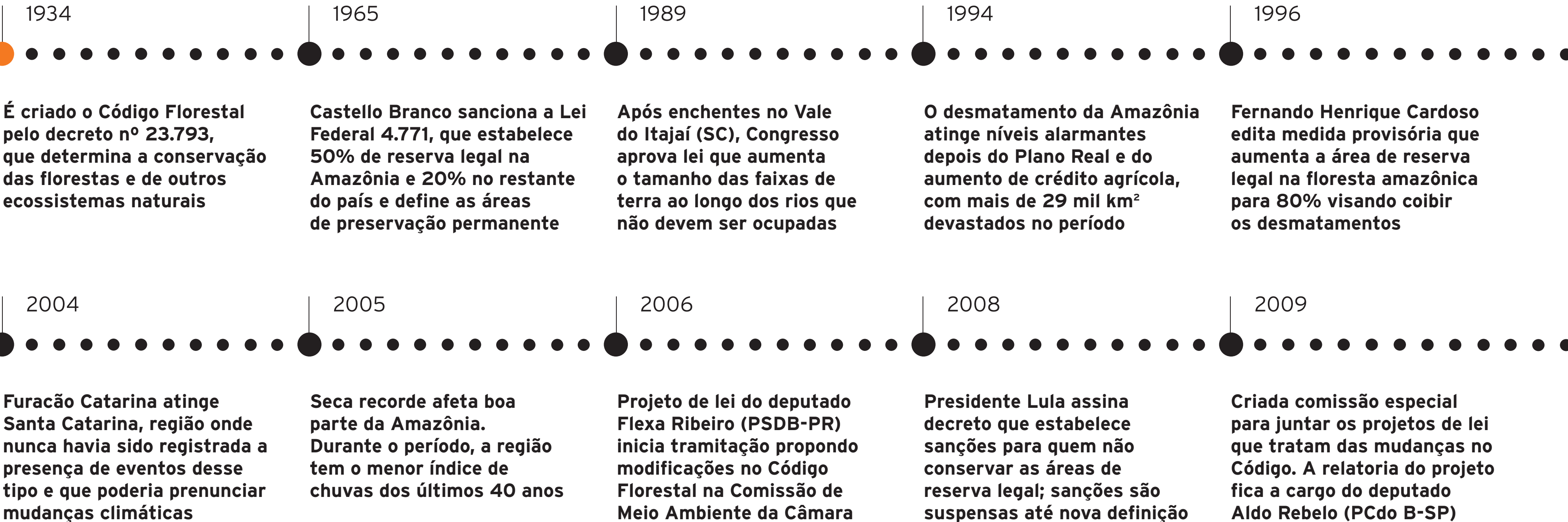
AS ALTERAÇÕES NO PROJETO DO CÓDIGO FLORESTAL

O que muda em relação à legislação vigente

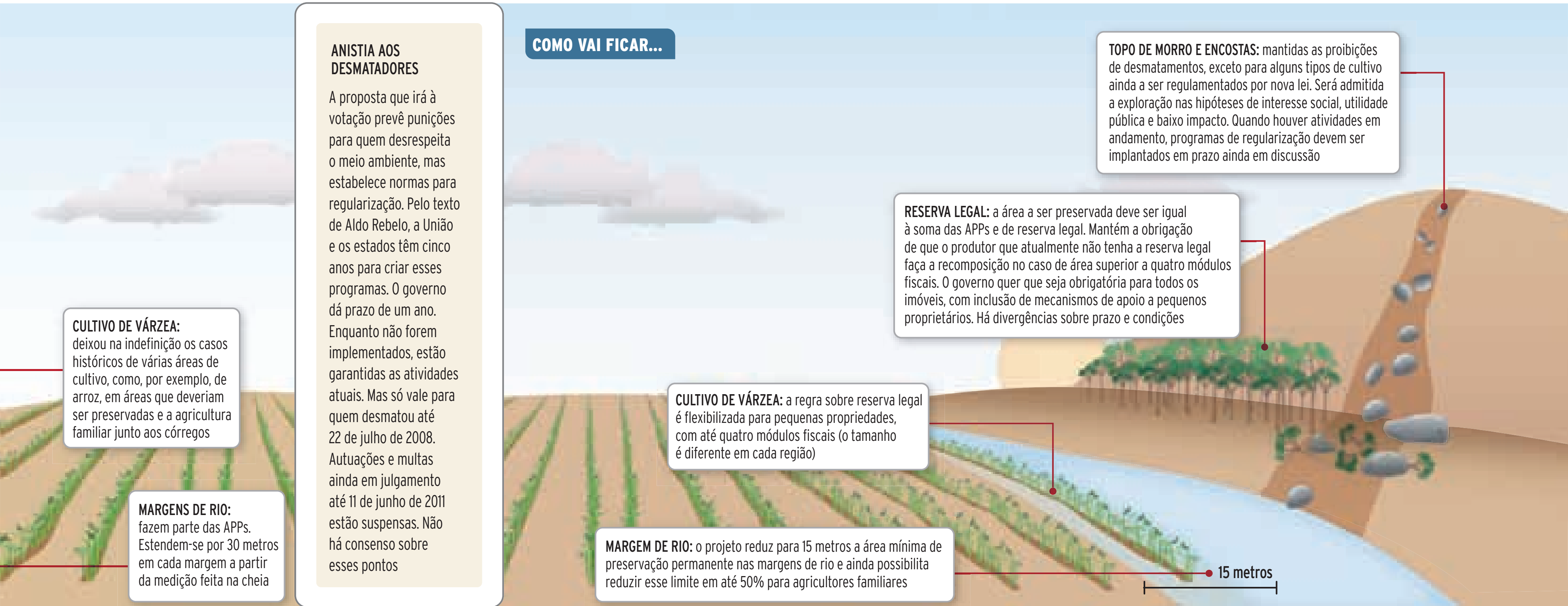


Fonte: Brasil Econômico

O PASSO A PASSO DAS MUDANÇAS



Infografia: Anderson Cattai



ANISTIA AOS DESMATADORES

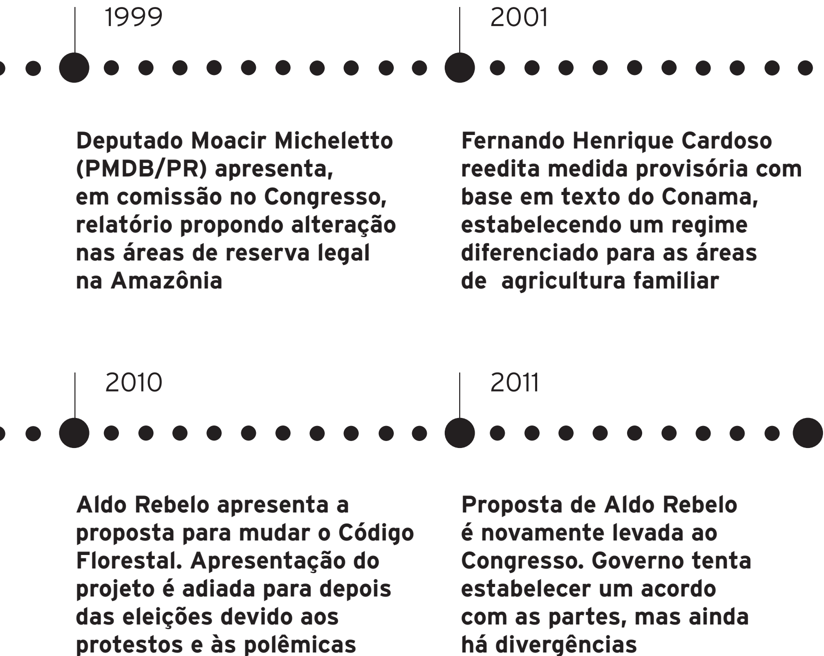
A proposta que irá à votação prevê punições para quem desrespeita o meio ambiente, mas estabelece normas para regularização. Pelo texto de Aldo Rebelo, a União e os estados têm cinco anos para criar esses programas. O governo dá prazo de um ano. Enquanto não forem implementados, estão garantidas as atividades atuais. Mas só vale para quem desmatou até 22 de julho de 2008. Autuações e multas ainda em julgamento até 11 de junho de 2011 estão suspensas. Não há consenso sobre esses pontos

Alberto César Araújo/Folhapress

A RAIZ DO PROBLEMA



Área de desmatamento na Amazônia: aplicação do Código Florestal colocaria na ilegalidade propriedades que não conservaram reserva com vegetação nativa.



1999

Deputado Moacir Micheletto (PMDB/PR) apresenta, em comissão no Congresso, relatório propondo alteração nas áreas de reserva legal na Amazônia

2001

Fernando Henrique Cardoso reedita medida provisória com base em texto do Conama, estabelecendo um regime diferenciado para as áreas de agricultura familiar

2010

Aldo Rebelo apresenta a proposta para mudar o Código Florestal. Apresentação do projeto é adiada para depois das eleições devido aos protestos e às polêmicas

2011

Proposta de Aldo Rebelo é novamente levada ao Congresso. Governo tenta estabelecer um acordo com as partes, mas ainda há divergências

BRASIL

Editora: Elaine Cotta ecotta@brasileconomico.com.br
Subeditora: Ivone Portes iportes@brasileconomico.com.br

Dívida pública sobe para R$ 1,73 trilhão em abril

Estoque subiu 2,34% em relação a março; títulos indexados a índices de preços aumentaram de 28,33% para 28,54%

Natália Flach
nflach@brasileconomico.com.br

O valor nominal do estoque da dívida pública federal (DPF) bateu recorde em abril. O montante, que inclui a dívida externa, atingiu R$ 1,73 trilhão. Em termos nominais, representa um salto de 2,34% sobre o total de março. De acordo com Fernando Eurico de Paiva Garrido, coordenador-geral de operações da dívida pública do Tesouro Nacional, isso se deve a dois fatores. O primeiro deles é que, no mês passado, foram feitos cinco leilões tradicionais de títulos prefixados (cuja rentabilidade é conhecida desde o momento da aplicação) da dívida pública mobiliária federal interna (DPMFi), que somaram R$ 47,84 bilhões. Em março, o total foi menor, de R$ 36,48 bilhões.

"Houve uma demanda muito grande por títulos no mês passado. Além disso, o volume de vencimentos não foi muito expressivo, o que acaba aumentando o total da dívida pública", afirma. Os vencimentos da DPF para os próximos 12 meses caíram para 23,20% ante os 23,98% de março.

A DPMFi cresceu 2,58% em abril ante a março, atingindo R$ 1,65 trilhão. No mês passado, o governo fez uma emissão líquida no valor de R$ 25,95 bilhões e a apropriação de juros foi de R$ 15,62 bilhões, segundo relatório mensal divulgado ontem.

A boa notícia é que o perfil da dívida está melhorando aos poucos, segundo Garrido. A meta do Tesouro, descrita pelo Plano Anual de Financiamento, é aumentar a presença dos títulos prefixados na composição da DPF e, ao mesmo tempo, reduzir o volume de Letra Financeira do Tesouro (LFT), que são títulos indexados à Selic. A ideia é que os prefixados representem algo entre 36% e 40% da composição total até dezembro. Em abril, o montante ficou abaixo da projeção, chegando a 34,81%, mas o percentual já

> Só a dívida pública interna teve aumento de 2,58% em abril, atingindo R$ 1,65 trilhão

apresentou melhora em relação a março (34,56%). "É uma mudança gradual. Neste ano, os vencimentos de títulos indexados à Selic serão maiores do que as emissões", diz Garrido. Em abril, foram emitidos R$ 37,17 bilhões e resgatados R$ 7,92 bilhões de LFT, o que representa, respectivamente, 13,56% e 14,62% do total do programa do Tesouro Direto. A parcela dos títulos corrigidos pela Selic, não considerando os contratos de swap, ficou em 32,13%, ante 32,34% do mês anterior. Já a participação dos papéis atrelados a índices de preços passou a 28,54%, ante 28,33%.

No entanto, Felipe Salto, economista da Tendências Consultoria, alerta que esse plano só dará certo caso a iniciativa do governo de reduzir a inflação com medidas macroprudenciais e aumento de taxa de juros se concretize. "O mercado tem acreditado na estratégia da política monetária do governo, o que explica esse maior interesse pelos títulos prefixados. Mas é uma incógnita se isso se manterá ao longo do tempo até termos certeza de que o superávit primário será atingido, de que haverá política fiscal efetiva e do montante que será emitido de dívida para sustentar o BNDES", afirma Salto.

Caso esse cenário não se confirme, é muito provável, segundo o economista, que o Banco Central tenha de intervir na economia aumentando a taxa de juros. Consequentemente, isso vai impulsionar o interesse pelos títulos indexados à Selic.

Custo da dívida

O custo médio acumulado nos últimos 12 meses da DPF aumentou 0,09 ponto percentual em abril, chegando a 11,89% ao ano. Já a participação dos estrangeiros na dívida interna teve queda para 11,29% do total, contra 11,38%. A parcela dos títulos corrigidos pelo câmbio ficou positiva em 0,49% em abril, contra 0,53% em março. ■



Garrido, coordenador do Tesouro Nacional, diz que a dívida aumentou devido ao número de leilões em abril

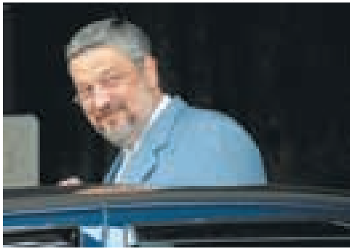
Indexação não

Projeto de desatrelar preços e índices inflacionários só deve entrar em vigor quando os contratos terminarem

Na época em que as maquininhas de remarcação de preços visitavam as gôndolas dos estabelecimentos comerciais com bastante frequência, decidiu-se atrelar índices inflacionários a determinados contratos com o intuito de proteger a sociedade da redução do poder de compra. Veio, então, o Plano Real, em 1994, e, com ele, a estabilidade econômica. A nova moeda acabou deixando para trás inúmeras indexações, mas outras ainda estão enraizadas na economia brasileira.

É o caso do reajuste dos novos contratos de aluguel, que usam como base os valores do IGP-M, e dos salários, que aumentam de acordo com as elevações do Índice de Preços ao Consumidor (INPC), do IBGE. De acordo com Sílvio Campos Neto, economista da Tendências Consultoria, os contratos que foram firmados não têm volta.

Fabio Rodrigues Pozzebom/ABr



Dilma quer que aliados defendam Palocci

A presidente Dilma Rousseff ordenará aos aliados do governo que saiam em defesa do ministro da Casa Civil, **Antonio Palocci**, e não deem terreno para a oposição tentar convocá-lo para dar explicações. Parlamentares da oposição querem obter assinaturas para abrir uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) Mista para investigar o rápido enriquecimento do ministro e se ele praticou tráfico de influência com a Projeto. O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, o defendeu ontem. **Reuters**

Renato Araujo/ABr

CUSTO

11,89%
ao ano é o custo médio da dívida pública federal no acumulado dos últimos 12 meses, até abril, o que representa um aumento de 0,09 ponto percentual sobre o acumulado até março.

ESTRANGEIROS

11,29%
foi a participaçaõ dos estrangeiros no total da dívida interna em abril, o que mostra queda em relação a março, quando estava em 11,38%.

ÍNDICES DE PREÇOS

28,54%
foi a participação dos títulos com correção atrelada a índices de preços em abril, contra 28,33% no mês anterior.

termina no governo Dilma

Uma das alternativas é atrelar contratos ao IPCA, que é menos volátil do que o IGP-M. Outra ideia é fazer um link com câmbio

Portanto, o projeto do governo de eliminar as indexações remanescentes só terá fim quando todos os contratos chegarem ao fim. “Isso pode demorar décadas”, afirma. Uma das soluções que devem ser discutidas pelo governo é a mudança do uso do IGP-M pelo IPCA, que é um indicador que oscila menos.

A grande barreira para o projeto, segundo Celso Grisi, professor de MBA da Fipecafi, são os sindicatos. “O governo tem de dar exemplo e fazer ajustes fiscais. As pessoas veem que os índices vão subir e acabam elevando os preços dos produtos por conta própria, o que acaba realimentando esse círculo vicioso.”

José Luiz Rossi Júnior, professor do Insper, diz que o governo tem de combater primeiro a inflação para depois pensar na desindexação. “Do jeito que está hoje é impossível desindexar. Nenhum outro indicador é tão alto quanto o IPCA cabe ao BC ter uma postura mais rígida. Uma das possibilidades, quando isso ocorrer, é fazer um link com câmbio”, sugere. ■

BRASIL

POLÍTICA INDUSTRIAL

Fiesp e centrais sindicais querem recriar câmara para discutir questões do setor

Empresários e sindicalistas vão propor ao governo a recriação de uma câmara tripartite para discussão de políticas de incentivo à indústria. Essa câmara deve reunir representantes dos industriais, dos trabalhadores e do governo para elaborar medidas de proteção de empresas brasileiras e dos empregos gerados por elas. A ideia é que a câmara siga modelo já adotado em 1992, na época da crise das montadoras do ABC.

Ag. Vale



BALANÇA

Brasil tem superávit comercial de US$ 286 milhões na 3ª semana de maio

O superávit comercial da 3ª semana de maio ficou em US$ 286 milhões, divulgou o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. No período, as exportações somaram US$ 5,209 bilhões e as importações, US$ 4,923 bilhões. No mês, o superávit chega a US$ 2,746 bilhões. No acumulado do ano, o saldo está positivo em US$ 7,775 bilhões, volume 86% maior do que no mesmo período de 2010.

Cardozo defende Palocci e a regulamentação do lobby no Brasil

Ministro da Justiça defende par da Casa Civil e diz que "enriquecer com causa justificada não é crime"

Pedro Venceslau
pvenceslau@brasileconomico.com.br

Renato Araújo/ABr



Cardozo: "Terei de advogar quando sair do ministério. Não sou uma pessoa abonada"

O caso da evolução patrimonial do "consultor" Antonio Palocci recolocou na ordem do dia um debate que dura mais de 20 anos no Congresso Nacional: a regulamentação do lobby no Brasil. Durante almoço com empresários do Grupo de Líderes Empresariais (Lide), ontem, em São Paulo, o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, defendeu a ideia, mas fez questão de frisar que sua opinião não tem relação com o episódio envolvendo o ministro da Casa Civil. "Sou favorável à regulamentação do lobby. Sempre defendi um modelo como o americano, mas isso não tem relação com o caso do Palocci. Enriquecimento com causa justificada não é crime", disse Cardozo. Reportagem publicada na semana passada pelo jornal Folha de S.Paulo revelou que antes de assumir o cargo de ministro da Casa Civil, Antonio Palocci ampliou seu patrimônio em 20 vezes no período de quatro anos prestando consultorias.

Segundo o ministro da Justiça, a empresa de Palocci, a Projeto, tinha cláusulas de confidencialidade e isso justifica a decisão de não revelar os dados do faturamento e quem eram seus clientes. "Falar em valores será quebra de confidencialidade. Não tenho razão para duvidar do ministro Palocci. Não vejo nada que possa desaboná-lo. Execrações públicas, condenação sem provas materializadas é perversidade".

Não é a primeira vez que Cardozo sai em defesa de Palocci. Na última sexta-feira, ele afirmou que "há muita fumaça e poucos fatos apresentados" em relação às críticas da oposição. Para justificar a defesa, o ministro da Justiça lembrou seu passado de embates com colegas de partido em momentos delicados da vida do PT, como no caso do "mensalão". "Sempre fui muito sincero com relação aos colegas. Fui duro, implacável e sofri as consequências", diz.

Apesar da defesa da regulamentação do lobby, Cardozo afirmou que não pretende fazer uma "quarentena" sem advogar depois que deixar o cargo de ministro, como fez Márcio Thomaz Bastos na primeira gestão Lula. "Preciso advogar quando sair do ministério. Não sou uma pessoa abonada." Considerado desafeto de Palocci, o ex-ministro José Dirceu também saiu em sua defesa no fim de semana. Em seu blog, ele afirmou que o que existe é "mais uma crise forjada" criada pelo noticiário a respeito da evolução patrimonial de Palocci.

> "Sempre defendi um modelo [de lobby] como o americano, mas isso não tem relação com o caso do Palocci
>
> **José Eduardo Cardozo,** ministro da Justiça

Na gaveta

O primeiro projeto que regulamenta o lobby, de autoria do ex-vice-presidente Marco Maciel (que o apresentou quando era senador pelo extinto PFL), foi aprovado há 20 anos pelo Senado e enviado para a Câmara. Atualmente, existem 10 propostas tramitando na Câmara com esse tema — três projetos de lei e sete propostas de mudanças no Regimento Interno da Câmara. Em 2009, a Controladoria Geral da União (CGU) elaborou anteprojeto sobre o tema.

O texto, porém, ainda não foi aprovado pelo Planalto. A ideia é cadastrar lobistas pela CGU. Já os profissionais que atuarem no Congresso deverão ser credenciados pelas direções da Câmara dos Deputados e do Senado. Nos Estados Unidos, por exemplo, a profissão de lobista é legal e regulamentada por lei desde 1946. ■

(Leia mais ao lado.)

LOBBY LEGAL



Nos EUA, atividade é regulada por lei

O lobby nos EUA é regulado por lei de 1946, que foi atualizada em 1995. Essa legislação exige do lobista, além de autorização do Congresso, o registro da empresa, carteira de clientes com detalhe dos ramos de atividade em que atuam e principais áreas de interesse das empresas que contrataram a empresa de lobby – além de lista com empresas que possam ter ligação com a contratante do lobby. **Redação**

Franquia treina e oferece cuidado

Empresário brasileiro traz ao país Right at Home, voltada a clientes da terceira idade

Weruska Goeking
wgoeking@brasileconomico.com.br

Quando um adulto ou idoso apresenta limitações para manter a sua independência, é comum que alguém da família assuma a responsabilidade de ampará-lo, mas a atividade é ainda mais desgastante para o cuidador, como são chamadas as pessoas responsáveis por esse trabalho, no momento em que há vínculo familiar envolvido.

Também é comum que a família opte por contratar algum conhecido para realizar esta tarefa. Mas como confiar na qualidade do trabalho do cuidador? Foi pensando nesse nicho de mercado que Eduardo Chvaicer trouxe para o país a franquia da Right at Home, fundada em 1995 nos Estados Unidos e especializada na assistência domiciliar para idosos e adultos que tenham qualquer limitação para manter sua independência dentro de casa. Esse serviço é diferente do oferecido pelos tradicionais *homecares*, que oferecem cuidados médicos e de enfermagem. Os cuidadores auxiliam em atividades do cotidiano, ajudam a fazer compras, por exemplo, e fazem companhia.

A profissionalização do trabalho de cuidador é justificada pelo envelhecimento da população brasileira. Dados do Censo Demográfico 2010, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 29 de abril, mostra que a proporção de idosos no país já alcança 7,2% da população.

Para Chvaicer, a oportunidade de ser franqueador master da Right at Home — responsável por eventuais novas franquias no país — surgiu no momento certo. Após 12 anos atuando em uma multinacional farmacêutica e hospitalar, deixou tudo para trás e decidiu abrir o próprio negócio, embora ainda não soubesse exatamente o que pretendia. "Mas sabia que não queria ser empregado de novo", diz.

Sua preocupação com o bem estar dos idosos teve início ao presenciar uma discussão sobre o dia a dia de seu pai — que tem 84 anos e sofre de Alzheimer — e contava com o auxílio de uma empregada doméstica e um cuidador. "Percebi que quando eu precisasse não teria o mesmo tratamento disponível e vi que os idosos constituem um mercado importante", conta.

A partir disso, o empresário decidiu abrir uma empresa de cuidadores. Para agregar mais conhecimento, foi a uma feira de franquias e conheceu a Right at Home. Foram dois anos de estudos e conversas até que, em agosto do ano passado, Chvaicer inaugurou a franquia no Brasil. "O que vendemos é a possibilidade dos filhos, quanto têm tempo para visitar seus pais, usarem isso de uma forma boa, carinhosa", diz.



Eduardo Chvaicer
Presidente da franquia Right at Home no Brasil

"Para os próximos cincos anos, estimo faturamento médio de R$ 500 mil, sendo 40% desse valor revertido em lucro"



Cuidadores auxiliam idosos e fazem companhia, aumentando sua independência em relação à família

O serviço, por enquanto, atende apenas a cidade de São Paulo e custa de R$ 1,5 mil até R$ 8 mil, de acordo com o número de horas contratadas e cuidadores necessários para cada caso. "Para os próximos cinco anos estimo faturamento médio de R$ 500 mil, sendo 40% desse valor revertido em lucro", conta. O empresário explica que a taxa de franquia é de cerca de R$ 50 mil e o investimento na operação varia de R$ 60 mil a R$ 150 mil nos dois primeiros anos, de acordo com a infraestrutura local. "A franquia se paga em dois anos".

Cuidadores

A franquia funciona como uma agência de cuidadores, que oferece seleção, treinamento e faz a mediação da contratação do cuidador pela família.

Os candidatos às vagas de cuidador passam por rigoroso processo seletivo, que inclui entrevistas e exames com psicólogos que tem o objetivo de traçar o perfil de comportamento. "Preferimos quem tem experiência na área em detrimento a formação ligada à saúde", diz o empresário. Isto porque os cuidados oferecidos não são médicos ou de enfermagem. "Os cuidadores estão lá para atividades básicas diárias, para auxiliar o idoso a se vestir, se alimentar fazer companhia. Claro que alguns precisam de acompanhamento médico, mas aí é necessário um *homecare*. Na grande maioria dos casos o idoso não precisa disso", conta.

O serviço prestado também é supervisado constantemente para garantir a qualidade. Atualmente a franquia brasileira conta com 12 cuidadores atuantes e mais de 200 cadastrados previamente aprovados e à disposição de novos clientes. ■

CINCO PERGUNTAS A...



...ALLEN HAGER

Fundador da Right at Home

"Nunca houve momento melhor para entrar neste mercado"

Allen Hager trabalhou como executivo de um hospital por muitos anos e, percebendo as necessidades dos idosos, como a de serem mais independentes, tornou-se um cuidador. Em 1995, abriu o primeiro escritório da

SEXTA-FEIRA
TECNOLOGIA

SEGUNDA-FEIRA
EDUCAÇÃO

a idosos

Fotos: divulgação



Right at Home no estado de Nebraska (EUA). Antes, realizou pesquisas sobre a disponibilidade desse tipo de serviço e como poderia oferecer cuidados a um preço razoável.

Como foi sua experiência como cuidador?
Trabalhei como cuidador por cerca de um ano. Eu queria aprender sobre a qualidade nos cuidados de perto, colocando a mão na massa. A experiência me ajudou a entender os desafios. Gostei muito da época em que eu fui cuidador. A experiência me ajudou a entender os desafios que os trabalhadores dessa área têm e usar isso para tornar o negócio melhor.

Quais foram as principais dificuldades enfrentadas no início do negócio?
A parte mais desafiadora foi vencer o medo do fracasso. O mercado é enorme e crescente, as famílias desejam ficar em casa e estão comprando nossos serviços cada vez mais.

O senhor tem franquias do Right at Home nos Estados Unidos, Inglaterra e, agora, no Brasil. Pretende expandir ainda mais?
Estamos abrindo franquias em outros países. A maioria deles, como o Brasil, está passando por um envelhecimento da população e precisa de nossos serviços. Nunca houve momento melhor para entrar neste mercado. Apenas investimos em outros países com franquias master, como é o caso do Eduardo Chvaicer.
O papel do franqueado principal é desenvolver o negócio e a marca em seu país. Isso é feito combinando a operação do franqueado master e o desenvolvimento de franquias terceirizadas em todo o território. Os candidatos aprovados têm grande habilidade em desenvolvimento de negócios e dá muita importância para o atendimento ao cliente.

O sr. pretende abrir o capital da empresa?
A Right at Home é uma empresa privada e pretendemos continuar assim. Isto nos dá liberdade para planejar e crescer com sabedoria em longo prazo.

Qual o seu conselho para as pessoas que pretendem entrar neste tipo de negócio?
Não deixe que a falta de experiência em cuidados na área de saúde te intimide. Se você quer ajudar pessoas em sua comunidade e tem um plano de gestão, já tem os fundamentos necessários para se tornar um franqueado.

Divulgação



MARCELO NAKAGAWA
Professor e consultor de empreendedorismo e inovação

Nota C para a FedEx!

Não sei como você avaliaria a FedEx, mas a primeira nota que ela recebeu, mesmo antes de ter sido criada foi C. Isto porque a nota foi melhorada. Era para ter sido pior. Pelo menos é o que confidenciou Fred Smith. Em 1965, ele era estudante da Yale University e precisava elaborar um plano de negócio para uma das disciplinas do seu curso de economia. Imaginou um negócio de entregas expressas, que concorreria diretamente com os correios dos Estados Unidos. Seu professor ao ler o plano sentenciou: "O conceito é interessante e bem formulado, mas para ganhar uma nota melhor do que C, a ideia precisa ser viável". Seis anos depois, em 1971, o plano de negócio nota C viraria realidade com o nome de Federal Express ou simplesmente FedEx. Até hoje Fred Smith, o fundador da FedEx não sabe como este C o ajudou a planejar um negócio melhor. Ele nem mesmo se lembra direito se recebeu um C ou não. Mas o fato é que o tal professor de Yale entrou para a história do empreendedorismo como o cara que quase não aprovou um grande negócio.

Mas será que planos de negócio de outras empresas de sucesso teriam sido aprovadas? Steve Jobs e Steve Wozniak nem sabiam o que era um plano quando começaram a Apple em 1976. E não teriam sido aprovados por Ken Olson, fundador da Digital Equipment Corporation (DEC), a bambambã de tecnologia da época. O argumento de Olson era simples: "Não há nenhuma razão para alguém querer ter um computador em casa".

Mesmo várias empreitadas recentes, como o Twitter ou o Zynga, teriam seus planos de negócio criticados. Por que alguém iria ler mensagens de 140 caracteres sobre o que eu estou fazendo ou pensando agora? E o que responderia se alguém viesse perguntar se você estaria interessado em cuidar de uma fazendinha virtual na internet com galinhas que botam ovos e tudo mais?

> Várias empreitadas recentes, como o Twitter, teriam seus planos de negócio criticados. Por que alguém iria ler mensagens de 140 caracteres sobre o que eu estou fazendo agora?

Até o "plano de negócio" de Cristovão Colombo foi criticado e até zombado. Afinal quem era aquele genovês maluco com um mapa debaixo do braço que jurava ser possível chegar as Índias pelo Ocidente? Ele apresentou seu plano durante sete anos para potenciais investidores em Portugal, Veneza, Gênova e Inglaterra até chegar aos reis de Leão e Castela.

É nisso que fico pensando quando analiso os planos de negócio dos meus alunos. O sujeito que trabalha com aceleração de regeneração óssea humana vai ser o próximo megacase de sucesso de empreendedorismo? Ou será a empresa que desenvolve uma superplataforma onde qualquer um pode desenvolver aplicativos móveis? Quem sabe a que desenvolve nano aplicativos químicos? Talvez aposte nos alunos que trabalham com sistemas de energia solar muito mais eficientes? Quem sabe a empresa que desenvolveu uma nova tecnologia de prospecção de petróleo e gás? Ou a de kits de diagnósticos para animais de estimação que ainda não tem nenhum concorrente direto no país? Mas tem a empresa que faz busca local, que é o próximo grande desafio do mercado mundial de buscas. Ou a que tem uma plataforma completa para novos empresários de comércio eletrônico? Ou qualquer um dos outros 11 negócios que tenho na sala?

Será que terão a mesma trajetória do plano da FedEx que recebeu nota C, ou dos demais que receberam A e B? ■

ENCONTRO DE CONTAS



LURDETE ERTEL

Fome alheia

Não é apenas a China que lança olhares e cifras gulosas sobre terras brasileiras, para produção de alimentos. A exemplo dos vizinhos chineses, que se tornaram vorazes compradores de fazendas no Brasil, os coreanos também estão plantando raízes no país. A empresa estatal AT Korean Agro-Fisheries Trade Corp, da Coreia do Sul, tem mantido conversas assíduas com o governo da Bahia para semear negócios no setor agrícola do Estado. Sétimo maior importador de grãos do mundo, a Coreia de Sul está de olho na oeste baiano, grande produtor de milho e soja. Recentemente, a estatal coreana assinou memorando com o governo da Bahia para cooperação na área de agroindústria e suporte aos seus investimentos no Estado. E deve vir mais.

Francois Guillot/AFP



With or without you

Ter um pai com a fama do quilate de Bono Vox, da banda irlandesa U2, pode ser um trampolim ou um fardo. **Eve Hewson**, 19 anos, segunda filha do astro pop, parece ter encontrado o caminho do meio nesta equação: a jovem atriz irlandesa brilhou no Festival de Cinema de Cannes com as próprias pernas, deixando passar quase despercebido o peso que carrega no sobrenome – Paul David Hewson é o nome verdadeiro de Bono Vox. A herdeira do líder do U2 conquistou seus próprios holofotes com um papel de destaque no filme This Must Be The Place, no qual contracena com ninguém menos do que o ator Sean Penn e o cantor David Byrne, da banda Talking Heads. Esta não é a primeira aparição de Eve nas telas: a jovem, que fez seu debute no vídeo em 2002 em um documentário de seu pai (U2 Go Home: Live from Slane Castle), fez uma atuação elogiada em 2008 no drama O Clube 27 — que participou do Tribeca Film Festival em Nova York.

Duelo no andaime

O Tribunal de Justiça de São Paulo determinou a demolição do prédio do escritório Brasil Salomão e Matthes Advocacia, em Ribeirão Preto (SP). Em uma briga judicial que se delonga há 14 anos, a prefeitura alega que a maior parte do imóvel milionário foi construído irregularmente em área pública em um bairro nobre de Ribeirão Preto. A obra teria invadido uma rua, futuras calçadas e ainda uma praça, prevista para ser transformada em rotatória.

Mar de dentro

Foi assinada ontem, em Campo Grande (MS), a ordem de serviço para as obras daquele que se pretende ser o maior aquário de água doce do mundo, O Aquário do Pantanal vai custar R$ 84,7 milhões e deve estar concluído até o final de 2013. O complexo terá 6,6 milhões de litros de água doce, 263 espécies e 7 mil animais.

Filippo Monteforte/AFP



PAPA NEM TÃO POP

Uma gigantesca estátua de bronze do artista Oliviero Rainaldi, que retrata o papa João Paulo II, em Roma, está causando polêmica no Vaticano. O jornal L´Osservatore Romano disse que além da obra não se parecer com o beato, dá a impressão de que uma bomba atingiu o local. O artista se defende dizendo que a escultura, colocada diante da estação Termini, mostra o pontífice como se estivesse abrindo o seu manto para abraçar os fiéis.

"Por mim, o Ronaldo não tinha parado. De qualquer maneira, ele é um jogador decisivo. Se ele participa de quatro jogadas, ele marca um gol. Ele é efetivo"

Tite, técnico do Corinthians, sobre a ideia do presidente do clube, Andrés Sanches, de colocar Ronaldo para atuar em algumas partidas do Campeonato Brasileiro deste ano. Apesar de ter anunciado a aposentadoria, Ronaldo ainda tem contrato com o Timão até dezembro.

Fotos: divulgação



De grão em grão

A Kepler Weber, maior fabricante de equipamentos para armazenagem de grãos do Brasil, acaba de entregar uma unidade de armazenagem capaz de comportar mais de 70 mil toneladas de arroz para a empresa uruguaia Coopar, na cidade de Lascano. Dentre os equipamentos fornecidos pela Kepler Weber estão silos para armazenar 10.080 toneladas de arroz cada. São os maiores silos já instalados na América do Sul.

MARCADO

● O presidente da OAB/SP, Luis Flávio D'Urso, e o presidente do Ministério Público Democrático, Roberto Livianu, participam, hoje, da solenidade de instalação do mini-tribunal de simulação de atividades forenses da Universidade Anhembi Morumbi.

lertel@brasileconomico.com.br

Agência do futuro

O Banco do Brasil está testando um novo modelo de agência — uma prévia do que se imagina ser um banco físico no futuro. A rede acaba de abrir no luxuoso shopping Iguatemi Brasília (DF) a primeira unidade do Espaço BB, um ponto conceitual para experimentação do cliente. Além de caixas eletrônicos e dicas sobre produtos financeiros, a loja terá mordomias e até jogos. Depois de Brasília, a segunda agência conceito do BB deve ser aberta em Nova York.

A passos firmes

A marca brasileira Havaianas retomou a expansão no varejo da Europa. Depois de abrir uma loja em Barcelona no ano passado, a grife acaba de inaugurar uma unidade em Valencia, também na Espanha. Neste ano, a meta é instalar pontos de venda da Havaianas em Lisboa, Paris, Londres e Roma.

Evolução na passarela

A Riourbe colocou na rua edital de licitação para reforma do Sambódromo, no Rio. Com obras estimado em R$ 5 milhões, a passarela do samba mais famosa do mundo vai passar por um upgrade estrutural, com recuperação das arquibancadas, pilares, vigas e lajes. E a pista vai ganhar pintura antiderrapante.



Troca de salto

Uma das grifes de calçados mais assediadas pelas estrelas de Hollywood está trocando de pés. A marca inglesa Jimmy Choo, criada em 1996 pelo designer de mesmo nome em sociedade com a jornalista de moda da *Vogue* Tamara Mellon (foto), foi vendida para o grupo alemão Labelux, já proprietário da marca de perfumes Coty.

O negócio está estimado em € 570 milhões. Esta é a quarta vez que a empresa é negociada em 15 anos. Desde 2001, o estilista Jimmy Choo não é mais sócio da grife, depois de vender sua participação na companhia que leva seu nome. E Tamara, que é a cara da marca, detinha 17% de participação societária até esta nova venda.



Natureza vertical

A Landscape acaba de erguer o maior jardim vertical do Rio de Janeiro, no Rio Design Barra, na Barra da Tijuca. Com 20 metros de altura, o Greenwall conta com um sistema de irrigação e drenagem da água embutidos. O jardim possibilita o plantio em grandes áreas com custo acessível de manutenção, pois as espécies vegetais são cultivadas na própria estrutura e não necessitam de vasos.

GIRO RÁPIDO



De primeira

A grife de lingerie Valisere está inaugurando sua primeira loja no Rio de Janeiro, no Shopping Leblon. O novo espaço conta com 50 metros quadrados.

Para todos os gostos

A Batata Inglesa abre as portas de sua 17ª loja, no Via Parque Shopping, na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro.

Em campo

O Rei do Mate acaba de inaugurar mais uma unidade no Rio de Janeiro, no Boulevard Shopping Campos, em Campos dos Goytacazes. O Estado já conta com mais de 100 lojas da rede em operação.

Corpo paulistano

O Empório Body Store celebra, dia 26, a abertura de mais uma loja em São Paulo, no shopping Jardim Sul.

Despedida da bola

A Outplan, empresa da GEO Eventos, será a responsável pela gestão de tickets e acesso ao Estádio do Pacaembu, em São Paulo, no jogo de despedida de **Ronaldo Fenômeno**, dia 7 de junho. O craque deixará oficialmente os gramados em um amistoso entre as seleções do Brasil e da Romênia.



Com Karen Busic
kbusic@brasileconomico.com.br

EMPRESAS



Carrefour aposta na soja brasileira não transgênica

Varejista levará carne livre de ração modificada para novos mercados; Brasil é o único fornecedor do grão convencional

Luiz Silveira
lsilveira@brasileconomico.com.br

Baseado na garantia de oferta brasileira de soja não transgênica, o grupo Carrefour estuda expandir para vários países o seu selo de "carne livre de transgênicos". Toda a carne de frango e de porco da marca própria Carrefour vendida na França leva o selo desde o ano passado, o que gera uma demanda anual de cerca de 200 mil toneladas de soja não transgênica para alimentar os animais dos fornecedores. "Toda essa soja vem do Brasil, porque praticamente não há outro fornecedor de grande volume", diz a gerente de assuntos sociais e ambientais do grupo, Stéphanie Mathey.

O potencial de mercado para os grãos brasileiros não transgênicos pode se expandir com a nova iniciativa do Carrefour, mas já é relevante. "O produto não-transgênico não é mais um nicho: 70% do porco que vendemos na França é livre de transgênicos", diz a executiva.

Considerado a principal fonte de soja não-transgênica do mundo, o Brasil exportou no ano passado cerca de 5 milhões de toneladas de soja convencional em grão, e outros 6,5 milhões de toneladas de farelo de soja não transgênico, segundo a Associação Brasileira de Grãos Não Transgênicos (Abrange). Esses volumes equivalem a 18% da soja em grão e a 48% de todo o farelo exportados pelo país.

Embora garanta que nenhum produto de marca própria na França contenha ingredientes transgênicos desde 2001, o Carrefour ainda não consegue certificar toda essa produção. Por isso, apenas as carnes de aves e suínos passaram a levar o selo de livre de transgênicos no ano passado, após a França liberar a rotulagem de produtos não transgênicos. A carne bovina vendida pelo grupo na França, por exemplo, é fornecida por 22 mil pecuaristas e não leva o selo. "Seria impossível certificar todos esses produtores", justifica Stéphanie.

Douglas Luccena



Stéphanie Mathey
Gerente de assuntos sociais e ambientais

"O produto não transgênico não é mais de nicho. Cerca de 70% da carne de porco que vendemos na França já é livre de transgênicos, por exemplo, e queremos levar esse programa para nossos produtos de marca própria no resto do mundo"

O curioso é que o Carrefour escolheu começar o programa pelas carnes, produtos nos quais é impossível identificar traços de transgenia, uma vez que a proteína do DNA da soja não entra no organismo dos animais. Os alimentos processados, que poderiam indicar a presença de transgênicos, não levam o selo.

Ainda assim, o Carrefour faz estudos para expandir a política de marca própria livre de transgênicos para outros países, inclusive o Brasil. "Essa política deve ser do grupo, e vamos levá-la para outros mercados", garante Stéphanie. Por conta da oferta de soja não transgênica, o Brasil pode entrar logo na lista.

Apelo comercial

A experiência com a venda de carnes livres de transgênicos na França dá o embasamento comercial para essa expansão. Sem detalhar números, Stéphanie garante que as vendas das linhas que ganharam o selo no segundo semestre de 2010 têm subido desde então. "Pesquisas já mostravam que 63% dos europeus deixariam de comer uma carne se soubessem que a ração utilizada em sua produção continha transgênicos", diz ela.

Mas em mercados como o Brasil, produtos como o óleo de soja rotulados como transgênicos não apresentaram queda nas vendas, segundo os fabricantes. Isso pode indicar que o potencial para produtos como a carne sem transgênicos seja pouco atrativo no país.

Expandir a linha de não transgênicos para outros países também incorrerá em custos adicionais para o Carrefour. No caso da França, os custos da nova linha não aumentaram, porque os produtos já eram livres de transgênicos antes mesmo da criação do selo. "Existe um custo de segregar os grãos da fazenda até o prato, mas esses custos são divididos ao longo da cadeia e não chegam ao consumidor", garante Stéphanie.

A decisão do Carrefour, no entanto, não está só ligada a questões comerciais, diz Stéphanie. O grupo não quer arcar com os riscos dos transgênicos. "Decidimos tirar os transgênicos de todos os produtos de marca própria na França em 1998 pelo princípio da precaução, mas hoje mantemos essa política pelo princípio da prevenção." Ou seja: para o grupo, os riscos sociais, éticos e ambientais dos transgênicos são uma certeza e a empresa pode ser responsabilizada por eles no futuro. Se esses riscos realmente existem, a questão para o Carrefour agora é deixar de proteger apenas os clientes e as filiais europeias contra eles. ■



Toda a carne de frango e porco da marca Carrefour vendida na França leva o selo de livre de transgênicos

EXPORTAÇÃO
6,5 milhões
de toneladas de farelo de soja não transgênica foram exportados pelo Brasil em 2010. Isso equivale a 48% das exportações nacionais.

FORNECIMENTO
200 mil
toneladas de soja não transgênica brasileira são consumidas como ração para a produção das aves e suínos do Carrefour na França.

NA GÔNDOLA
70%
da carne de porco vendida pelo grupo na França vem de animais alimentados com ração livre de transgênicos.

Jadson Marques



Ambev investe R$ 160 milhões em ampliação de fábrica no RJ

A iniciativa elevará em 35% a capacidade da fábrica de Piraí, na região sul do estado. Esse é o primeiro aporte de um total de R$ 2,5 bilhões previstos para o ano para ampliar a capacidade de produção em todo o país. Segundo Marcus Emanoel Galeb, diretor de tributos da Ambev, a fábrica de Piraí opera hoje com quase 100% de sua capacidade instalada. Com as obras, será incorporada a produção da cerveja Skol 360º, além de ampliar a de garrafas retornáveis de 600ml e latas. A unidade passará a produzir 700 milhões de litros de bebida por ano. A ampliação de Piraí é estratégica por abastecer os mercados do Rio, Minas e São Paulo. O Rio de Janeiro é responsável por 19% da produção de cerveja e 11% de refrigerante do total fabricado no país pela Ambev.

Fabrice Dimier/Bloomberg



Fusão com Pão de Açúcar teria de resistir a crivo do Cade

Informação de jornal francês é considerada pouco provável pelo mercado

Uma fusão entre o Carrefour e o Pão de Açúcar, hipótese levantada no fim de semana por um jornal francês, é considerada pouco provável por especialistas do mercado. "Esse tipo de fusão com certeza implicaria na manifestação do Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica), como aconteceu anteriormente com o Grupo Pão de Açúcar e as Casas Bahia", diz Cláudio Felisoni, presidente do conselho do Provar, Programa de Administração de Varejo da Fundação Instituto de Administração da Universidade de São Paulo (FIA-USP). Além de tal ação não ser facilmente absorvida pelo Cade, Felisoni acredita que não seria vantajoso para o Carrefour, como se pensa.

"A despeito dos maus resultados no ano passado, a operação da varejista francesa no Brasil é exitosa, a maior fora da França."

Uma provável operação de fusão começou a ser noticiada pelo mercado depois que o francês *Journal du Dimanche* publicou no domingo, sem citar fontes, que o Carrefour tem estudado a possibilidade de fundir sua unidade brasileira com o Pão de Açúcar. "No ano passado surgiram rumores de que o Carrefour gostaria de vender suas operações no Brasil e depois não aconteceu", diz Maurício Morgado, professor do Centro de Excelência em Varejo da EAESP da Fundação Getúlio Vargas.

Na avaliação de especialistas, um acordo do tipo levantaria questões de concorrência e provavelmente receberia oposição do grupo francês Casino, rival do Carrefour e dono de 35% do Grupo Pão de Açúcar. A possível fusão levaria as duas redes a responderem, juntas, por quase 28% do setor supermercadista brasileiro com faturamento de R$ 65 bilhões, sendo R$ 36,1 bilhões do Pão de Açúcar e R$ 29 bilhões do Carrefour. O Wal-Mart ocupa atualmente a terceira posição no país, com 11,2% do mercado e cerca de 22 bilhões de faturamento.

> "Mesmo com sinergias entre os dois varejistas, existem obstáculos legais e societários
>
> **Sílvio Laban,** professor de marketing do Insper

Já Sílvio Laban, professor de marketing do Insper, acredita que as barreiras da negociação vão além das questões regulatórias do Cade. O Pão de Açúcar ainda está consolidando as operações do Ponto Frio e Casas Bahia. O Carrefour, por sua vez, continua em processo de substituição do comando no país, no entanto, precisa superar a concorrência. "A única remotíssima possibilidade de interesse do Pão de Açúcar na transação é a saída da família Diniz da operação, mas não há provas disso", diz Laban. Um sinal de que a informação tem pouco fundamento é a reação das bolsas. As ações do Pão de Açúcar apresentaram alta 0,43% e do Carrefour caíram 0,71% em Paris. ■ **Estela Silva, Mariana Celle com Reuters**

RANKING

Atacado cresce 8,2% em 2010 e supera a expectativa do mercado

O Norte e o Centro-Oeste do país são as regiões onde o segmento atacadista mais tem crescido, revela pesquisa da Associação Brasileira de Atacadistas e Distribuidores (Abad) feita em parceria com a consultoria Nielsen. Juntas, as 412 empresas mais representativas faturaram R$ 151,2 bilhões em 2010, aumento real de 8,2%.
"Em 2009 o Nordeste foi o destaque. Mas no ano passado os estados do Norte e Centro-Oeste cresceram acima da média nacional", diz Carlos Eduardo Severini, presidente da Abad.
O resultado superou a expectativa da entidade, que previa alta de 6%. O aumento de 8,2% é o dobro do registrado em 2009 e, segundo a Abad, reforça que o segmento saiu da crise fortalecido.
Quanto ao ranking das maiores empresas, nenhuma mudança entre as líderes. O Makro segue em primeiro lugar, com receita de R$ 5,8 bilhões, seguido por Assaí, do grupo Pão de Açúcar, que faturou R$ 3,2 bilhões e Tenda, cujas vendas somaram R$ 1,3 bilhão. Roldão, Spani, Vilefort, Apoio Mineiro, Mart Minas, Atacado Atakarejo, e Toni completam a lista dos dez maiores.
O Atacadão, do Carrefour, e o Maxxi Atacado, do Walmart, apesar de terem participação expressiva no mercado, não abrem seus números para o ranking.
Atualmente, o segmento emprega 72 mil pessoas, 10% a mais do que em 2010. "Estamos passando por uma mudança no modelo de gestão de recursos humanos, empregando mais e investindo em tecnologia e no treinamento dessa mão de obra", afirma Severini.
Atualmente, 95% dos supermercados pequenos, ou seja, com até quatro caixas, e 40% dos supermercados médios, que operam com no máximo 19 checkouts, são abastecidos por atacadistas. O bom desempenho do segmento é reflexo do crescimento do pequeno e médio varejo, responsáveis pelo atendimento da maior parte dos consumidores das classes populares. **Cintia Esteves**

EMPRESAS

PETRÓLEO 1

Água Grande recebe aprovação para compra de 30% de bloco no país

A empresa de exploração de petróleo controlada pela canadense Brookwater Ventures recebeu aprovação para comprar uma participação em um campo na Bacia do Recôncavo, disse a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis ontem. A Água Grande comprou a participação minoritária no bloco que pertencia à Somoil Internacional de Petróleo e à Sonangol Starfish, unidade brasileira da Sonangol.

Ag. Petrobras



PETRÓLEO 2

Petrobras inicia perfuração de campo Franco, na Bacia de Santos, informa a ANP

A companhia iniciou a perfuração do campo Franco, comprado no ano passado como parte da capitalização de US$ 70 bilhões, de acordo com informações da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis. A Petrobras espera extrair 3,1 bilhões de barris de óleo do campo, localizado em águas profundas na Bacia de Santos, disse a Petrobras em setembro.

Sanrio muda estratégia e leva Hello Kitty aos supermercados

Responsável pelo licenciamento da personagem fecha negócio com dona do suco Yammi

Amanda Vidigal Amorim
avidigal@brasileconomico.com.br

Depois de consagrar a gatinha mais famosa do mundo, a Hello Kitty, nos cadernos e materiais escolares brasileiros, a Sanrio multinacional japonesa e detentora da marca, busca agora se firmar nas gôndolas dos supermercados. A empresa, que acaba de fechar uma parceria com a Animated Drinks, marca portuguesa que chega em setembro ao Brasil e tem como atuação principal o licenciamento de personagens para estampar suas caixas de suco Yammi, terá a Hello Kitty em seus sucos. "Queremos ampliar a nossa atuação no segmento de bebidas e alimentos", afirma Chris Daniels, executivo-chefe de operações para a América Latina. A marca portuguesa atua na Europa com personagens como Bob Esponja, Ben 10 e a própria gatinha japonesa.

Mas não é só a Hello Kitty que engorda os cofres da empresa, o sapinho Keropi e o gatinho Chococat, outros personagens já famosos no Brasil, estão no portfólio e são vistos constantemente em produtos escolares. No segmento alimentar, além do contrato com a portuguesa, Daniels diz ter negociações com uma empresa brasileira de refrigerantes para lançar por aqui, algo que já é sucesso no Japão, o refrigerante da Hello Kitty. "Ainda não fechamos o contrato, mas estamos em negociações", afirma o executivo que diz não poder revelar o nome da possível parceira.

O licenciamento é hoje a principal área de atuação da Sanrio. Jean Marc, diretor para América Latina de licenciamentos, afirma que não só no Brasil, — onde a tentativa de lojas próprias iniciada em 2005 não teve sucesso— mas no mundo como um todo, o carro-chefe passou a ser o licenciamento.

Murillo Constantino



Jean Marc: meta para ampliar atuação no segmento alimentar

> "Desde que a empresa começou a estrategicamente concentrar suas ações em licenciamentos de marca, temos visto um crescimento constante
>
> **Chris Daniels,** executivo-chefe de operações para América Latina

Marcelo Cherto, consultor e sócio da GrowBiz, afirma que é preciso saber investir em licenciamento. "Apostar em personagens inanimados é melhor, pois você sabe que não terá nenhum escândalo envolvendo o seu nome, já com celebridades isso não é possível", afirma. Além disso, Cherto acredita que é preciso estar preparado para mudanças de interesse. "Às vezes você é surpreendido pela empresa que resolve não renovar o contrato, é preciso então buscar uma alternativa para o negócio."

Mas o que se sabe é que o mercado de licenciamentos está crescendo. A Associação Brasileira de Licenciamento afirma que no ano passado o segmento movimentou R$ 4,410 bilhões. Para este ano a expectativa é de crescer 6%. "É mais barato você investir em um personagem, uma marca que já está consolidado no mercado do que fazer isso com uma marca desconhecida", afirma Cherto.

Aproveitando o sucesso mundial de suas marcas que a Sanrio concentrou suas forças no licenciamento. A América Latina representa 10% do faturamento global da empresa, que fechou o ano passado com US$ 937 milhões (R$ 1,5 bilhão). Só o Brasil apresentou um crescimento de 77% na comparação de 2009 com 2010, mas os valores em separado não são divulgados. Jean Marc atribui o forte crescimento ao reposicionamento da Sanrio. Para engordar os cofres, os royalties cobrados variam de 4% a 12%, dependendo do segmento de atuação. Bebidas e alimentos, como têm um volume grande de vendas, acabam recebendo menos do que outras áreas. ■

DIVERSIFICAÇÃO

Personagens menos conhecidos vão às coleções de moda

Apesar do investimento que a Sanrio tem feito para aumentar seu portfólio na área de alimentos, a moda também ganha reforço. Com contrato firmado de licenciamento da Hello Kitty com a C&A para a produção de roupas infantis há alguns anos, a concorrente Riachuelo resolveu apostar em outros personagens, menos conhecidos do que a gatinha, mas também de forte apelo comercial. "Como as duas são concorrentes, fechamos o licenciamento de outros personagens, como o Keropi e o Chococat, o que vai ser bom para a Sanrio também, já que não é só de Hello Kitty que a empresa vive", afirma Jean Marc, diretor de licenciamentos para a América Latina. Outra tacada para ganhar um novo público foi investir nas mulheres mais velhas e descoladas. A estilista paulistana Fernanda Yamamoto, conhecida por uma roupa moderna e de alto padrão, mostrará em junho, na coleção de verão da São Paulo Fashion Week, cerca de 30 peças inspiradas na gatinha japonesa. "Desenvolvi duas estampas corridas e vou mostrar que a Hello Kitty não é coisa só para criança", afirma a estilista. **A.V.A.**

EMPRESAS

CONCORRÊNCIA

IBM supera Microsoft em valor de mercado pela primeira vez desde 1996

A IBM superou em valor de mercado a Microsoft pela primeira vez desde abril de 1996. De acordo a Reuters, o valor de mercado das principais companhias de tecnologia ainda é liderado pela Apple, com US$ 308,3 bilhões, a IBM, em 203,5 bilhões e a Microsoft, com US$ 201,3 bilhões. As ações da IBM estavam em queda de 1,2%, a US$ 168,24, enquanto as da Microsoft recuavam 1,6%, para US$ 24,10.

Joshua Lott/Reuters



VAREJO

Walmart forma equipe para se expandir na Europa, diz jornal *The Independent*

O Walmart está formando uma equipe em Londres para conduzir um plano de expansão na região. O grupo levará uma equipe a Londres para buscar oportunidades de fusões de aquisições na Europa, e contratou a Cushman & Wakefield para procurar um escritório com capacidade para entre 35 e 55 pessoas, segundo o jornal. O Walmart apresentou na semana passada queda de 1,1% nas vendas nos EUA no primeiro trimestre.

Juan Quirós investe em carne de

Produto deve chegar ao mercado no primeiro trimestre de 2012 após um ano de estudos e pesquisas

Françoise Terzian
fterzian@brasileconomico.com.br

O empresário Juan Quirós, presidente e acionista controlador do grupo Advento, que faturou R$ 1,4 bilhão no ano passado a partir da atuação nas áreas de construção e infraestrutura, está pisando em novos campos. A partir de novembro, ele estreia no mercado de carne de cordeiro, um projeto idealizado por sua filha Priscila, que elaborou todo o plano de negócios após concluir a faculdade de administração, em 2009. A inspiração veio da família de origem espanhola que, há 100 anos, cria ovinos em Oviedo, capital das Astúrias, e também do potencial do mercado brasileiro que tem aumentado o consumo de carne de cordeiro e recebido menos importações do Uruguai, que é um grande fornecedor.

Há dois anos, Priscila fez um teste com um pequeno rebanho em uma fazenda da família em São Paulo. Depois de um ano de muitos estudos e pesquisas, a jovem empreendedora de 23 anos convenceu o pai a investir em uma nova fazenda de 120 alqueires em Morungaba (SP), com galpão de confinamento para 10 mil cordeiros, fabricação de ração para os animais e um investimento de R$ 6 milhões — R$ 4 milhões aportados até o momento. A família estuda agora a construção de um abatedouro.

No final de novembro, a empresa batizada de Cabanha Oviedo terá seu primeiro lote de cordeiros, o que levará ao lançamento da marca Premium Lamb no primeiro trimestre de 2012. Neste primeiro ano de operação, a expectativa é faturar R$ 2,5 milhões.

No começo, as vendas de cortes in natura serão voltadas aos restaurantes e empórios, já que a produção não terá escala para abastecer um grande número de consumidores. Em 2013, a ideia é abrir três boutiques de carne — na capital paulista, em Campinas e outro município ainda não definido.

A marca comercializará diferentes tipos de cortes, como paleta e pernil, e pretende estimular que os chefs de cozinha criem novos cortes, o que permitirá até a venda do produto temperado.

Priscila explica que o ponto de equilíbrio do negócio deve acontecer em dois anos. Já o retorno do investimento, calcula ela, deve vir em cinco anos.

> “O consumo anual de carne de cordeiro no Brasil é de 700 g/habitante/ano. O mercado tem condições de crescer pelo menos 3 vezes nos próximos anos
>
> **Priscila Quirós**



Ovelhas

Hoje, a Cabanha Oviedo tem 1,5 mil matrizes (ovelhas genitoras) e, ao final de 2012, a meta é chegar a 3,5 mil. No primeiro trimestre de 2012, quando a carne premium do cordeiro estiver à venda, a empresa estará fornecendo de 6,5 a 8 toneladas por mês.

Hoje, a empresa tem sete funcionários e a meta de abater os cordeiros com idade entre 100 a 120 dias, o que deve resultar em uma carne mais suave e macia.

Um dos grandes desafios dos produtores brasileiros de cordeiro é a matéria-prima. Só no estado de São Paulo há 10 produtores disputando os animais, explica Beno Zaterka, diretor-executivo do frigorífico e da marca Clube do Cordeiro. E Priscila sabe disso. “Estamos em busca de parceria com outros criadores, porque neste mercado a gente tem que somar forças. Só sobrevive quem tem estrutura e escala.”

Se todo o pequeno produtor decidir ter sua marca própria não vai fechar as contas e tampouco irá conseguir obter uma fatia de mercado, diz Priscila. A parceria funciona da seguinte maneira: Os associados devem criar as mesmas raças que nós.

Como o plano da Cabanha Oviedo é de longo prazo, o objetivo é investir em genética voltada à produção de carne. Priscila já está de viagem marcada para a Nova Zelândia, Austrália e África do Sul, berços da ovinocultura, onde pretende buscar respostas referentes à padronização. ■

Segundo

Para Priscila Quirós, carne ganha espaço com a menor remessa do produto produzido no Uruguai

O consumo anual de carne de cordeiro no Brasil é de 700 gramas por habitante no ano. Na Austrália, para se ter uma ideia, o consumo chega a 41,2 quilos por habitante por ano. É bem verdade que o país é um dos maiores consumidores mundiais. Mas o Brasil oferece muito potencial para o médio e longo prazos.O vizinho Uruguai, que é um grande fornecedor, consome 6,2 quilos por ano por habitante.

TECNOLOGIA

Foxconn confirma terceira morte em fábrica devido a explosão de pó combustível

A Foxconn Technology confirmou a morte da terceira pessoa na explosão de sexta-feira em uma fábrica no sudoeste da China que a mídia local afirma que produz o iPad 2. Uma força-tarefa liderada por autoridades do governo informou que indicações preliminares apontam para uma explosão de pó combustível em um duto de uma área de polimento na fábrica, de acordo com a taiunesa Foxconn.

Tomohiro Ohsumi/Bloomberg



RESULTADO

Crises fazem com que Sony estime prejuízo líquido anual de US$ 3,2 bilhões

A Sony prevê que vai sofrer um prejuízo líquido de US$ 3,2 bilhões para o ano fiscal encerrado em 31 de março por causa de baixa contábil sobre créditos fiscais. A companhia tem tentado se recuperar do terremoto de março no Japão e, mais recentemente, foi atingida por uma invasão de sua rede PlayStation Network que expôs mais de 100 milhões de contas de usuários. O prejuízo líquido será o segundo maior já sofrido pela Sony .

cordeiro

desenvolvidos pela filha do empresário



Juan e Priscila Quirós, na fazenda de Morungaba (SP): primeiro lote de cordeiros sai em novembro

Fotos: Marcela Beltrão

PASTORES MAREMANOS DA ITÁLIA

Proteger o rebanho é o grande desafio dos produtores de cordeiros. Para sua segurança, a família Quirós importou três cachorros maremanos da Itália. Cada um custa entre € 5 mil e € 15 mil. Esta raça é conhecida pela proteção às ovelhas e cordeiros. Os cães, que devem ser incorporados ao ambiente desde pequenos, chegam a pensar que são ovelhas e convivem com elas. De noite, contudo, eles ficam acordados para protegê-las de predadores como onças. A pastora ao lado chama-se Nina Del Antico Tratturo, que já se encontra na fazenda da Cabanha Oviedo, em Morungaba (SP). Em três semanas, o filhote Ruggero chega de avião da Itália. Ele é filho do campeão europeu Drago (2010). Futuramente, haverá um cruzamento entre Ruggero e Nina, o que dará origem à primeira ninhada brasileira com linhagem igual à dos maremanos italianos. Dois dos futuros filhotes foram prometidos aos italianos. Outros poderão ser vendidos a produtores locais. **F.T.**

criadora, consumo deve triplicar

A Premium Lamb é resultado de um cruzamento triplo de raças dos Estados Unidos e da Nova Zelândia, do Nordeste brasileiro e da África do Sul

A média mundial de consumo de carne de cordeiro é de 4,7 quilos por habitante por ano. Para atingir a média mundial, Priscila Quirós, a idealizadora da empresa Cabanha Oviedo, diz que o Brasil terá que ostentar um rebanho de 58,7 milhões de carcaças (de 16 quilos cada), apenas para consumo próprio.

Priscila acredita que o mercado tem condições de crescer pelo menos três vezes mais nos próximos anos. Ela explica que a demanda vai crescer não só pelo uso frequente da carne por parte dos chefs de cozinha, mas principalmente pelo fato de o Uruguai, o maior fornecedor da carne para o Brasil, ter encontrado três novos compradores que passaram a pagar mais pelo produto, a exemplo dos Estados Unidos, do México e do Canadá. “Já fazia um tempo que o Uruguai tentava exportar carne para os americanos, mas só tiveram autorização em 2009. Isso foi muito bom para o Brasil, pois a carne de cordeiro disparou de preço, impulsionando grandes investimentos neste mercado”, diz Priscila.

Cruzamento

A marca Premium Lamb é resultado de um tricross, cruzamento triplo das raças Poll Dorset (há desde linhagens dos Estados Unidos até da Nova Zelândia), Santa Inês (originária do nordeste brasileiro) e White Dorper (da África do Sul).

A ideia é que os produtores parceiros também façam o tricross, de forma a ter uma padronização de carne. Para tanto, a família Quirós pretende oferecer consultoria na parte de alimentação, manejo e sanidade dos animais. A busca é por produtores que tenham um volume de produção elevada para juntos ganhar mais escala. ■ **F.T.**

CONFINAMENTO

10 mil

cordeiros podem ser confinados na fazenda dos Quirós em Morungaba, no interior de São Paulo. A área total é de 120 alqueires.

INVESTIMENTO

R$ 6 milhões

É o investimento total estimado na fazenda. Já foram aportados R$ 4 milhões. A expectativa é faturar R$ 2,5 milhões neste ano.

EMPRESAS

TRABALHO

Funcionários da Eletrobras param por 24 horas por reajuste salarial de 11,2%

Segundo o diretor do Sindicato dos Eletricitários do Rio de Janeiro, Emanuel Mendes Torres, a greve se deve à falta de uma contraproposta ao pedido da categoria. O índice de 11,2% é uma composição da inflação medida pelo IPCA no período, 6,68%, e 4,7% referente ao aumento do consumo de energia nos últimos três anos, pedido recorrente e nunca atendido. A direção se reúne com os sindicalistas na próxima quinta-feira,

Svilen Milev/SXC



TELECOMUNICAÇÕES

Chamadas de telefones fixos entre 560 municípios terão custo local

A partir de 28 de maio, usuários de telefones fixos de 39 regiões metropolitanas e três regiões integradas de desenvolvimento poderão realizar chamadas a custo de ligação local para municípios que apresentem continuidade geográfica e mesmo código de área nacional ("DDD"). A medida beneficiará, direta ou indiretamente, até 68 milhões de pessoas em todo o Brasil, em cerca de 560 municípios.

Sita faz planos para dobrar receita em aeroportos no país

Companhia belga de tecnologia para empresas de aviação quer participar de projetos envolvendo a Copa e a Olimpíada no Rio

Dubes Sônego
dsonego@brasileconomico.com.br

A belga Sita, companhia especializada em tecnologias para a operação de aeroportos e companhias aéreas, está otimista com o mercado brasileiro. Nos próximos cinco anos, tem a meta de dobrar a receita no país, diz Danilo Soares, vice-presidente da unidade de aeroportos e comunicação da companhia para a América Latina e Caribe. O executivo, porém, não revela o faturamento da subsidiária.

Um dos principais motivos para a elevada expectativa em relação ao mercado local são os projetos de expansão dos aeroportos, que deverão sair do papel até a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Este é um mercado no qual a companhia atua fortemente lá fora, mas que no Brasil, na definição de Soares, andava meio "frio". "É um momento extremamente feliz", afirma o executivo.

Só o aeroporto de Natal, o primeiro grande terminal entregue a gestão privada no país, deverá gerar contratos de cerca de R$ 200 milhões nas áreas de interesse da Sita. Ainda que sejam contratos de gestão com duração de 20 anos, afirma Soares, representariam crescimento anual de cerca de R$ 10 milhões na receita da companhia.

E há muito mais por vir. Atualmente, o governo tem licitação aberta para a definição dos novos planos diretores de 14 dos maiores aeroportos do país, que deverão resultar em licitações de obras de expansão no início do próximo ano. A lista inclui Cumbica, Viracopos e Congonhas, Galeão, Santos Dumont e outros de grande porte.

O percentual varia de projeto para projeto. Mas, de modo geral, os investimentos em tecnologia representam cerca de 10% do orçamento de um aeroporto. O pacote inclui desde sistemas de comunicação terra-ar de controle de voo até ferramentas de gestão da infraestrutura aeroportuária e controle do fluxo de passageiros em tempo real. Se todos os projetos de fato saírem do papel, a Sita terá oportunidades de negócios contadas na casa dos bilhões de reais.

> "O Brasil é um dos mercados-chave para a Sita, ao lado de China e Índia. Queremos dobrar nossa receita no país, nos próximos cinco anos
>
> **Danilo Soares**

RECEITA
Foi o último faturamento divulgado pela Sita (2009)
US$ 1,5 bi

NATAL
Potencial de negócios para a Sita no aeroporto do RN
R$ 200 mi

Céu de brigadeiro

Outro mercado que deverá impulsionar as vendas da companhia, diz Soares, é o de companhias aéreas, que cresce com a alta na renda da população.

Só em abril deste ano, a demanda por voos no mercado doméstico cresceu 31,45% em relação ao mesmo período de 2010. Segundo a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), responsável pelo levantamento, no mesmo período a expansão da oferta foi de 15,44%. E, em paralelo ao crescimento do mercado nacional, novas companhias, como Azul, Webjet e Trip, fortalecem sua participação. "O Brasil é um dos mercados chave para o crescimento da Sita, ao lado de China e Índia. Seu mercado de aviação é o quinto maior do mundo", diz Soares.

Na lista de produtos e serviços que a companhia comercializa para este mercado no Brasil estão sistemas voltados à companhias aéreas, que auxiliam o planejamento e controle das escalas de trabalho e treinamento das tripulações; softwares para a elaboração de planos de voo; totens usados para fazer check-in; sistemas de seleção e rastreamento de bagagens e de coordenação de embarque e abastecimento das aeronaves.

Como não produz diretamente todos os produtos que utiliza em seus sistemas, a companhia não precisará realizar grandes investimentos para atender ao crescimento da demanda. O trabalho realizado pela Sita é centrado no desenho de sistemas, em sua integração e gestão. ■



HISTÓRICO

- A Sita foi criada em 1949, por um grupo de 11 companhias aéreas que incluía Air France, KLM, Swissair e TWA.
- Em 2009, último período para o qual a companhia divulgou o balanço, o faturamento foi de US$ 1,5 bilhão.
- Segundo informações oficiais da empresa, a Sita atua hoje em cerca de 200 países e territórios, com 3,2 mil clientes.

TRÁFEGO AÉREO

Contrato com Decea terá primeira fase concluída neste ano

A Sita espera concluir até o final deste ano a implantação da primeira fase do contrato de modernização da infraestrutura de comunicação de dados (Datalink) do Departamento de Controle do Espaço Aéreo (Decea). A modernização é necessária para que o país possa comportar o aumento do tráfego nos próximos anos e o pico de demanda com a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Assinado no início deste ano, o contrato com a Sita tem duração de 20 anos e prevê também a operação do sistema, pelo modelo de concessão.

COLABORAÇÃO

CNN e Nokia anunciam parceria para serviços de localização e notícias

A CNN e a Nokia anunciaram parceria onde a Nokia passa a ser parte da lista de provedores de mapeamento, entregando mais tecnologia para a rede de notícias. Esta parceria estreou com o uso do Nokia 3D Maps por meio das plataformas da CNN em sua cobertura do casamento real. A parceria inclui aplicativos da CNN para Nokia que oferece acesso móvel às notícias da CNN, assim como streaming em vídeo.

Divulgação



AVIAÇÃO

Azul Linhas Aéreas incorpora dois novos aviões e aumenta frota para 36 aeronaves

A companhia brasileira recebeu um novo jato Embraer 195, com capacidade para transportar 118 passageiros, e um turboélice ATR 72-200, para 70 passageiros. Com estas duas aeronaves, a Azul aumenta para 36 aeronaves sua frota que é composta por jatos Embraer modelos 190 e 195, e por ATR 72-200. A empresa informa que o objetivo é ampliar a oferta de voos para atender o aumento da demanda no mercado.

Deisi Rezende/Ag. O Dia

Danilo Soares, vice-presidente da Sita: momento feliz para investir no país

Isenção de impostos aquece mercado nacional de tablets

Medida provisória que desonera produto em 31% deve fazer com que dez novas marcas passem a ser fabricadas no país

Carolina Pereira
cpereira@brasileconomico.com.br

O governo publicou no *Diário Oficial* da União desta segunda-feira uma medida provisória que prevê incentivos fiscais para os tablets produzidos no Brasil. Desta forma, o equipamento passa a se encaixar na mesma categoria dos PCs e dos notebooks fabricados localmente. A medida desonera o produto da incidência do PIS/Cofins.

Segundo o ministro da Fazenda, Guido Mantega, a regulamentação, que era aguardada pelas fabricantes, permitirá a redução de até 31% nos impostos que incidem sobre o produto. "O custo do tablet no Brasil será igual ao custo lá fora. Como temos um grande mercado, é conveniente que as empresas se instalem aqui", disse Mantega.

Mesmo sem os incentivos, as multinacionais Samsung e Motorola já fabricavam o equipamento no país. No entanto, segundo a Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), o consumidor só deve sentir os efeitos da MP depois que o governo aprovar os pleitos de concessão de incentivos apresentados pelas empresas instaladas no país. Cada pedido de isenção é analisado separadamente, portanto o impacto no preço não é imediato.

A Motorola afirma já ter enviado seu pedido ao governo e diz que a estratégia de precificação do tablet da empresa será revisada após a aprovação dos benefícios. Atualmente, o produto custa R$ 1,9 mil. Além de Samsung e Motorola, outras empresas já manifestaram a intenção de produzir tablets no país ainda neste ano, como as brasileiras Positivo e Itautec.

A redução da tributação dos tablets também é uma das exigências da taiwanesa Foxconn para começar a produzir o iPad, da Apple, no Brasil. Segundo informou o governo durante viagem à China, em abril, a produção local do iPad deve começar até novembro e vai representar investimento de US$ 12 bilhões.

De acordo com Ivair Rodrigues, da consultoria IT Data, a medida deve atrair cerca de dez novos fabricantes ao país ao todo, entre eles empresas como Lenovo e Asus. Apesar disso, o especialista não acredita que a diminuição dos preços irá impactar nas vendas de notebooks e desktops. "O tablet é mais uma opção. Ficará entre o smartphone e o notebook", diz.

O próximo passo do governo deve ser a publicação de uma portaria incluindo os tablets no Processo Produtivo Básico, o que possibilitará do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). ■ **Com Agência Brasil**

Medida era uma das exigências da taiwanesa Foxconn, que planeja iniciar produção do iPad, da Apple, no país

PREÇO

R$ 1,9 mil

É quanto custa hoje um dos tablets fabricados no país, o Xoom, da Motorola. Valor deve diminuir cerca de 30% com a medida provisória.

MERCADO

100 mil

Tablets foram vendidos no país no ano passado, quando a categoria ganhou força, de acordo com a consultoria IDC. Dessas, 64 mil unidades eram do iPad, da Apple.

Robert Galbraith/Reuters



Custo de tablet no país deve ser igual ao do exterior

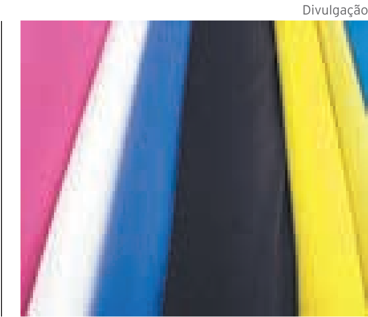
EMPRESAS

ENERGIA

Impsa inaugura o maior parque eólico da Argentina, com investimento de R$ 96 mi

O empreendimento está situado 20 quilômetros ao sul da cidade de Aimogasta. Com 12 aerogeradores que garantirão 20% da energia elétrica utilizada por toda a província de La Rioja, o parque fornecerá energia limpa para o consumo de mais de 30 mil moradias. Durante o ano de 2012 serão instalados mais 12 equipamentos, duplicando assim, a capacidade instalada e totalizando 50 megawatts (MW).

Divulgação



TECIDOS

Invista faz aporte de US$ 100 milhões em nova unidade de produção de fio lycra

A companhia americana informa que as obras em Paulínia, no interior de São Paulo, onde a Invista já possui uma unidade, serão iniciadas imediatamente, com previsão de inauguração para o final de 2012. "O Brasil é um mercado em crescimento para nossos negócios", diz o presidente do negócio de Fibras Têxteis, David Trerotola. "A expansão da nossa fábrica é reflexo do crescimento de nossos clientes".



Refinaria da Petrobras: investimentos em novos projetos poderão ser prejudicados

Petrobras corta projetos para manter grau de investimento

Preocupação é garantir nota positiva de agências de classificação de risco para obter crédito mais barato

Ricardo Rego Monteiro
rmonteiro@brasileconomico.com.br

A revisão do novo Plano de Negócios da Petrobras, determinada pelo conselho de administração da companhia no último dia 13, visa a impedir a perda do grau de investimento concedido pelas agências de risco à estatal em 2005. Sem poupar nem mesmo a área de Exploração e Produção da empresa, a readequação deverá impedir a expansão para áreas do chamado Nordeste Equatorial, identificado por técnicos da estatal como a mais nova fronteira exploratória do Atlântico Sul. Tais áreas fazem parte do portfólio de blocos cuja concessão será leiloada na 11ª Rodada da Agência Nacional do Petróleo (ANP), em setembro.

Executivos da própria Petrobras admitem que, do jeito que estava concebido, o novo plano previa entre US$ 250 bilhões e US$ 260 bilhões para o período 2011-2015. Nesse montante, aumentaria o limite de endividamento da empresa para um patamar acima dos atuais 35% do patrimônio líquido. O limite é considerado necessário, pelas agências, para manutenção do chamado investment grade.

Concedida a empresas consideradas com baixo risco de calote, a classificação permite à Petrobras captar recursos no mercado de capital com taxas menores e prazos mais favoráveis. Também assegura às ações da companhia os recursos de fundos de pensão e investimento estrangeiros que só aplicam em ativos com essa classificação. Por isso mesmo, advertem especialistas, a perda do grau de investimento cairia como uma bomba sobre a diretoria da empresa, com riscos de comprometimento da credibilidade dos atuais gestores.

Proposta exequível

A revisão, de acordo com diretores da companhia, impõe o desafio de readequar a proposta orçamentária a um patamar próximo dos US$ 224 bilhões do plano atual (2010-2014), sem comprometer projetos que atendem não só a interesses do país, mas também da própria empresa e de governos locais. Por isso, todos os diretores da estatal têm trabalhado em tempo recorde em uma proposta ao mesmo tempo econômica e exequível, com o mínimo de cortes possível.

> Companhia deverá manter cronograma do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro e da refinaria Abreu e Lima (PE), mas as refinarias no Maranhão e no Ceará deverão atrasar

"Todas as diretorias serão obrigadas a reduzir os valores dos projetos, sem diferenciação", argumenta um diretor da empresa. "Estamos trabalhando dia e noite em uma proposta que imponha não só a revisão de todos os contratos, de modo a baratear os projetos, mas também em outras alternativas ainda em estudo. Não há prazo para divulgação do novo plano, embora nossa intenção seja divulgá-lo o mais rápido possível."

Identificada por especialistas e analistas de mercado como a área com maior potencial de corte, a diretoria de Abastecimento, responsável pela construção de cinco novas refinarias até 2017, deverá, de acordo com técnicos da companhia, preservar as refinarias Abreu Lima, em Pernambuco, e as duas unidades de refino previstas para o Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj). Apesar de pressões políticas em contrário, outras duas, as refinarias Premium 1 e 2, deverão ter a implantação empurrada para frente. As duas estão previstas, respectivamente, para os estados do Maranhão e Ceará. ■

GANHOS E PERDAS

- A redução de investimentos tem como objetivo manter a avaliação da Petrobras como uma companhia de baixo risco e facilitar a captação de recursos.
- O impacto dos cortes no orçamento deve ser menor na área de exploração e produção.
- Projetos exploratórios no Nordeste, no litoral do Ceará e de Alagoas, porém, podem ser prejudicados.
- As refinarias Premium 1 e 2, nos estados do Maranhão e do Ceará, deverão ter a implementação atrasada.

SAÚDE

St. Jude Medical inaugura fábrica de equipamentos médicos em Belo Horizonte

A nova unidade concentrará a produção da válvula biológica e válvulas de tecido, que são usadas para substituir válvulas do coração danificadas, defeituosas ou aórticas cardíacas que possuam mal funcionamento. A companhia informou que realizou investimentos de US$ 25 milhões e programa um aporte adicional de US$ 200 milhões em infraestrutura, capital e salários até o final de 2016.

Qilai Shen/Bloomberg



ELETRICIDADE

Francesa Areva conclui aquisição do total do capital da brasileira Areva Koblitz

O grupo de energia nuclear francês Areva anunciou hoje a compra de uma participação de 30% que ainda não possuía em sua unidade brasileira de engenharia elétrica, a Areva Koblitz. O valor do negócio não foi revelado. Em 2008, a Areva comprou 70% da Areva Koblitz, uma fornecedora de soluções integradas para geração e cogeração de energia no Brasil. O objetivo é investir em energias renováveis no país.

Isaac Sabá/Ag. Petrobras



INVESTIMENTOS
Valor inicial previsto para o período de 2011 a 2015

US$ 260 bi

REDUÇÃO
O orçamento deverá ser reduzido para

US$ 224 bi

LIMITE
do endividamento em relação ao patrimônio líquido

35%

Exploração de novos poços no Nordeste será prejudicada

Companhia pode perder para outras petrolíferas negócios em Alagoas e no Ceará

A área de Exploração e Produção, proporcionalmente, deverá sofrer os menores cortes. A orientação é centrar os investimentos no desenvolvimento de campos já devidamente explorados. Com isso, menos recursos deverão ser canalizados para as licitações de áreas de concessão e perfuração de novos poços exploratórios. A diretriz atinge os planos de uma parte dos técnicos da diretoria da área, que pretendem ampliar a presença da companhia na porção Nordeste da chamada margem equatorial, entre os estados de Alagoas e Ceará.

> Área de exploração, em menor profundidade que o pré-sal, é contígua a região na Nigéria onde a Shell fez descobertas recentes

O entusiasmo com a área, localizada em lâmina d'água de 2 mil metros — em menor profundidade que o pré-sal —, se deve às descobertas anunciadas recentemente pela anglo-holandesa Shell na na costa oeste da África, na Nigéria. As descobertas, bastante promissoras, ocorreram em uma área contígua à margem equatorial Nordeste. A nova orientação não só reduz a capacidade de investimento da companhia nessa nova fronteira, como também abre caminho para a aquisição dos blocos por outras petrolíferas. ■ **R.R.M.**

EMPRESAS

INTERNET

Carros da Toyota serão "amigos" dos motoristas em rede social

A Toyota e a empresa de computação em nuvem Salesforce.com irão desenvolver um serviço de redes sociais que permitirá aos motoristas se tornarem "amigos" de seus carros e receberem lembretes sobre manutenção do carro e outros avisos. O acordo marca a segunda parceria entre a montadora e uma empresa de software: em abril, com a Microsoft, anunciou planos de levar serviços conectados à Internet aos carros.

Murillo Constantino



FORA DA PASSARELA

Estilista Juliana Jabour diz que não vai desfilar na São Paulo Fashion Week

Por falta patrocinador, a estilista mineira **Juliana Jabour**, que inaugurou sua primeira loja no Shopping Higienópolis neste mês, decidiu não apresentar a coleção de verão no próximo São Paulo Fashion Week, que acontece de 13 a 18 de junho, no Prédio da Bienal no Parque do Ibirapuera. "Fazer desfiles é muito importante para a marca, mas nesta edição era um investimento muito alto. No inverno 2012, estarei de volta na passarela."

No Fashion Business, M.Officer planeja sua entrada na bolsa

Carlos Miele, que detém quatro marcas, diz que abertura de capital é a única forma de sustentar expansão

Alexandra Farah
afarah@brasileconomico.com.br

Coube à voz suave de Brigitte Bardot, cantando em francês "Não vem que não tem", embalar os primeiros looks da apresentação inspirada no visual dos anos 70 de Carlos Miele, que abriu o Fashion Business, a temporada de moda carioca. O empresário aproveitou para desfilar juntas as suas três linhas, a Carlos Miele, com vestidos de festa, a Miele Jeans, com jeanswear, e a Miele, com roupas mais jovens. Ele, que também é dono da M. Officer, contou nos bastidores que a marca está passando por um processo de profissionalização para, em breve, abrir capital na bolsa de valores. "É o processo natural, único jeito de crescer mais", diz o empresário.

Miele ainda não decidiu se as marcas desfiladas no Rio e vendidas nas 18 lojas Carlos Miele no Brasil e nas outras seis no exterior também vão fazer parte da oferta inicial de ações (IPO, na sigla em inglês). Na passarela, as propostas para o verão 2011/2012 apontam para o uso de varias cores fortes na mesma roupa. A peça chave da coleção, uma pantalona ampla de duas cores misturou vermelho vivo com rosa e azul com verde bandeira. Os jeans na Miele Jeans, mais sofisticados que os da M.Officer, são rebordados com passarinhos e plantas. "O Rio de Janeiro é uma plataforma para o mercado interno e também para o externo. Em São Paulo, as referencias da moda internacional são mais fortes, tem mais copia. Aqui no Rio, a moda brasileira é mais respeitada."



Miele mostrou cores fortes e destacou acessórios como o chapéu

Fotos: Celso Pupo/Fotoarena



Patrícia Vieira, especialista em couro, trabalhou o tema Espanha

Celebridades e *it girls*

Paul McCartney, que está hospedado no Copacabana Palace para uma serie de shows no Rio de Janeiro, não desceu para os desfiles. O Beatle não veio, mas nem por isto faltaram estrelas internacionais. Patrícia Viera, especializada em couros, fez o segundo desfile da noite e trouxe da Europa, além de sua irmã, Andrea Dellal, *it girls* como Bianca Brandolini, a namorada do herdeiro da Fiat, Lapo Elkann.

Fashion Business é realizado no Rio de Janeiro até esta sexta-feira, com 21 desfiles. A partir do domingo, começa o Fashion Rio

Assim como no desfile de Miele, que exibiu sapatos, chapéu e bolsas feitas de palha e crochê, na coleção de Patrícia Viera, a brasilidade também foi reafirmada. Mesmo com o tema Espanha tomando conta da coleção com flores, calças de cintura alta e a combinação de vermelho e preto, foi no detalhe que Patrícia exibiu a excelência da mão de obra brasileira. Com couro perfurado, ela faz estampas ricas em detalhes que lembram rendas delicadas.

Desta vez, Patrícia que neste semestre vai abrir uma fabrica no Sul do país, fez patchwork, abusou das franjas, e até do couro estampado com flores e rebordado com paetês transparentes. "A gente caprichou muito para provar que no Brasil também dá para fazer uma moda ótima com preço bom", disse a estilista.

O Fashion Business continua até sexta-feira com 21 desfiles no total, além de uma feira de negócios com empresas do Brasil. A partir do próximo domingo, é a vez do Fashion Rio, produzido pelo empresário Paulo Borges. A temporada carioca de desfiles termina no dia 4 de junho. No dia 3 de junho, Levy Niemeyer, um dos nomes mais fortes da moda praia nacional, comemora 20 anos de marca com um desfile e festa na Lagoa Rodrigo de Freitas. ■

FINANÇAS

Editora: Maria Luíza Filgueiras mfilgueiras@brasileconomico.com.br
Subeditora: Priscila Dadona pdadona@brasileconomico.com.br

Visa estrutura rede de recarga para pré-pago

Bandeira quer usar supermercados e lotéricas para atingir público sem conta corrente

Thais Folego
tfolego@brasileconomico.com.br

Depois que a Visa vendeu sua participação na Companhia Brasileira de Soluções e Serviços (CBSS) — emissora do cartão de benefícios Visa Vale — o mercado ficou se perguntando qual seria a estratégia da companhia no segmento de cartões pré-pagos. A resposta da empresa é avançar tanto em produtos de prateleira quanto em projetos com emissores.

"A Visa não descobriu o pré-pago há um mês. Já trabalhamos com o conceito desde 1996 (quando lançou o Visa Travel Money) dentro da nossa pirâmide de produtos. Vamos continuar trabalhando com a CBSS e também desenvolvendo novos produtos", diz Percival Jatobá, diretor-executivo sênior de produtos da Visa do Brasil.

Os pré-pagos são a "bola da vez" dentro do mercado de cartões. Com a recente ascensão social e a entrada de milhares de brasileiros no mundo do consumo, bancos e bandeiras estão turbinando suas prateleiras com produtos financeiros para alcançar esse público. A grande aposta é no pré-pago de uso geral, para compras, pagamento de contas e transferências.

A bandeira Mastercard, com o banco Panamericano, já lançou seu plástico. A nacional Elo — iniciativa do Banco do Brasil, Bradesco e Caixa Econômica Federal — tem o produto no forno. Esse tipo de cartão está no radar da Visa, mas a bandeira está preparando o "back office" primeiro. "Temos a preocupação de colocar uma rede de recarga para o cartão", explica Jatobá.

Ele ressalta que a população não bancarizada não está acostumada a ir ao banco, nem a usar caixas de auto-atendimento. "Essas pessoas normalmente resolvem sua vida financeira, para pagamento de contas por exemplo, nas agências dos Correios, lotéricas, padarias e no comércio popular", diz. Por conta disso, a bandeira está desenvolvendo uma plataforma de recarga do produto, que estará disponível para todos os bancos e instituições emissoras que emitirem o cartão, inclusive para uso nos correspondentes bancários.

> "A Visa não descobriu o pré-pago há um mês. Já trabalhamos com o conceito desde 1996, quando lançamos o Visa Travel Money
>
> **Percival Jatobá,** diretor executivo sênior de produtos da Visa do Brasil

A bandeira não pretende saltar os bancos nessa relação comercial, segundo Jatobá. "Eles são o principal canal de introdução de produtos", diz. O executivo explica que essa rede também foi desenvolvida nos Estados Unidos quando a bandeira lançou o cartão naquele mercado.

A estratégia do Panamericano para alcançar a população não bancarizada será disponibilizar a recarga dos cartões nas mais de 10 mil lotéricas da Caixa Econômica Federal (acionista do banco junto com o BTG) espalhadas pelo Brasil. Os cartões começaram a ser distribuídos na unidade do banco da avenida Paulista, em São Paulo, no início desse mês. Até julho, todas as 250 lojas do banco estarão distribuindo o produto.

A meta é emitir 500 mil cartões no primeiro ano. A estimativa é que a média das recargas mensais fique entre R$ 100 e R$ 200, segundo Eliel Teixeira de Almeida, diretor de cartões do Panamericano. O plástico custará R$ 10,00 e a cada recarga será cobrado R$ 2,00.

Histórico

O primeiro produto pré-pago que a Visa trouxe para o país foi o cartão de viagem Visa Travel Money (VTM), em 1996. De lá para cá, o produto vem sendo aprimorado com as corretoras de câmbio, sendo lançado em novas moedas — hoje está disponível em dólar, euro, libra, rand e peso argentino.

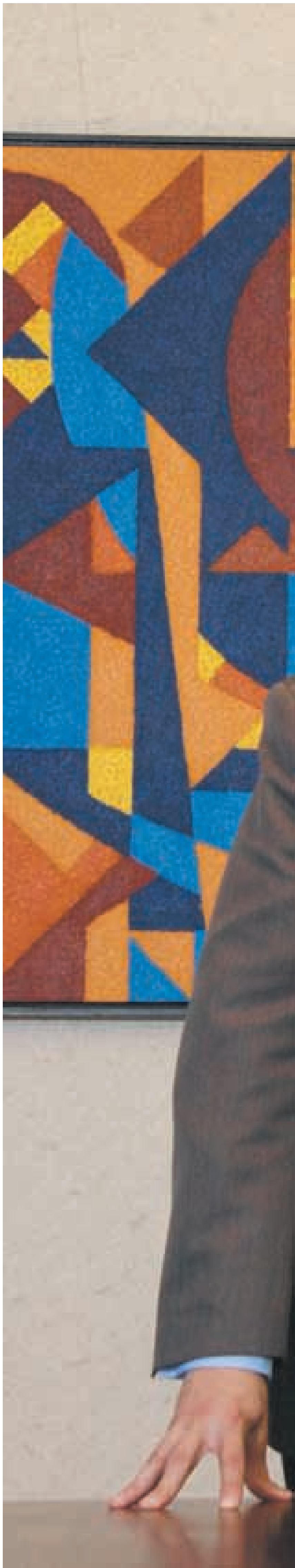
Depois, em 2001, veio o Vale Pedágio, para o setor de transportes de carga. Para esse segmento, o portfólio foi reforçado em 2009 com o Visa Cargo, cartão em que a transportadora paga o frete para o caminhoneiro autônomo num plástico pré-pago. Este produto, inclusive, deve ser exportado para a operação da bandeira na Ásia. "Temos sido procurados para assessorar os executivos de lá para lançar o Visa Cargo", diz Jatobá.

Ao que tudo indica, concorrência no pré-pago é o que não vai faltar. Melhor para o cliente. ■

OPORTUNIDADE
US$ 12 bi
é o potencial de mercado que o segmento de cartões pré-pagos tem hoje na América Latina, segundo projeção da bandeira Mastercard.

POTENCIAL
US$ 80 bi
é o potencial desse segmento na região em 2017, de acordo com a Mastercard. A companhia planeja explorar os segmentos de governo, corporativo e varejo.

META
500 mil
é quanto o Panamericano pretende emitir de cartões pré-pagos no primeiro ano. O plástico foi lançado pelo banco no início deste mês.



Murillo Constantino



Rumor de compra ajuda ações de bancos

O Banco do Brasil negocia a compra de participação no português Banif, como parte da estratégia de expansão internacional, segundo o Diário Económico. O BB e o Banif não se pronunciam sobre o assunto, enquanto o banco português planeja capitalização via dívida. A saída de **Roger Agnelli** da Vale também gera expectativas no mercado, com o rumor de que o executivo se juntaria ao BTG para uma posterior aproximação do Bradesco. Os bancos não comentam, mas os rumores valorizaram as ações, em dia de pregão de queda.

AGENDA DO DIA

- Às 6 horas saem encomendas industriais na Zona do Euro.
- Às 11 horas, nos EUA, serão divulgadas as vendas de novas moradias e índice industrial do Fed de Richmond.
- Dados preliminares da balança comercial do Japão saem às 20h50.

Evandro Monteiro

Para Jatobá, da Visa, bancos são principal canal de introdução dos pré-pagos

Elo entra na disputa no 2º semestre

Com os cartões de crédito e débito na rua, bandeira nacional está preparando oferta de pré-pago ainda neste ano

A bandeira de cartões nacional Elo foi criada com o desafio de disputar o mercado de cartões com as duas gigantes mundiais Visa e Mastercard — já consolidadas em terras brasileiras — com o apelo de taxas mais baixas no cartão.

Os plásticos de débito e crédito já estão sendo emitidos pelos três bancos acionistas da bandeira (Banco do Brasil, Bradesco e Caixa Econômica Federal) desde o começo de março. Já o cartão pré-pago de uso geral deve ser lançado no segundo semestre deste ano, diz Jair Scalco, presidente da bandeira Elo.

Scalco conta que a Companhia Brasileira de Soluções e Serviços (CBSS), que faz parte da holding Elo e é emissora dos cartões de voucher alimentação Visa Vale, está estruturando o produto, que será emitido pelos bancos. "Vamos sair para concorrer com os produtos que já estão aí, mas estamos trabalhando em alguns pontos estratégicos para

> CBSS é responsável por estruturar cartão pré-pago que será emitido por Banco do Brasil, Caixa e Bradesco

nos diferenciarmos dos concorrentes", diz o executivo, citando justamente a questão da recarga do cartão. "O ponto é como disponibilizar a recarga com as facilidades que os outros não têm", explica Scalco sem, contudo, entregar o ouro. "Estamos trabalhando nisso."

À época do lançamento da bandeira, os representantes dos três bancos disseram que para acessar a população não bancarizada, público-alvo desse produto, devem usar a rede de correspondentes bancários e parcerias com o varejo para distribuir o plástico, além de programas do governo, no caso da Caixa. ■ **T.F.**

INVESTIMENTOS

Vanessa Correia
vcorreia@brasileconomico.com.br

Juros futuros recuam com redução da perspectiva econômica mundial

Volta e meia a crise fiscal europeia assombra mercados financeiros mundo afora. Ontem foi um destes dias. O rebaixamento da perspectiva da nota de crédito da Itália, de estável para negativa, pela agência de classificação de risco Standard & Poor's (S&P) e a derrota eleitoral do partido governista espanhol reduziram a perspectiva de crescimento econômico. Para agravar ainda mais este cenário, o índice preliminar de atividade industrial da China (conhecido como PMI Flash) recuou ao menor nível em 10 meses.

O mercado também ficou atento aos possíveis rumores envolvendo o nome do ministro Antonio Palocci, algo que não se confirmou. "Os investidores associaram as notícias e devolveram parte da alta registrada na sexta-feira no mercado futuro de juros", explica Paulo Nepomuceno, estrategista de renda fixa da Coinvalores.

No último pregão, os contratos com vencimento em janeiro de 2012 apresentaram queda de 0,02 ponto percentual (p.p.) em relação ao fechamento de sexta-feira, assim como os contratos de vencimento mais longo (janeiro de 2013). "O recuo poderia ter sido maior, se não fosse alta registrada na sexta-feira refletindo um possível aumento de risco político", completa.

Marcelo Nascimento, economista da Renascença Corretora aponta fechamento da curva de juros. "Além dos indicadores internos favoráveis, o cenário externo também têm grande influência."

Cenário externo

Antes mesmo da S&P reduzir a perspectiva do rating da Itália, a Fitch Rating havia rebaixado a nota de crédito em moeda local e estrangeira de longo prazo da Grécia, de "BB+" para "B+". As preocupações envolvendo a situação fiscal europeia derrubaram o preço das commodities no mercado internacional, tanto agrícola quanto metálica. "A desvalorização das matérias-primas aliviam às pressões no Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA)", reforça Nascimento.

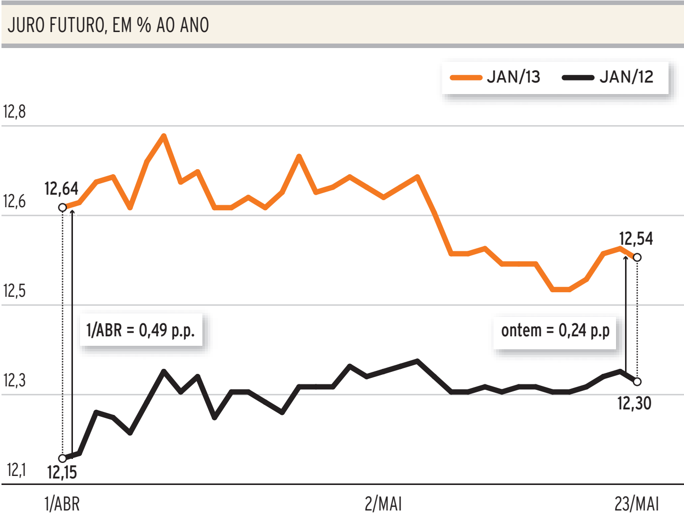
Cenário interno

A divulgação semanal do Boletim Focus, publicado pelo Banco Central (BC), corroborou com este cenário. Os economistas reduziram pela terceira semana seguida a previsão de inflação para 2011, de 6,31% para 6,27%. Em contrapartida, elevaram a previsão de inflação para o ano que vem, de 5% para 5,1%. "Foi um ajuste discreto. Nada preocupante", destaca o estrategista de renda fixa da Coinvalores, ressaltando que a alta para 2012 pode ser explicada por um ajuste pontual de um dos economistas consultados para a elaboração do Boletim Focus.

A divulgação do Índice de Preços ao Consumidor Semanal (IPC-S) também mostrou tendência declinante nos índices de preços: avanço de 0,96% na terceira semana de maio, abaixo da taxa de 1,09% registrada na leitura anterior. A menor variação refletiu nos preços dos grupos Alimentação (de 1,52% para 1,27%) e Transportes (de 1,56% para 1,04%), que vinham pressionando o índice nas semanas anteriores. No sentido contrário, os grupos Habitação (de 0,76% para 0,91%) e Educação, Leitura e Recreação (de 0,26% para 0,27%) apresentaram acréscimos em suas taxas de variação. ■

DE VOLTA

Os contratos mais negociados (janeiro de 2012 e janeiro de 2013) de DI devolveram parte da alta de sexta e caíram ontem



Fontes: BM&FBovespa e Brasil Econômico

6,27%

É a perspectiva para o IPCA este ano, segundo o Boletim Focus, uma queda em relação a projeção anterior de 6,31%. Esta foi a terceira semana seguida que o mercado reduziu a expectativa para a inflação em 2011



CSN

Compra de empresas espanholas é positiva, diz SLW

Na semana passada, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) anunciou a compra de cinco empresas de aço longo e cimento do Grupo Alfonso Gallardo (Grupo AG). O valor do desembolso pela CSN Steel será de € 543 milhões pela compra das ações, além de assumir dívida e outros ajustes de aproximadamente € 403 milhões.
A Balboa tem capacidade anual de produção de 1,4 milhões de toneladas de cimento e 1,1 milhões de toneladas de clínquer.
As unidades Azpeitia e a Lasao são produtoras de aços longos localizadas no País Basco.
Já a Lasao produz telas eletrosoldadas, com uma capacidade instalada de 200.000 toneladas.
A SWT e a Gallardo, por sua vez, são, respectivamente, produtora de aços longos (podendo produzir 1,1 milhões de toneladas de aço/ano) e distribuidora.
Para o analista da SLW, Pedro Galdi, as aquisições se mostram como uma oportunidade para a CSN, já que a crise econômica europeia levou os valores de ativos de empresas para patamar mais baixo. "Esta aquisição não deve ter fugido deste racional. Além disto, nossa visão é que estas empresas devem estar ociosas e agora sobre nova gestão, a produção deve ser acelerada e uma parcela desta deve ser direcionada para os centros de distribuição da CSN no Brasil", afirma em relatório.
A recomendação da SLW é de manutenção da CSN (CSNA3) e preço alvo de R$ 36,53.



Telemar

Para Concórdia, agressividade comercial afeta resultados

A Telemar apurou queda de 21,7% no Ebitda no primeiro trimestre em comparação a 2010, de R$ 1,98 bilhão.
O prejuízo foi de R$ 169,8 milhões, revertendo lucro líquido no mesmo período de 2010.
Ofertas mais agressivas de serviços, continuidade da deterioração da receita fixa e eventos não recorrentes foram os principais vilões no resultado do trimestre. Para os analistas da Concórdia Corretora, Leonardo Zanfelicio, Karina Freitas e Giovanna Russo, os números ficaram abaixo das expectativas. "Maior agressividade comercial neste início de ano resultou em deterioração de rentabilidade acima do que esperávamos", disseram em relatório. Segundo eles, ponto que segue em discussão junto aos acionistas controladores, é a elaboração de uma política mais efetiva de dividendos, mas ainda sem patamar definido. Para eles, a reestruturação societária vir antes de qualquer aquisição internacional é positivo e vai ao encontro dos interesses dos minoritários. Entretanto, a forma como se dará esta reestruturação ainda não foi definida. "Seguimos a visão de que a entrada da Portugal Telecom no capital da empresa e sua redução da alavancagem são pontos que adicionarão valor a Telemar, no entanto, preferimos colocar nossos números assim como nosso novo preço alvo em revisão."

ENERGIAS DO BRASIL

Proventos

A Energias do Brasil (EDP) vai dar prosseguimento a partir do dia 26 de maio ao pagamento de dividendos no valor total de R$ 352,62 milhões, equivalentes a 77,37% do lucro líquido ajustado da companhia, relativos ao exercício social findo em 31 de dezembro de 2010, conforme já aprovado por conselho.
O pagamento equivale a R$ 0,668 para cada ação ordinária, como juros sobre o capital próprio, imputáveis aos dividendos, e a R$ 1,556 para cada ação ordinária, como dividendos.

SEMINÁRIO

Agronegócio

A BM&FBovespa e o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento realizarão, na quinta-feira, dia 26, em São Paulo, o Seminário Perspectivas para o Agribusiness em 2011 e 2012. O encontro reúne importantes nomes do cenário agropecuário para um debate sobre tendências dos mercados.
A ideia é divulgar as ferramentas de gestão de riscos e os mercados futuros agropecuários.
A abertura será feita pelo ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Wagner Rossi.

BOLSA
Giro financeiro

R$ 4,1 bilhões

foi o volume financeiro registrado ontem no segmento acionário da BM&FBovespa. O principal índice encerrou o dia com variação negativa de 0,40%, aos 62.345 pontos.

JURO
Contrato futuro

12,54%

foi a taxa de fechamento do contrato futuro de DI com vencimento em janeiro de 2013, o de maior liquidez ontem. O giro neste contrato foi de R$ 7,7 bilhões, em 93.575 negócios.

IBOVESPA

Ação	Código	Cotação (R$)			Rentabilidade* (%)	
		Mínima	Máxima	Fechamento	No dia	No ano
ALL AMER LAT ON	ALLL3	11,47	12,00	11,80	0,94	-20,80
AMBEV PN	AMBV4	48,60	49,59	49,25	-0,10	-1,14
B2W VAREJO ON	BTOW3	22,90	23,40	23,22	0,09	-25,35
BMF BOVESPA ON	BVMF3	10,97	11,11	11,00	-0,18	-14,53
BRADESCO PN	BBDC4	29,50	30,26	29,88	0,10	-8,01
BRADESPAR PN	BRAP4	37,76	38,55	38,55	-0,31	-8,91
BRASIL ON	BBAS3	26,56	27,33	27,13	0,48	-11,45
BRASIL TELEC PN	BRTO4	15,09	15,45	15,32	-0,07	30,24
BRASKEM PNA	BRKM5	23,21	23,68	23,30	-1,85	18,70
BRF FOODS ON	BRFS3	28,50	29,10	28,72	-0,79	5,05
BROOKFIELD ON	BISA3	7,65	7,92	7,86	0,77	-6,33
CCR SA ON	CCRO3	48,51	49,05	48,69	-0,55	4,32
CEMIG PN	CMIG4	30,80	31,35	30,85	-1,69	22,14
CESP PNB	CESP6	29,85	30,31	30,00	-0,66	13,17
CIELO ON	CIEL3	12,45	12,62	12,52	0,08	16,68
COPEL PNB	CPLE6	42,55	43,24	42,85	-0,53	5,09
COSAN ON	CSAN3	21,20	21,93	21,80	0,00	-21,04
CPFL ENERGIA ON	CPFE3	46,63	47,46	46,63	-1,23	15,65
CYRELA REALTY ON	CYRE3	15,16	15,92	15,86	2,26	-25,90
DURATEX ON	DTEX3	11,81	12,14	11,85	-2,47	-20,05
ECODIESEL ON	ECOD3	0,64	0,67	0,65	-4,41	-35,00
ELETROBRAS ON	ELET3	22,35	22,78	22,70	-0,48	2,10
ELETROBRAS PNB	ELET6	28,06	28,74	28,50	-0,63	6,68
ELETROPAULO PN	ELPL4	32,63	33,12	32,65	-0,61	17,76
EMBRAER ON	EMBR3	12,70	13,00	12,77	-1,08	8,71
FIBRIA ON	FIBR3	23,00	23,33	23,08	-1,62	-10,87
GAFISA ON	GFSA3	8,04	8,27	8,16	-1,09	-30,57
GERDAU PN	GGBR4	15,95	16,54	16,42	0,43	-27,11
GERDAU MET PN	GOAU4	20,01	20,58	20,31	-0,15	-23,58
GOL PN	GOLL4	19,37	19,85	19,58	-0,41	-21,30
HYPERMARCAS ON	HYPE3	15,79	16,29	16,00	-1,60	-28,58
ITAUSA PN	ITSA4	11,03	11,28	11,15	-0,45	-13,59
ITAUUNIBANCO PN	ITUB4	34,00	34,85	34,40	-0,43	-12,04
JBS ON	JBSS3	4,94	5,11	4,97	-3,50	-30,68
KLABIN S/A PN	KLBN4	5,64	5,77	5,72	-1,38	-0,99
LIGHT S/A ON	LIGT3	27,50	28,07	27,50	-0,97	15,14
LLX LOG ON	LLXL3	4,50	4,71	4,57	-1,51	-3,38
LOJAS AMERIC PN	LAME4	14,12	14,60	14,47	1,19	-3,14
LOJAS RENNER ON	LREN3	54,30	56,32	55,80	1,09	1,67
MARFRIG ON	MRFG3	13,75	14,45	13,75	-4,51	-10,63
MMX MINER ON	MMXM3	8,74	8,92	8,84	-2,54	-21,28
MRV ON	MRVE3	13,56	14,32	14,10	1,00	-8,56
NATURA ON	NATU3	41,83	42,40	42,05	-0,36	-9,69
OGX PETROLEO ON	OGXP3	14,05	14,78	14,69	0,96	-26,55
P.ACUCAR-CBD PN	PCAR4	65,61	67,41	67,09	0,43	-2,35
PDG REALT ON	PDGR3	8,84	9,11	9,01	0,11	-9,76
PETROBRAS ON	PETR3	26,30	26,79	26,70	-1,11	-11,15
PETROBRAS PN	PETR4	23,41	23,70	23,60	-1,63	-11,89
REDECARD ON	RDCD3	22,43	22,82	22,78	0,35	12,51
ROSSI RESID ON	RSID3	12,91	13,51	13,51	2,04	-6,68
SABESP ON	SBSP3	47,25	48,91	48,41	0,85	13,67
SANTANDER BR UNT N2	SANB11	17,11	17,60	17,60	1,15	-21,32
SID NACIONAL ON	CSNA3	21,52	22,05	21,95	-0,23	-13,18
SOUZA CRUZ ON	CRUZ3	17,90	18,19	18,03	-0,93	2,71
TAM S/A PN	TAMM4	33,16	34,46	34,11	0,77	-9,16
TELEMAR ON	TNLP3	31,94	32,42	32,00	-0,93	0,85
TELEMAR PN	TNLP4	26,25	26,68	26,40	-0,94	12,01
TELEMAR N L PNA	TMAR5	54,75	56,00	55,12	-0,51	17,56
TELESP PN	TLPP4	42,86	44,60	43,58	0,93	14,17
TIM PART S/A ON	TCSL3	8,69	8,84	8,70	-0,57	30,88
TIM PART S/A PN	TCSL4	7,53	7,72	7,53	-1,05	40,64
TRAN PAULIST PN	TRPL4	49,50	50,50	50,20	0,40	-3,85
ULTRAPAR PN	UGPA4	27,49	27,80	27,54	-1,25	6,72
USIMINAS ON	USIM3	21,17	21,70	21,22	-3,37	-0,15
USIMINAS PNA	USIM5	14,40	14,64	14,50	-1,69	-23,76
VALE ON	VALE3	47,80	48,70	48,70	-0,10	-10,45
VALE PNA	VALE5	42,81	43,70	43,70	-0,11	-8,13
VIVO PN	VIVO4	66,35	67,75	67,70	1,20	39,73
IBOVESPA	IBOV	61.658	62.596	62.345	-0,40	-10,04

*Ajustada por proventos, inclusive dividendos Fonte: Economatica

RENDA FIXA

Fundo	Data	Rent. (%) 12 meses	Rent. (%) No ano	Taxa adm. (%)	Aplic. mín. (R$)
BB RENDA FIXA LP 50 MIL FICFI	20/MAI	10,19	3,95	1,00	50.000
BB RF LP PLUS ESTILO FIC FI	20/MAI	10,18	3,94	1,00	50.000
ITAU PERS MAXIME RF FICFI	23/MAI	10,08	4,05	1,00	80.000
CAIXA FIC EXEC RF LONGO PRAZO	20/MAI	9,73	3,81	1,10	30.000
CAIXA FIC IDEAL RF LONGO PRAZO	20/MAI	9,14	3,59	1,50	5.000
BB RENDA FIXA 5 MIL FIC FI	23/MAI	8,92	3,56	2,00	5.000
BB RENDA FIXA 200 FIC FI	23/MAI	7,75	3,14	3,00	200
BB RENDA FIXA 50 FIC FI	23/MAI	7,25	2,94	3,50	50
ITAU PREMIO RENDA FIXA FICFI	23/MAI	6,75	2,82	4,00	300
BB RENDA FIXA LP 100 FICFI	20/MAI	6,67	2,69	4,00	100

DI

Fundo	Data	Rent. (%) 12 meses	Rent. (%) No ano	Taxa adm. (%)	Aplic. mín. (R$)
BB REF DI LP PREM ESTILO FIC FI	20/MAI	10,36	4,03	0,70	100.000
BB REF DI PLUS ESTILO FIC FI	23/MAI	9,92	3,93	1,00	50.000
ITAU PERS MAXIME REF DI FICFI	23/MAI	9,91	3,95	1,00	80.000
BB REFERENCIADO DI 5 MIL FIC FI	23/MAI	8,27	3,33	2,50	5.000
BB NC REF DI LP PRINCIPAL FIC FI	20/MAI	8,02	3,20	2,47	100
HSBC FIC REF DI LP POUPMAIS	23/MAI	7,69	3,14	3,00	30
BB REFERENCIADO DI 200 FIC FI	23/MAI	7,68	3,11	3,00	200
ITAU PREMIO REF DI FICFI	23/MAI	6,63	2,75	4,00	1.000
BRADESCO FIC DE FI REF DI HIPER	23/MAI	6,22	2,58	4,50	100
SANTANDER FIC FI CLAS REF DI	23/MAI	5,81	2,40	5,00	100

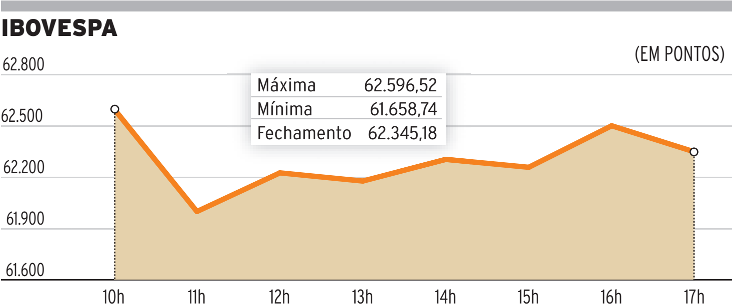
AÇÕES

Fundo	Data	Rent. (%) 12 meses	Rent. (%) No ano	Taxa adm. (%)	Aplic. mín. (R$)
BB ACOES VALE DO RIO DOCE FI	20/MAI	13,29	(10,54)	2,00	200
CAIXA FMP FGTS VALE I	20/MAI	12,11	(11,01)	1,90	-
ITAU ACOES FI	20/MAI	5,74	(9,81)	4,00	1.000
BRADESCO FIC DE FIA	20/MAI	5,08	(10,10)	4,00	-
BRADESCO FIC DE FIA MAXI	20/MAI	4,92	(10,24)	4,00	-
BRADESCO FIC DE FIA IV	20/MAI	4,85	(10,26)	ND	-
UNIBANCO BLUE FI ACOES	20/MAI	3,76	(11,76)	5,00	200
SANTANDER FIC FI ONIX ACOES	20/MAI	3,64	(11,22)	2,50	100
ALFA FIC DE FI EM ACOES	20/MAI	(0,85)	(13,81)	8,50	-
BB ACOES PETROBRAS FIA	20/MAI	(10,70)	(10,85)	2,00	200

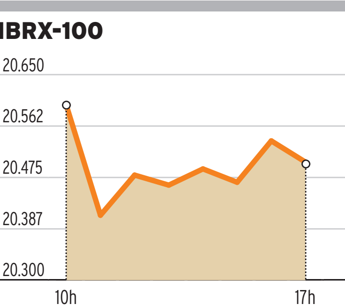
MULTIMERCADOS

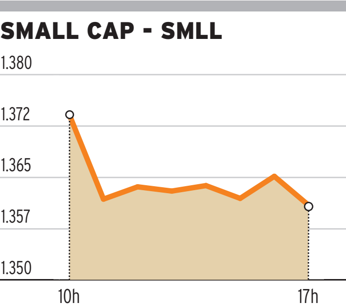
Fundo	Data	Rent. (%) 12 meses	Rent. (%) No ano	Taxa adm. (%)	Aplic. mín. (R$)
ITAU EQUITY HEDGE ADV MULT FI	20/MAI	13,19	4,96	2,00	10.000
ITAU EQUITY HEDGE MULTIM FI	20/MAI	12,19	3,96	2,00	5.000
BB MULTIM TRADE LP ESTILO FICFI	20/MAI	10,20	3,85	1,50	-
CAPITAL PERF FIX IB MULT FIC	20/MAI	10,19	4,00	1,50	20.000
ITAU PERS K2 MULTIM FICFI	20/MAI	10,19	3,76	1,50	50.000
ITAU PERS MULTIE MULT FICFI	20/MAI	10,00	3,82	1,25	5.000
SANTANDER FIC FI ESTRAT MULTIM	20/MAI	7,54	2,89	2,00	10.000
SANT FI CAP PROT VG 7 MULT	20/MAI	3,52	(4,63)	2,50	5.000
SANT CAP PROTEGIDO 3 FI MULT	20/MAI	3,32	(0,55)	2,30	5.000
SANT FICFI CAP PROT VG 6 BR MULT	20/MAI	2,71	(6,39)	2,50	5.000

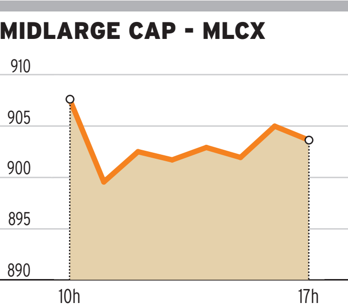
*Taxa de performance. Ranking por número de cotistas.
Fonte: Anbima. Elaboração: Brasil Econômico



Fonte: BM&FBovespa







HOME BROKER



MARIANA SEGALA

Ação da OGX, a maior vilã do Ibovespa

Seguido por Petrobras e Vale, papel tem o maior peso na queda do índice

Para desespero dos investidores, o Ibovespa encerrou o pregão de ontem com uma queda acumulada de 10% neste ano — mas nem só das ações da Petrobras e da Vale, as duas de maior participação no índice, se faz um desempenho tão ruim. Na verdade, o papel que vem pesando mais sobre o comportamento do principal indicador acionário do país é o ordinário da OGX, cuja representatividade na composição do Ibovespa equivale a menos da metade das duas gigantes da bolsa brasileira. Cerca de 1,4 ponto porcentual (ou 14%) da queda do índice foi provocado apenas por essa ação, que acumula queda de 26,55%.

Seguindo a companhia do empresário Eike Batista vêm, aí sim, os papéis preferenciais da Petrobras (que respondem por 1,2 ponto da queda do Ibovespa no ano), os da Vale e os da Gerdau (com mais 0,9 ponto cada). Dos papéis com menor representatividade na composição do índice, mas com destaque de queda, sobressaem os ordinários das construtoras Gafisa e Cyrela, que contribuem com 0,5 ponto da queda do índice cada, além das ações do JBS — elas possuem participação de apenas 1% na carteira do Ibovespa (as da Vale têm mais de 10%), mas "contribuíram" com 0,4 ponto da sua queda.

"Era de se esperar que Vale e Petrobras tivessem um peso grande na queda do Ibovespa, já que elas são as ações mais representativas do índice. O que surpreende é o fato de papéis menos relevantes assumirem um papel tão grande na queda", ressalta o professor de finanças do Insper Liao Yu Chieh, que elaborou o levantamento.

Por trás da queda da ação da OGX está a divulgação, em abril, de relatório da certificadora D&M, que apontou reservas contingentes de petróleo da empresa menores do que o mercado esperava. "Os analistas reavaliaram a empresa, já que houve um descompasso. Talvez a administração da companhia tenha levado o mercado a acreditar em números ambiciosos e um deles, a revisão dos recursos, saiu abaixo do aguardado", diz o analista da Spinelli Max Bueno. No caso das construtoras, o chefe de análise da SLW, Pedro Galdi, destaca que as medidas do governo para frear a concessão de crédito atrapalharam. "É um setor que fica tão vulnerável às medidas quanto o de bancos", explica.

Daqui por diante, mais volatilidade é esperada, embora os analistas demonstrem confiança na recuperação até das ações que mais sofreram. "O início da produção de petróleo pela OGX é previsto para o segundo semestre, o que já é um fator de recuperação", avalia Bueno. ■

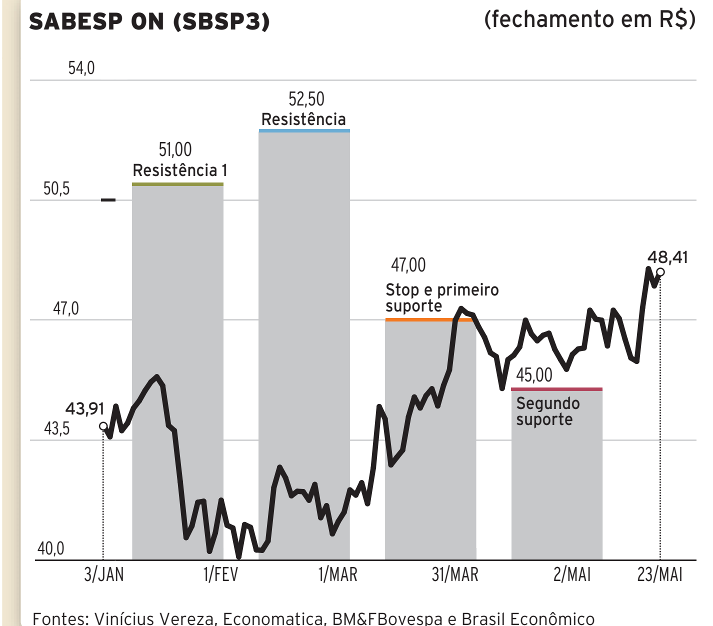
> Cenário externo turbulento, aliado a questões internas específicas — como revisão de reservas da OGX —, explica desempenho

QUEM PESA MAIS NO IBOVESPA?

As dez ações com maior participação na queda de 10% do índice neste ano, proporcionalmente à sua participação na carteira

AÇÃO	EMPRESA	DESEMPENHO
OGXP3	OGX PETRÓLEO	-1,4%
PETR4	PETROBRAS	-1,2%
VALE5	VALE	-0,9%
GGBR4	GERDAU	-0,9%
USIM5	USIMINAS	-0,7%
BVMF3	BMF&BOVESPA	-0,5%
GFSA3	GAFISA	-0,5%
ITUB4	ITAÚ UNIBANCO	-0,5%
CYRE3	CYRELA	-0,5%
JBSS3	JBS	-0,4%

Fonte: Liao Yu Chieh



Fontes: Vinícius Vereza, Economatica, BM&FBovespa e Brasil Econômico

Sabesp é alternativa em período de queda

Em meio às quedas sucessivas do Ibovespa, apenas umas poucas ações se salvam como alternativa de investimento baseado nos preceitos da análise gráfica. É o caso dos papéis ordinários da Sabesp, que andam remando contra a maré – subiram 0,85% ontem, apesar da queda de 0,40% do principal índice da bolsa. "A Sabesp apresenta uma formação de compra interessante", avalia o analista gráfico Vinícius Vereza, da Doji Star Four Gráficos. Os papéis ultrapassaram uma região de resistência (indicando novas altas) no entorno dos R$ 48 na última sexta-feira e encerraram o pregão de ontem acima desse patamar. "Trata-se de uma ação de comportamento mais lento. Talvez não seja a melhor opção para day trade (compra e venda no mesmo dia), mas sim para uma operação de alguns dias", destaca o grafista. Vereza acredita que os papéis tenham condições de seguir subindo até os R$ 51, sua primeira nova resistência. Se superar esse nível, tende a avançar até os R$ 52,50. Mas como a tendência de alta das ações da Sabesp se estende desde outubro do ano passado, o analista sugere certo grau de cautela. "Nesse caso, é importante manter um stop curto", diz. Vereza se refere ao ponto sugerido para encerrar a operação, evitando grandes perdas. O mais adequado é vender os papéis caso eles retornem ao patamar de R$ 47, seu primeiro suporte (que, se perdido, sinaliza novas baixas). Caindo abaixo desse nível, as ações tendem a seguir recuando até os R$ 45.

AÇÕES

Desempenho de papéis que compõem o Ibovespa

10 MAIORES ALTAS NO ANO

NOME	CLASSE	CÓDIGO	RENTABILIDADE (%) No ano	RENTABILIDADE (%) Ontem
TIM PART S/A	PN	TCSL4	40,64	-1,05
VIVO	PN	VIVO4	39,73	1,20
TIM PART S/A	ON	TCSL3	30,88	-0,57
BRASIL TELEC	PN	BRTO4	30,24	-0,07
CEMIG	PN	CMIG4	22,14	-1,69
BRASKEM	PNA	BRKM5	18,70	-1,85
ELETROPAULO	PN	ELPL4	17,76	-0,61
TELEMAR N L	PNA	TMAR5	17,56	-0,51
CIELO	ON	CIEL3	16,68	0,08
CPFL ENERGIA	ON	CPFE3	15,65	-1,23

10 MAIORES BAIXAS NO ANO

NOME	CLASSE	CÓDIGO	RENTABILIDADE (%) No ano	RENTABILIDADE (%) Ontem
GERDAU MET	PN	GOAU4	-23,58	-0,15
USIMINAS	PNA	USIM5	-23,76	-1,69
B2W VAREJO	ON	BTOW3	-25,35	0,09
CYRELA REALTY	ON	CYRE3	-25,90	2,26
OGX PETROLEO	ON	OGXP3	-26,55	0,96
GERDAU	PN	GGBR4	-27,11	0,43
HYPERMARCAS	ON	HYPE3	-28,58	-1,60
GAFISA	ON	GFSA3	-30,57	-1,09
JBS	ON	JBSS3	-30,68	-3,50
ECODIESEL	ON	ECOD3	-35,00	-4,41

IBOVESPA No ano -10,04 Ontem -0,40

Fontes: Economatica, BM&FBovespa e Brasil Econômico


Kirill Iordansky/Reuters

MERCADO ACIONÁRIO

Índice europeu fecha no menor nível em 5 semanas

O principal índice das ações europeias atingiu o menor nível em cinco semanas e passou a registrar perdas em 2011, após a piora da nota da Grécia e a revisão da perspectiva da Itália por agências de risco aumentarem a preocupação sobre a dívida da zona do euro. O índice FTSEurofirst 300 caiu 1,6%, para 1.117 pontos, no menor patamar desde meados de abril. No ano, o índice registra agora queda de 0,3%.

FIQUE DE OLHO

- Amanhã, vencimento dos contratos futuros de IGP-M e de cupom de IGP-M na BM&FBovespa.
- Quinta-feira, reuniões públicas (Apimec) de Copel (São Paulo), Santander (João Pessoa) e Itaú Unibanco (Recife).
- Sexta-feira, pagamento de dividendos de Gerdau, Gerdau Metalúrgica, JSL, Tractebel, Banco do Brasil e Pão de Açúcar.
- Também na sexta-feira, assembleias gerais de Ampla Energia, Forja Taurus e Mundial.

homebroker@brasileconomico.com.br

NA REDE



"GOLL4 teve um aumento de 22% nas posições alugadas. Será que é por isso que o papel caiu mais de 10% nas últimas semanas?"

@AntonioMontiel, responsável da Um Educacional, sobre ações da Gol

"Muitos investidores preocupados com o Ibovespa. Não acreditamos numa queda mais forte. Não há motivos!"

@OmarCamargo_Inv, corretora

"Gross: taxas de juros reais, inflação e força ou fraqueza do dólar dominam o preço do ouro. O preço do ouro deve se achatar agora"

@PIMCO, gestora americana, citando seu diretor Bill Gross

"As oscilações das cotações em prazos curtos como uma semana têm menos relação com fundamentos que com o fluxo e refluxo de dinheiro"

@calilecalil, educador financeiro Mauro Calil

"Diz-se que um título ou ativo tem liquidez quando se tem maior facilidade de negociá-lo e convertê-lo em dinheiro"

@ativacorretora

Novas ofertas de ações à vista

PetroRecôncavo quer abrir o capital e BR Properties deve captar recursos com operação



DE DEZ OFERTAS EM ANÁLISE NA CVM, NOVE SÃO ABERTURAS DE CAPITAL

Novas ofertas públicas de ações voltam a agitar o mercado. Ontem, foi a vez da PetroRecôncavo — operadora independente de exploração e produção de petróleo e gás — protocolar pedido de abertura de capital. A empresa, que fará operação primária (com emissão de novas ações) e também secundária (com venda de ações pelos atuais sócios), quer captar recursos para participar de novas licitações e aquisições. Mais cedo, a BR Properties havia anunciado que realizará uma nova oferta de papéis, o que fez as ações da empresa de investimentos em imóveis comerciais de renda despencar 5,63%. A operação está sob análise da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima), junto das ofertas da EDP Energias do Brasil e Kroton Educacional. As duas empresas encaminharam os pedidos na semana passada e, juntas, pretendem levantar perto de R$ 1,2 bilhão. Na Comissão de Valores Mobiliários (CVM), tramitam pedidos de análise de dez ofertas, das quais nove iniciais (IPO). A Copersucar, originada de uma cooperativa de usinas de açúcar e álcool, protocolou o seu na sexta. Já a Vulcabras desistiu de fazer a sua oferta.

Fôlego para carteira semanal

Corretoras revisam sugestões para tentar se recuperar e superar o desempenho do Ibovespa



CARTEIRAS DE ATIVA E SPINELLI PERDERAM MAIS DE 3% NA SEMANA PASSADA

Equipes de análise de corretoras revisaram as carteiras de ações recomendadas nesta semana para tentar voltar a superar o desempenho do Ibovespa — caso da Ativa e da Spinelli, que viram suas sugestões de curto prazo perderem para o principal índice da bolsa brasileira. A Ativa está sugerindo a compra de Totvs (TOTS3), AES Tietê (GETI4), Bradesco (BBDC4), Rossi (RSID3) e Weg (WEGE3). "Voltamos a incluir as ações do Bradesco na carteira desta semana em função das recentes declarações de membros do governo a respeito da menor necessidade de recorrer a novas medidas de contenção ao crédito", explica relatório da corretora. Já na Spinelli as apostas recaem sobre Cielo (CIEL3), Tele Norte Leste Participações (TNLP4), Pão de Açúcar (PCAR4), Minerva (BEEF3) e CCR (CCRO3). "O recuo nos preços dos principais insumos agrícolas e a maior disponibilidade de animais para abate coloca a perspectiva de um ano mais favorável sob o aspecto da rentabilidade para os frigoríficos, apesar da elevada alavancagem e da geração de fluxos de caixa ainda negativos", explicou a corretora sobre a inclusão de Minerva.

MUNDO

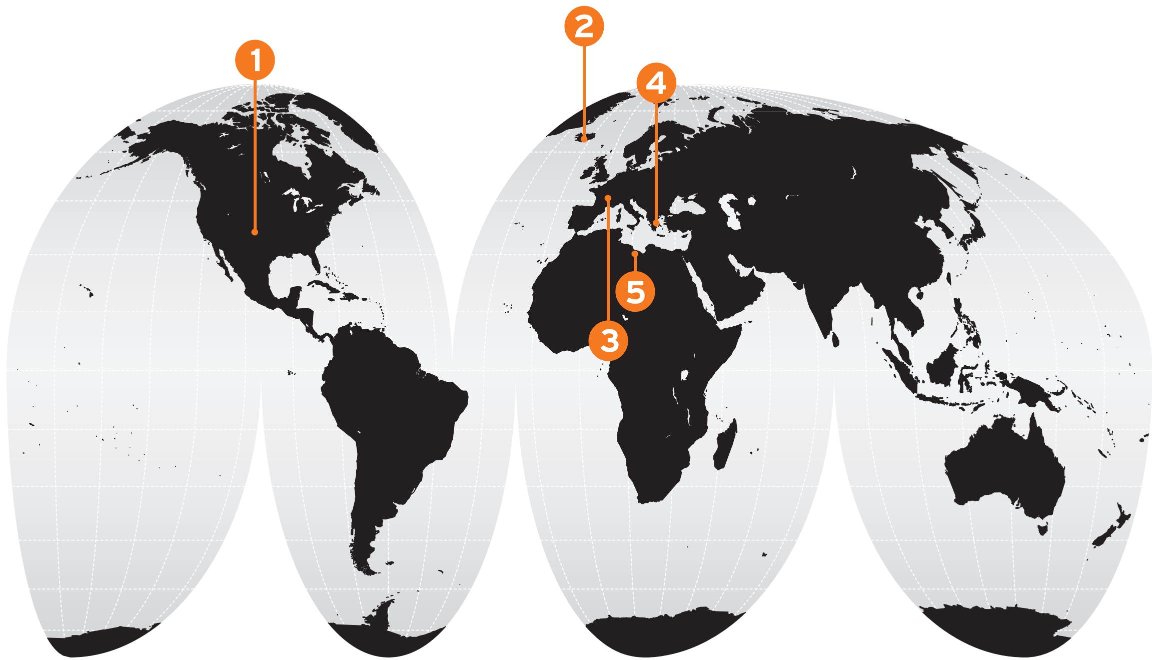
Editora: Elaine Cotta ecotta@brasileconomico.com.br
Subeditora: Ivone Portes iportes@brasileconomico.com.br

Joshua Roberts/Bloomberg



Rumor sobre queda de avião revolta pilotos

O sindicato de pilotos da Air France se revoltou contra rumores não confirmados sobre as circunstâncias em que ocorreu o acidente do voo 447 entre Rio de Janeiro e Paris, em 2009, matando 228 pessoas. A revista alemã Der Spiegel publicou que o comandante não estava na cabine do piloto quando o avião encontrou as primeiras dificuldades em seu percurso. Em comunicado, o sindicato diz que as "suspeitas são infundadas" e que uma eventual ausência na cabine estaria dentro das regras.



Mike Stone/Reuters



Cerca de 2 mil edifícios foram destruídos

1 EUA
Tornado mata mais de 100 pessoas em Missouri

Ao menos 116 pessoas morreram e cerca de 400 ficaram feridas em Joplin, no estado americano do Missouri, após a passagem de um dos tornados mais mortais da história local pela pequena cidade no domingo (22). As buscas continuam e o número de mortos pode aumentar.

O tornado arrancou o telhado de um hospital com cerca de 180 pacientes. "É uma tragédia significativa", disse Jay Nixon, governador do Missouri. "Estamos trabalhando a todo vapor. Temos que fazer uma busca completa... para ter certeza de que se houver alguém vivo nos destroços, vamos tirá-los."

O trajeto do tornado por Joplin foi estimado em 9,5 km de comprimento e 1 km de largura. Um necrotério temporário foi montado na Universidade Missouri Southern State, e uma sala de concertos serve como abrigo para pessoas cujas casas e negócios foram devastados.

Estima-se que cerca de 10% da cidade, somando-se cerca de 2 mil estruturas, foram atingidas pela tempestade, baseado em uma verificação aérea preliminar. ■ **Reuters**

3 França
Esquerda aposta em candidato discreto após Strauss-Kahn

A queda repentina de Dominique Strauss-Kahn abriu caminho para que o político de esquerda menos extravagante e mais tradicional François Hollande realize o sonho de infância de se tornar presidente da França.

Hollande lidera as pesquisas de opinião para candidato do Partido Socialista nas eleições de 2012, desde que o antes favorito Strauss-Kahn foi acusado de tentativa de estupro em Nova York, e forçado a deixar o comando do Fundo Monetário Internacional (FMI). Hollande é um esquerdista da base do partido que, com sua maneira despretensiosa e tranquila, foi ao poucos ganhando cada vez mais seguidores.

Ao contrário de Strauss-Kahn, que é pró-mercado e centrista — e que não disputará mais a indicação do partido —, Hollande, um ativista de esquerda desde seus 20 anos, provavelmente defenderá o aumento dos impostos e um ritmo mais lento de redução do déficit público da França na sua campanha. ■ **Reuters**

John Kolesidis/Reuters



Trabalhadores gregos protestam contra reformas

4 Grécia
Governo venderá participações em telecom, banco postal e portos

O governo grego anunciou ontem que venderá "imediatamente" as participações do Estado na empresa de telecomunicações OTE, no banco postal e nos portos de Pireu, perto de Atenas, e Tessalônica, para reduzir a enorme dívida do país. "O conselho de ministros decidiu proceder imediatamente à venda das participações da OTE, do banco postal, dos portos de Atenas e Tessalônica, bem como da empresa pública de águas de Tessalônica", disse o Ministério das Finanças em comunicado, após reunião.

A reunião do governo grego teve como objetivo à adoção de medidas adicionais, voltadas para o saneamento do sistema financeiro do país e redução da dívida, que este ano passará de 150% do Produto Interno Bruto (PIB). Espera-se que o plano de privatizações do Estado renda € 50 bilhões até 2015.

O governo grego "reiterou sua determinação de prosseguir com o programa de saneamento orçamentário, tomando medidas adicionais de mais de € 6 bilhões (...) para conseguir reduzir o déficit para 7,7% do PIB em 2011", meta exigida da Grécia por União Europeia e Fundo Monetário Internacional (FMI), seus principais credores, em troca do socorro financeiro.

O OTE, cujo acionista principal é a alemã Deutsche Telekom, é o gigante das telecomunicações gregas, e o primeiro grupo de telecomunicações nos Bálcãs. Atenas tem uma participação de 20% em seu capital. A Deutsche Telecom dispõe de uma opção de compra que pode ativar até dezembro de 2011.

O governo grego também tem 34% do capital do banco postal, que está cotado na Bolsa de Atenas, e que se vangloria de ter obtido os melhores resultados entre as entidades bancárias gregas nas provas de resistência feitas em 2010. ■ **AFP**

2 Islândia
Cinzas de vulcão geram alerta na Europa

A Grã-Bretanha informou que alguns voos podem ser prejudicados hoje em várias partes do país, por causa de uma nuvem de cinzas de um vulcão islandês, o Grimsvotn. Um caos aéreo, como o que ocorreu no ano passado, porém, por enquanto está descartado. Ontem, o instituto de meteorologia britânico previa que as nuvens de cinza vulcânica cobririam, logo na manhã de hoje, Irlanda, Irlanda do Norte, Escócia e partes do norte da Inglaterra.

Preocupações com os efeitos das nuvens anteciparam a viagem de volta do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, da Irlanda. A Autoridade de Aviação Irlandesa disse que voos procedentes e com destino à Irlanda podem ter problemas somente no fim da semana. O principal aeroporto islandês reabriu com atraso ontem, enquanto outras partes da Europa seguiam em estado de atenção. ■ **Com Agências**

Ingolfur Bruun/Reuters



Vulcão Grimsvotn em erupção

5 Líbia
Forças de Kadafi bombardeiam arredores de Misrata

Forças leais a Muamar Kadafi bombardearam ontem localidades no oeste e no sul da cidade líbia de Misrata, disseram um porta-voz rebelde e uma testemunha, acrescentando que explosões também foram ouvidas na região portuária.

Os rebeldes afirmam ter obrigado as forças de Kadafi a recuar 25 quilômetros para fora do centro da cidade após semanas de combates nas ruas e bombardeios. Segundo o porta-voz Abdelsalam, as forças do líder líbio tentavam avançar para o oeste, sob a proteção de foguetes e disparos de morteiro, rumo a Misrata, cenário de alguns dos combates mais violentos desde o início do levante contra o líder em meados de fevereiro. ■

PONTO FINAL

CARTAS

Parabéns à repórter Carolina Alves pela matéria "União mantém repasse para obras irregulares" (página 10 da edição de 23/5/2011). A importância de qualquer obra não justifica a sua execução a qualquer preço. Os fundamentos e as ferramentas de controles não existem na contabilidade pública, pois só se controlam verbas (de um orçamento roto) com o valor empenhado e depois vem o realizado e aqui aparece o problema. Felizmente tenho profunda experiência na implantação de projetos, o que me permitiu publicar essa experiência em livro que, hoje verifico, está em ementas em programas de cursos de projetos de várias universidades.

Pedro Schubert
Rio de Janeiro (RJ)

A aposentadoria por tempo de serviço está em risco e isso pode ser constatado ao se avaliar a proposta de implementação do critério 85 X 95 para as futuras aposentadorias. Os especialistas no sistema previdenciário apresentam propostas que levam em consideração que os brasileiros estão vivendo mais tempo, o que segundo eles exige as modificações que estão sendo colocadas. Mas como fica uma questão fundamental, ou seja, o sistema empresarial vai aceitar empregado de idade avançada ou com estabilidade até se aposentar? Os aposentados e o pessoal da ativa não podem perder tempo, é preciso mostrar disposição e unidade para a negociação de uma Previdência que garanta o futuro do trabalhador. É uma luta que não deixa de lado a recuperação das perdas dos valores das aposentadorias e a implementação de critério que evite os problemas a cada época dos reajustes anuais. Essas questões exigem discussões e encaminhamentos sem perda de tempo.

Uriel Villas Boas
Santos (SP)

Concordo com o artigo "A lógica econômica do voto" (publicado no Brasil Econômico On-Line, em 2/5/2011), do professor Carlos José Guimarães Cova. Há um problema crônico no país. Diante de uma multidão de pessoas sem condições mínimas de saúde, educação, moradia, alimentação (...), não se pode esperar e querer muito mais do que a busca de objetivos de curto prazo. É como tentar dar um passo sem ter as pernas. E mais, o problema ultrapassa os limites econômicos (classes sociais), chegando talvez a um individualismo que beira a mesquinharia. Ainda há esperança!

Thiago M.
Niterói (RJ)

O artigo "Quem deve substituir Strauss-Kahn no FMI?" (publicado na página 2 da edição de 20/5/2011), de Paulo Rabello de Castro, traduz a realidade da macroeconomia mundial. Não faz sentido os devedores possuírem as chaves dos cofres e os credores ficarem olhando como meros espectadores. Na época em que os emergentes eram os devedores jamais os "desenvolvidos" aceitariam o que querem manter hoje. Isso tudo retrata este falso modelo de democracia ocidental apregoada pelo mundo como justo. Em nome da democracia ocidental faz-se a guerra, cometem-se assassinatos, roubam os contribuintes, transferem riquezas dos mais pobres para os mais ricos e as grandes empresas. Belo mundo vivemos.

Luca Santos
Rio de Janeiro (RJ)

Caro Luiz Fernando do Amaral, obrigado pela sua grande contribuição com o artigo "Ligando os pontos: reforma tributária e Código Florestal" (publicado no Brasil Econômico On-Line, em 20/5/2011) no esclarecimento de possíveis alternativas para o tema tão importante. Nós precisamos é de pessoas que saibam refletir e que tenham conhecimento da causa que está em discussão, assim como o senhor. E não precisamos de políticos e falsos ideologistas que causam tumulto e furor na pauta.

Leandro E.A. Lopes
Brasília (DF)

Cartas para Redação - Av. das Nações Unidas, 11.633 – 8º andar – CEP 04578-901 – Brooklin – São Paulo (SP). redacao@brasileconomico.com.br
As mensagens devem conter nome completo, endereço e telefone e assinatura. Em razão de espaço ou clareza, Brasil Econômico *reserva-se o direito de editar as cartas recebidas.*
Mais cartas em www.brasileconomico.com.br.

Claudio Santana/AFP

JUSTIÇA CHILENA ABRE INVESTIGAÇÃO SOBRE MORTE DE ALLENDE



A primeira etapa do processo de investigação sobre a morte de Salvador Allende, presidente do Chile entre 1970 e 1973, vai levar de cinco a seis dias. Só depois dessa fase é que os especialistas definirão a data para a divulgação dos resultados das apurações. Depois da exumação, feita ontem, serão feitas análises de antropologia e exames de sangue. A ação será acompanhada pela família.

EJESA
Presidente do Conselho de Administração Maria Alexandra Mascarenhas Vasconcellos
Diretor-Presidente José Mascarenhas
Diretores Executivos Alexandre Freeland, Paulo Fraga e Ricardo Galuppo

Brasil Econômico

redacao@brasileconomico.com.br
Brasil Econômico é uma publicação da Empresa Jornalística Econômico S.A.
Redação, Administração e Publicidade Avenida das Nações Unidas, 11.633 - 8º andar, CEP 04578-901, Brooklin, São Paulo (SP), Tel. (11) 3320-2000. Fax (11) 3320-2158

Diretor de Redação Ricardo Galuppo
Diretor Adjunto Costábile Nicoletta

Editores Executivos Arnaldo Comin, Gabriel de Sales, Jiane Carvalho, Thaís Costa **Produção Editorial** Clara Ywata **Editores** Conrado Mazzoni *(On-line)*, Elaine Cotta *(Brasil)*, Fabiana Parajara *(Destaque)*, Maria Luiza Filgueiras *(Finanças)*, Rita Karam *(Empresas)*

Subeditores Estela Silva, Isabelle Moreira Lima *(Empresas)*, Ivone Portes *(Brasil)*, Luciano Feltrin *(Projetos Especiais)*, Micheli Rueda *(On-line)*, *Priscila Dadona (Finanças)*

Repórteres Amanda Vidigal, Ana Paula Machado, Ana Paula Ribeiro, Bárbara Ladeia, Carolina Alves, Carolina Pereira, Cintia Esteves, Claudia Bredarioli, Daniela Paiva, Domingos Zaparolli, Dubes Sônego, Eva Rodrigues, Fabiana Monte, Fábio Suzuki, Felipe Peroni, Françoise Terzian, João Paulo Freitas, Karen Busic, Luiz Silveira, Lurdete Ertel, Mariana Celle, Mariana Segala, Martha S. J. França, Michele Loureiro, Natália Flach, Nivaldo Souza, Pedro Venceslau, Priscila Machado, Regiane de Oliveira, Ruy Barata Neto, Thais Folego, Vanessa Correia, Weruska Goeking

Brasília Maeli Prado, Simone Cavalcanti
Rio de Janeiro Ricardo Rego Monteiro

Arte Pena Placeres *(Diretor)*, Betto Vaz *(Editor)*, Evandro Moura, Letícia Alves, Maicon Silva, Paulo Roberto Argento, Renata Rodrigues, Renato B. Gaspar, Tania Aquino *(Paginadores)*, **Infografia** Alex Silva *(Chefe)*, Anderson Cattai, Monica Sobral **Fotografia** Antonio Milena *(Editor)*, Marcela Beltrão (Subeditora), Henrique Manreza, Murillo Constantino *(Fotógrafos)*, Angélica Breseghello Bueno, Thais Moreira *(Pesquisa)* **Webdesigner** Rodrigo Alves **Tratamento de imagem** Henrique Peixoto, Luiz Carlos Costa **Secretaria/Produção** Shizuka Matsuno

Departamento Comercial Paulo Fraga *(Diretor Executivo Comercial)*, Mauricio Toni *(Diretor Comercial)*, Júlio César Ferreira *(Diretor de Publicidade)*, Ana Carolina Corrêa, Valquiria Rezende, Wilson Haddad *(Gerentes Executivos)*, Paulo Fonseca *(Gerente Comercial)*, Celeste Viveiros, Dervail Cabral Alves, Mariana Sayeg, Simone Franco *(Executivos de Negócios)*, Jeferson Fullen *(Gerente de Mercados)*, Ana Paula Monção *(Assistente Comercial)*

Projetos Especiais Márcia Abreu *(Gerente)*, Alexandre de Vicencio *(Coordenador)*, Daiana Silva Faganelli *(Analista)* **Publicidade Legal** Marco Panza *(Diretor de Publicidade Legal e Financeira)*, Marco Aleixo *(Gerente Executivo)*, Adriana Araújo, Valério Cardoso, Carlos Flores *(Executivos de Negócios)*, Tatiana Benevides *(Assistente Comercial)* **Departamento de Marketing** Evanise Santos *(Diretora)*, Rodrigo Louro *(Gerente de Marketing)*, Giselle Leme, Roberta Baraúna *(Coordenadores de Marketing)*, João Felippe Macerou Barbosa *(Coordenadores)* **Operações** Cristiane Perin *(Diretora)*

Departamento de Mercado Leitor Nido Meireles *(Diretor)*, Nancy Socegan Geraldi *(Assistente Diretoria)*, Denes Miranda *(Coordenador de Planejamento)* **Central de Assinantes e Venda de Assinaturas** Marcello Miniguini *(Gerente de Assinaturas)*, Helen Tavares da Silva *(Supervisão de Atendimento)*, Conceição Alves *(Supervisão)*

São Paulo e demais localidades 0800 021 0118
Rio de Janeiro (Capital) (21) 3878-9100
De segunda a sexta-feira - das 6h30 às 18h30.
Sábados, domingos e feriados - das 7h às 14h.
assinatura@brasileconomico.com.br

Central de Atendimento ao Jornaleiro (11) 3320-2112

Sucursal RJ Leila Garcia *(Diretoria Comercial)*, Cristina Diogo *(Gerente Comercial)*
Rua Joaquim Palhares, 40 - Torre Sul – 7º andar – Cidade Nova – CEP 20260-080 – Rio de Janeiro (RJ)
Tel.: (21) 2222-8701 e (21) 2222-8707

Jornalista Responsável Ricardo Galuppo

TABELA DE PREÇOS

Assinatura Nacional

Trimestral	Semestral	Anual
R$ 165,00	R$ 276,00	R$ 459,00

Condições especiais para pacotes e projetos corporativos
e-mail assinaturascorporativas@brasileconomico.com.br
tel: (11) 3320-2015
(circulação de segunda a sexta, exceto nos feriados nacionais)

Impressão
Editora O Dia S.A. (RJ)
Diário Serv Gráfica & Logística (SP)
FCâmara Gráfica e Editora Ltda. (DF/GO)



Dirceu Azevedo,
Gerente sênior para a área de estratégia da Accenture

Matthew Govier
Líder para a área de consultoria em sustentabilidade da Accenture no Brasil



Da boa intenção aos resultados, o presente chegou para o Brasil

Os frutos da estabilidade política e econômica surgem na forma de crescentes investimentos, expansão de empregos, distribuição de renda e inserção social. Alguns temas carecem de exploração e de entendimento. É o caso da questão energética. Preços crescentes de energia e pressões de sustentabilidade são gargalos para o crescimento e justificam a presença da eficiência energética na agenda dos presidentes de empresas. Recente pesquisa global realizada pela Accenture e ONU mostra que 93% dos executivos acreditam que sustentabilidade é fator crítico e decisivo para o futuro dos negócios. Outro estudo, agora do IEA (International Energy Agency) indica economias potenciais de energia entre 25 e 37 EJ por ano, o que equivale a aproximadamente três vezes o consumo final de energia anual no Brasil, com tecnologias e práticas comprovadas, podem reduzir as emissões anuais de 1.9 e 3.2 Gt de CO_2, o que corresponde a cerca de 40% das emissões realizadas na China em um ano.

Com resultados ainda longe do seu potencial, a eficiência energética possui três fortes obstáculos: a falta de compreensão do tema, o real potencial ganho operacional e financeiro, e a alta complexidade de execução. Elucidando um a um, temos como providência inicial, o diagnóstico das práticas atuais, o rastreamento do consumo de energia ao longo de toda a cadeia de valor e a definição das metas. Sabe-se que cada iniciativa de eficiência energética pode reduzir custos, aumentar produtividade, agregar valor à marca, reduzir emissões, e isso é premissa fundamental para a tomada de decisão executiva.

Como próximo passo, temos a definição do portfólio de soluções de eficiência energética. Dada a diversidade de opções, é fundamental entendermos os diferentes grupos: tecnologias e práticas comprovadas, soluções que promovem opções e flexibilidade de operação, e abordagens inovadoras que antecipam tendências e expandem modelos de negócio.

As tecnologias e práticas comprovadas apresentam potencial de ganhos significativos por meio de maior integração energética, de investimentos em equipamentos mais eficientes e de práticas eficazes de gestão, operação e manutenção dos ativos. Já um conjunto de soluções promove opções, isto é, oferece a flexibilidade de atuação necessária em contextos de grande incerteza. Um caso interessante é o tratamento de resíduos sólidos, que permite tratamento ambiental adequado e, simultaneamente, geração de energia elétrica.

> As abordagens inovadoras preparam as empresas para as mudanças. As multinacionais brasileiras se destacam nessa área. A Petrobras prevê novos investimentos em inovação para avaliar tecnologias

As abordagens inovadoras preparam as empresas para as mudanças. As grandes multinacionais brasileiras se destacam nessa área. A Petrobras projeta dobrar sua produção até 2020 e prevê grandes investimentos em inovação para avaliar tecnologias que viabilizem a operação do pré-sal.

O terceiro e último passo, refere-se aos obstáculos. O principal desafio devido à complexidade do tema e à competição entre prioridades. Especial atenção deve ser dada à gestão da mudança, uma vez que programas de transformação envolvem múltiplas unidades produtivas e abrangem diversos públicos.

Para concluir, uma abordagem bem-sucedida sobre eficiência energética deve considerar um portfólio balanceado entre soluções, onde cada elemento contribui à geração de valor e ao atendimento das metas propostas. Assim, essa transformação somente no setor industrial produz impacto imediato sobre toda a sociedade, dado que este consome um terço de toda energia mundial e produz 36% das emissões de CO_2. ■

Claudio J. D. Sales
Presidente do Instituto Acende Brasil



A tributação perversa embutida na conta de luz

No último dia de 2010 o governo surpreendeu a todos com uma medida provisória, que por lei seria extinta naquela data, prorrogando a cobrança do encargo RGR nas contas de luz. O Congresso Nacional, no entanto, pode agora reverter aquela decisão. Este encargo não deve ser prorrogado porque é oneroso, desnecessário e prejudicial à economia brasileira.

A RGR — Reserva Global de Reversão — é um dos principais encargos na conta de luz. Sozinho responde por mais de 1,2% da tarifa, acarretando um custo de R$ 1,6 bilhão para os consumidores ao longo do ano passado. A energia elétrica já é onerada demais por encargos e tributos. De acordo com o White Paper "Tributos e Encargos na Conta de Luz", disponível em www.acendebrasil.com.br, temos hoje inacreditáveis 23 tributos e 13 encargos que, juntos, representam 45% do valor total das contas de luz.

> A RGR se transformou em um tributo sobre o investimento. É difícil imaginar forma de tributação mais perversa para a sociedade. A tributação sobre investimentos inibe a expansão da oferta

A RGR foi criada para capitalizar o Fundo de Reversão que pagaria eventuais reversões de concessões à União, mas nunca foi utilizada para este fim. A acumulação de recursos bilionários no Fundo logo se tornou demasiadamente tentadora para o governo, que modificou a legislação para permitir que o dinheiro fosse empregado em toda gama de atividades do setor.

O Congresso deveria exigir um detalhamento do uso pretendido para o recurso com o objetivo de avaliar o seu mérito. A exposição de motivos anexa à Medida Provisória 517 não especifica por que os recursos adicionais são necessários, principalmente porque o Fundo RGR já dispõe de R$ 15 bilhões. Na prática, a prorrogação da RGR corresponde à assinatura de um cheque em branco para o governo continuar cobrando e gastando.

A principal "justificativa" apresentada pelo governo para a prorrogação do encargo é que a RGR "barateia" os investimentos. O argumento é totalmente equivocado. Somente alguns empreendimentos são beneficiados. Eles obtêm financiamento do Fundo RGR com juros subsidiados, o que nem de longe compensa a perda coletiva.

O encargo RGR encarece em 2,5% todos os investimentos do setor, dado que é desta forma que é cobrado. A base de cálculo da RGR fazia sentido para cumprir seu objetivo original de capitalizar um Fundo proporcional aos investimentos para eventual reversão de ativos para a União, mas para os fins em que os recursos são atualmente empregados é absolutamente contraproducente.

Atualmente, mais da metade dos recursos do Fundo RGR são retidos pelo governo federal para contribuir para o superávit fiscal. Assim, a RGR acabou transformando-se em um tributo sobre o investimento.

É difícil imaginar forma de tributação mais perversa para a sociedade brasileira. A tributação do investimento inibe a expansão da oferta que, por sua vez, acirra a inflação que tanto prejudica a população.

A presidente do Brasil, economista, sabe exatamente do que estamos falando. E os congressistas fariam um grande serviço à nação permitindo a extinção da cobrança da RGR na conta de luz pela rejeição do artigo 20 do Projeto de Lei de Conversão da MP 517. ■

AS FRASES



Santi Burgos/Bloomberg

"A maioria dos espanhóis quer que as coisas mudem. E nós estaremos à altura das circunstâncias"

***Mariano Rajoy**, presidente do Partido Popular*

Conservador, o PP esmagou o PSOE, do presidente José Luiz Zapatero, nas votações locais de domingo. Rajoy, virtual sucessor dos socialistas, pressiona para antecipar as eleições gerais, previstas para 2012.

Larry Downing/Reuters



"Meu nome é Obama, dos O'Bamas. Voltei para casa atrás do apóstrofo que perdemos em algum lugar do caminho"

***Barack Obama**, presidente dos Estados Unidos*

Em visita à Irlanda, o presidente americano fez referência à grafia típica dos nomes de vários clãs locais, muito conhecidos nos Estados Unidos pela imensa imigração do país para a América do Norte. A passagem por Dublin rendeu ainda a Obama alguns goles da Guinness, cerveja que é um símbolo nacional irlandês.

Brasil Econômico

BRASIL ECONÔMICO é uma publicação da Empresa Jornalística Econômico S.A, com sede à Avenida das Nações Unidas, 11.633, 8º andar - CEP 04578-901 - Brooklin - São Paulo (SP) - Fone (11) 3320-2000
Central de atendimento e venda de assinaturas: São Paulo e demais localidades 0800 021 0118 - Rio de Janeiro (Capital) (21) 3878-9100 - assinatura@brasileconomico.com.br

ÚLTIMA HORA

Petrobras investirá US$ 350 milhões em terminal flutuante do pré-sal

Ag. Petrobras



A Petrobras espera receber em no máximo 45 dias as propostas para construção do navio que fará parte do terminal flutuante de tancagem para escoar parte da produção do pré-sal a partir de 2013, com custo estimado de US$ 350 milhões, disse o diretor de Abastecimento da estatal, **Paulo Roberto Costa**. "Semana passada abrimos licitação internacional com quantidade bastante grande de empresas e deveremos ter proposta dentro de 30 a 45 dias", disse Costa.

"Vamos fazer um (terminal flutuante), que deve entrar em 2013, e depois vamos ter mais uns 3 ou 4 terminais", adicionou o executivo. A unidade de armazenamento ficará a 90 quilômetros da costa, entre o norte do Estado de São Paulo e o sul do Estado do Rio de Janeiro, e usará uma nova tecnologia. Segundo o executivo, o terminal vai contar com um navio do tipo FSO (navio flutuante), que está sendo licitado, com capacidade de estocar entre 2 milhões e 3 milhões de barris de óleo. A ideia com os terminais no mar é reduzir custos de logística, uma vez que a produção do pré-sal está a cerca de 300 quilômetros da costa brasileira. *(Leia mais sobre a Petrobras na pág. 26).* ■ **Reuters**

Beto Macário/Folhapress



Novo acidente com Braskem deixa 5 feridos

Os dois incidentes que paralisaram a produção de cloro soda na unidade de Maceió (AL) da Braskem não afetarão o abastecimento de PVC na unidade de Marechal Deodoro, também em território alagoano, disse a companhia. A Braskem disse ter estoques para garantir o suprimento do cloro, utilizado para a produção de PVC. A empresa declarou que não tem dados de prejuízos com a paralisação da unidade. No sábado, alarmes de detecção de vazamento de cloro soaram na fábrica em Maceió. Cerca de 130 pessoas deram entrada no Hospital Geral do Estado com sintomas de intoxicação. Ontem, houve o rompimento de uma tubulação que feriu cinco funcionários de prestadora de serviços. A causa específica do acidente não foi definida. O Ministério Público Federal de Alagoas abriu procedimento administrativo na Procuradoria da República no Estado solicitando informações sobre os incidentes. A petroquímica terá cinco dias, a partir do recebimento, para se pronunciar. ■ **Reuters**

Cielo compra empresa do Grupo Silvio Santos

O Grupo Silvio Santos vendeu para a Cielo a Braspag, empresa que é líder no processamento de pagamentos do comércio eletrônico, segundo comunicou a credenciadora de cartões. O valor da operação não foi revelado. A empresa fazia parte do Grupo Silvio Santos desde 2009, quando foi comprada da Ideiasnet por R$ 25 milhões. É a segunda empresa vendida pelo grupo após a descoberta do rombo de R$ 4 bilhões no Panamericano —a primeira foi a do próprio banco, em janeiro, para o BTG Pactual.

A Braspag faz a captura e gerenciamento de pagamentos feitos em ambientes virtuais e tinha 65% do mercado em maio, segundo a consultoria Nilson Report. A Braspag continuará prestando serviços a outras credenciadoras de cartões. Por sua vez, a Cielo manterá as parcerias com empresas que prestem serviços de processamento de pagamentos do comércio eletrônico. ■

Marcela Beltrão

Marcela Beltrão



Saraiva se associa com editoras no mercado de livros digitais

A Saraiva informou ontem ter constituído sociedade com as editoras Artmed, Atlas e Grupo Editorial Nacional Participações (GEN) para edição, distribuição e comercialização de livros digitais (e-books). A companhia não mencionou valores, mas informou que deterá 25% do capital da sociedade denominada "Minha Biblioteca". Em comunicado, a Saraiva destacou que "esse movimento estratégico agregará valor ao catálogo de produtos oferecidos pela companhia, que incluirá [...] também uma moderna plataforma de venda de conteúdo digital, que atenderá demandas dos mais diversos públicos". ■



Ricardo Galuppo
rgaluppo@brasileconomico.com.br
Diretor de Redação

Desonestidade política

A questão não se resume a flexibilizar a gramática em nome de hábitos culturais que levam brasileiros, aqui e ali, a se desviarem das normas cultas da língua portuguesa. Se fosse apenas isso, com toda sinceridade, eu continuaria considerando um erro a adoção do livro *Por Uma Vida Melhor* — que o Ministério da Educação mandou distribuir a algumas escolas do país —, mas me limitaria a encarar a questão como mais um dos equívocos cometidos em nome da ideologia daqueles que sonham em transformar o Brasil numa imensa Venezuela. O problema é que a questão é mais séria do que parece e, mais perigoso do que o livro em si, são as intenções que parecem existir por trás dele. Por trás do absurdo de se considerar "preconceito linguístico" apontar os erros de quem se expressa num português incorreto, existe uma visão pedagogicamente desatualizada, socialmente injusta e politicamente desonesta. Se continuar nesse ritmo, daqui a pouco esses senhores considerarão "preconceito aritmético" se um freguês culto reclamar de um garçom que a conta do restaurante está errada. Vamos por partes.

Daqui a pouco, considerarão "preconceito aritmético" reclamar do garçom que errou a conta

Por mais óbvio que seja, nunca é demais repetir que ninguém evoluiu no aprendizado se não for estimulado a sair da zona de conforto — e apenas isso basta para atestar a desatualização pedagógica dos que entendem que "o errado é que está certo". A questão é socialmente injusta porque a sociedade é cruel com aqueles que se desviam do padrão de expressão que, no caso do idioma português, é inclusive objeto de acordos internacionais. Um bom conhecimento da língua aumenta as oportunidades na disputa pelos melhores empregos. Ainda que o ministério não veja problema nenhum em escrever errado, nenhuma empresa séria confiará a operação de uma máquina sofisticada a um operário incapaz de preencher um relatório. Esse é o lado prático. Outro lado é o do constrangimento a que são submetidas as pessoas que não conseguem se expressar dentro dos padrões.

Meses atrás, o deputado Tiririca foi objeto de execração porque um promotor de São Paulo entendeu que ele, suspeito de analfabetismo, deveria ser tratado com mais rigor do que os políticos fichas-sujas. Sem saber ler e escrever corretamente, Tiririca não poderia tomar posse. A defesa pública do deputado, que preenche todos os requisitos do livro, seria uma bela maneira de os (perdão) educadores que defendem a nova norma testar seu ponto de vista. Não foi o que fizeram. Caso abrissem a boca, chamariam atenção para um livro que já estava no prelo e isso poderia colocar o projeto em risco. E o projeto, no limite, pode servir a propósitos muito mais sórdidos do que a simples e singela aceitação do tal "falar popular". Estou dizendo que, por hipótese, a flexibilização da norma culta pode conduzir a uma manipulação estatística perigosa. Funciona assim: a nova norma passa a ser utilizada nos testes de verificação de conhecimento dos estudantes. Assim, os alunos melhoram o desempenho não porque sabem mais, mas porque os critérios tornaram-se mais fáceis. A redução do analfabetismo funcional será comemorada e o Brasil dará mais um passo para se tornar a Venezuela que tantos sonham. ■



ESPECIAL FUNDOS DE INVESTIMENTOS

SUPLEMENTO - 24 DE MAIO, 2011



Após ciclo de consumo, nova classe C busca investimentos

- *É um grande desafio para gestores de recursos, já que metade da população ainda não faz nenhum tipo de aplicação*
- *Recuperação após a crise faz indústria local se voltar para melhoria do ambiente regulatório para atrair recursos para grandes obras*

Ilustração Alex Silva

Brasil Econômico

EDITOR: LUCIANO FELTRIN lfeltrin@brasileconomico.com.br

PERFIL DO INVESTIDOR

Murillo Constantino

Eduardo Jurcevic explica que potenciais aplicadores chegam às instituições financeiras com muitas dúvidas e expectativas de alta rentabilidade

Atrair emergentes é prioridade dos gestores de investimento

Após ir às compras, ascender socialmente e obrigar empresas a modificarem estratégias, população oriunda da classe C começa a chamar atenção do mercado de aplicações financeiras

TEXTO **LEDA ROSA**

Mais da metade dos brasileiros não faz nenhum tipo de investimento, segundo pesquisa do Ibope. Pelo levantamento Radiografia do Investidor, realizado a pedido da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima), os sem-investimento somam 51%. Mas esse comportamento está mudando. Em 2005 eram 68%. O mercado de investimento quer atrair esses clientes — na maioria, mulheres da classe C, com renda entre R$ 1 mil e R$ 1.500 — e terá que encarar os desafios de se adequar às suas características e necessidades.

As não investidoras têm de 18 a 49 anos e baixa escolaridade, com metade tendo cursado até o ensino fundamental. A principal razão que alegam para não investir é o fato de não terem “sobras” no final do mês. “A classe C ainda vive a fase do consumo, mas já começa a se perguntar sobre o investimento. Ela chega às instituições financeiras com dúvidas bem iniciais, como o que são ações e associando o investimento à possibilidade de conseguir alta rentabilidade”, diz Eduardo Jurcevic, superintendente da Santander Corretora.

Quase metade das não investidoras acredita que os fundos de investimento são para quem tem muito dinheiro para guardar. “O fundo foi feito justamente para essa população que está fora dele”, diz Walter Longo, vice-presidente de estratégia e inovação da Y&R. “Para que a classe C conheça as vantagens dos fundos, o mercado precisa rever práticas que inibem esta camada, como os ambientes de investimentos nas agências e a terminologia usada”, acredita o especialista.

Entre os investidores, a poupança ainda é a opção campeã. Em 2005, 35% eram adeptos. Em 2011, 44%. Os especialistas em finanças acreditam que a passagem da mentalidade poupadora para a investidora não é imediata. “A educação financeira é um processo, movido por várias entidades, da mídia às instituições financeiras e permite que o investidor conheça novas opções e escolha melhor de acordo com seus objetivos”, afirma Luciane Ribeiro, diretora da Anbima.



“Temos os não incluídos e os que já são investidores e precisam continuar motivados

Sílvia Cevellini, diretora do Ibope

Os fundos de previdência (Fapi/PGBL/VGBL) também se destacam. Na pesquisa anterior apareciam com 2% de preferência e agora com 7%. A performance superou os fundos de investimento, que, em 2005, tinham 4% de clientes e saltaram para 7%, e os CDBs, que foram de 2% para 3%, mesmo total dos optantes de ações em 2011.

Os resultados mostram dos tipos de desafios, aponta Sílvia Cevellini, diretora de planejamento e atendimento do Ibope. “Temos os não incluídos e os que já são investidores e precisam continuar motivados.” A pesquisa reuniu duas mostras. Na estimativa de investidores ouviu, por telefone, mil maiores de idade das classes AB e C. Na radiografia dos investidores a base foram 604 entrevistas telefônicas com o mesmos segmentos sociais.

Clientes de fundos de investimento estão mais atentos às taxas de administração

Apenas 16% dos investidores entrevistados não souberam dizer quais valores desembolsam pelo serviço. Há seis anos, eram 65%. Dobra o uso da internet como ferramenta de pesquisa

A classe A adotou os fundos de investimento. Em seis anos, essa fatia do mercado saltou de 22% para 34% na preferência dos que ganham entre R$ 9.600 a R$ 19.200. E acima dessa faixa, a opção era de 10% em 2005 e foi para 21%. Pela pesquisa o investidor é homem, casado, de 45 a 57 anos e tem filhos. Os resultados apontam que ele está mais atento à sua aplicação, possui mais familiaridade com a indústria de fundos e conhece os valores mínimos (37% em 2005 e 50% em 2011). Também diminuiu o patamar dos que não souberam responder sobre a rentabilidade máxima e mínima dos fundos (32% na pesquisa anterior e 11% na atual).

Merece destaque a atenção despertada pelas taxas de administração. Há seis anos, 65% dos entrevistados não souberam responder os percentuais cobrados pelas instituições. Agora são 16%. E quando a questão é a desvantagem da aplicação em fundos, a mesma taxa foi o item que apresentou maior incremento, indo de 11% para 18%. O risco de perdas continua sendo o maior problema, segundo 34% dos clientes. "A taxa de administração é parte do investimento e vem caindo. Acredito que deve continuar sendo ajustada pelo mercado que a cada dia oferece opções mais competitivas. Preço não pode ser o carro-chefe na decisão sobre um fundo. A percepção do investidor já engloba mais fatores, desde o consultor que o atende até o quanto a instituição o ajudou, ou não, a atingir seu objetivo", exemplifica Jurcevic, da Santander Corretora.

Os gerentes de agências bancárias continuam a ser os primeiros a serem procurados quando o aplicador vai em busca de um investimento. A pesquisa indica que eles têm 43% da preferência

PRIMEIRO O GERENTE, DEPOIS A INTERNET

Na hora de se informar sobre os fundos e outros tipos de aplicações, o gerente se mantém como o primeiro a ser procurado. Na pesquisa anterior, tinha 54% da preferência. Agora foi a escolha de 43%. Mas depois do gerente e da mídia especializada, a internet é a bola da vez. Quase dobrou sua base de usuários: são 39% face aos 22% anteriores. Ainda sobre o internet banking, chama atenção que 30% dos clientes que decidem começar a aplicar em fundos, não busquem orientação. Esse percentual opera sozinho, através dos serviços bancários on-line. "O gerente continua sendo o preferencial do investidor, que gosta deste contato olho no olho na hora da aplicação inicial. As posteriores já acontecem via internet. Daí a importância que damos para ambos. Recentemente fizemos treinamento para cinco mil gerentes e ampliamos recursos como simuladores e informações no portal de investimentos", diz Jurcevic.

A pesquisa revelou que entre os principais objetivos para o investimento, os fundos são apontados como opção para uso na velhice em 20% das entrevistas, contra 5% em 2005. Ter dinheiro guardado para emergências e por segurança é a opção de 32%. **L.R.**

CAPITAL DE LONGO PRAZO

Infraestrutura para Copa e Jogos

Nesse cenário de busca intensiva por capital, volta à agenda a necessidade de aprimorar as regras existentes para ampliar a transparência e agregar novos elementos ao ambiente regulatório de fundos brasileiro

TEXTO **CIDA PACHECO**



A proximidade de eventos esportivos como Copa do Mundo e Olimpíada e o desenvolvimento econômico mostram a necessidade de o Brasil acelerar os investimentos em habitação e infraestrutura. De acordo com levantamento apresentado por Joaquim Vieira Levy, diretor da Bradesco Asset Management, durante o 6º Congresso Anbima de Fundos de Investimento, a agenda de investimentos do governo federal está em torno de R$ 1 trilhão. Da relação de projetos elencados, fazem parte o pré-sal (US$ 240 bilhões só da Petrobras); hidrelétricas (R$ 20 bilhões); estradas (R$ 50 bilhões); aeroportos (R$ 30 bilhões) e portos (R$ 20bilhões). Além de R$ 10 bilhões para a Copa do Mundo de 2014.

Nesse cenário ganha força a discussão sobre os fundos de investimento como instrumento de captação de recursos de longo prazo. Criados em novembro de 2001 pela Resolução CMN 2.907, os fundos de recebíveis estão passando por um momento de transição regulatória, tendo em vista que, mesmo sendo considerados por especialistas como seguros e atrativos tanto para as empresas como para os investidores, os Fundos de Direitos Creditórios, que poderiam ser uma fonte recorrente de recursos, ainda não deslancharam no mercado brasileiro.

Para Ricardo Mizukawa, coordenador do Subcomitê de FIDC da Anbima, o desafio é fazer com que o produto se torne acessível ao investidor de médio porte. Haja vista que a participação dos fundos estruturados, com patrimônio líquido de R$ 137,8 bilhões, representa 8% da indústria de fundos que está com R$ 1.729,51 trilhão de PL total.

Para as empresas, Mizukawa lembra que esses fundos permitem gerar liquidez por meio da transferência de recebíveis para os fundos, acesso ao mercado de capitais com um custo mais baixo de captação em razão da obtenção de rating, além da possibilidade de planejamento financeiro e fiscal. Sob a ótica do investidor, o rating também faz a diferença, uma vez que ele sabe que o FIDC tem esse tipo de análise durante todo a sua existência.

Mas quando se fala em investimentos para infraestrutura, tomando por base o cenário atual, Mizukawa garante que a participação dos FIDCs ainda é muito pequena devido aos incentivos e tributação incidentes em outros produtos, como as debêntures. E essa tendência só vai mudar se houver alterações nas regras estabelecidas para fundos de recebíveis, o que pode acontecer por meio de medida provisória ou lei. Mas enquanto isso não acontece, o mercado vai trabalhando para mostrar que os fundos de recebíveis buscam se reinventar como instrumento de captação de recursos. E, para isso, coloca como desafio fazer com que os fundos tenham mais transparência por meio de fornecimento de um maior número de informações e também vê oportunidade de expansão com o a aumento nos ativos que são passíveis de securitização como infraestrutura, cartão de crédito, crédito imobiliário e agronegócio. O mercado de cartões de crédito, por exemplo, chama a atenção por seu potencial. Apesar de ser uma indústria que cresce em média 20% ao ano, a quantidade de fundos de recebíveis atrelados ao crédito pessoal é de apenas sete, pois o mercado ainda tem resistência a ter como ativo em um fundo os recebíveis de diversas fontes.

Ajustes por medida provisória ou lei podem fazer com que fundos dividam a atenção do mercado com as debêntures

Olímpicos demandará R$ 1 trilhão

Henrique Manreza

Para Ricardo Mizukawa, da Anbima, o desafio é fazer com que os fundos estruturados se tornem acessíveis também para os investidores de médio porte

Para as empresas, a utilização dos fundos permite gerar previsibilidade de fluxo de caixa por meio de transferência de recursos de recebíveis e acesso ao mercado de capitais a custos mais baixos

Pré-sal
US$ 240 bi
é o investimento estimado pela Petrobras para explorar a camada pré-sal. Os recursos devem movimentar toda a cadeia de fornecedores.

Fatia ainda modesta
8%
é o total aplicado em fundos estruturados no país em relação ao patrimônio líquido total da indústria de fundos do país.

Recebíveis
2.907
é o número da resolução do Conselho Monetário Nacional que instituiu, em 2001, os Fundos de Investimento em Direitos Creditórios (FIDC).

Autorregulação
março
deste ano marcou o início da autorregulação do mercado brasileiro de fundos usados por private equity e venture capital para captar recursos.

Compra de empresas
R$ 65 bi
é o patrimônio líquido total dos 322 fundos de investimentos em participações que operam no mercado brasileiro.

FUNDOS ESTRUTURADOS NO PAÍS

O perfil da indústria

	FIP	FUNDO IMOBILIÁRIO	FIDC
PL* DA INDÚSTRIA	R$ 65 bilhões	R$ 9,6 bilhões	R$ 62 bilhões
PL* MÉDIO POR FUNDO	R$ 195 milhões	R$ 85 milhões	R$ 196 milhões
QUANTIDADE DE FUNDOS	332	113	316
QUANTIDADE DE INVESTIDORES	–	–	5.739
VOLUME DE OFERTAS EM ANÁLISE NA CVM	R$ 100 milhões	R$ 2 bilhões	R$ 430 milhões
QTDE DE FUNDOS EM ANÁLISE NA CVM	2	10	9

Fonte: CVM *patrimônio líquido

Autorregulação chega aos fundos estruturados do país

Entre os países emergentes, o Brasil é o primeiro a ter um código de autorregulamentação voltado para Fundos de Participação e Fundos de Investimento em Empresas Emergentes. Desenvolvido pela Associação Brasileira de Private Equity e Venture Capital e pela Anbima, o código de regulação e melhores práticas para FIP e FIEE começou a ser trabalhado em 2008 e entrou em vigor em março. Deve ser seguido pelas instituições associadas às duas entidades e é válido apenas para os fundos registrados a partir da vigência do documento.

De acordo com a CVM, o mercado brasileiro de FIPs conta com 332 fundos, representando um patrimônio líquido de R$ 65 bilhões, enquanto os FIEE totalizam 29 fundos e patrimônio líquido de R$ 644 milhões. Para Luiz Maia, um dos idealizadores do código, o objetivo é trazer mais transparência para as atividades nos dois segmentos, bem como padronizar as informações e promover a compatibilização e integração do mercado brasileiro de fundos estruturados com o mercado externo de private equity e venture capital.

AGENDA REGULATÓRIA

Supervisão e treinamento profissional são obstáculos da indústria

Crescente interesse por diversificação de investimentos no Brasil faz com que regulação e autorregulação tenham de dividir tarefa

TEXTO **CIDA PACHECO**

Passados três anos do agravamento da crise financeira internacional, o retrato que se tem do mercado de fundos no Brasil é que o impacto foi muito pequeno quando comparado com o tamanho da indústria, atualmente representada por 10.492 fundos e patrimônio líquido de R$ 1.729,5 trilhões.

Esse cenário é resultado da adoção de práticas de regulação vigentes no mercado brasileiro, mas traz também a avaliação que ainda há caminho a ser trilhado que passa por facilitar para o investidor a comparação dos fundos, seja em relação a custos, seja quanto à classificação de risco e ampliação dos canais de distribuição, visando o aumento da competitividade.

Em apresentação realizada no 6º Congresso Anbima de Fundos de Investimento, Francisco José Bastos Santos, superintendente de relações institucionais da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), lembrou que a crise de 2008 não foi trivial, mas apenas sete fundos brasileiros de pequeno porte suspenderam os resgates.

"As regras foram seguidas e os problemas de liquidez foram resolvidos". Ele lembra que com as informações estão disponíveis na internet e reforça: "em nenhum lugar do mundo há um nível de transparência como o existente no Brasil".

Se consenso que a regulação e a autorregulação mitigaram o efeito da crise no Brasil, representantes da indústria e de órgãos reguladores também concordam que não é possível dormir sobre os louros, uma vez que o desenvolvimento passa necessariamente pelo constante aperfeiçoamento. Um dos principais entraves está nos canais de distribuição o que faz com que haja baixa grau de competitividade no mercado, uma vez que a estrutura está concentrada nos bancos. Para Bastos, é preciso ampliar e levar a distribuição para além da rede de agências dos bancos.

Ao identificar os obstáculos, a CVM também trabalha para implementar meios que atendam os pleitos e tragam melhorias e agilidade para os profissionais e para a indústria de fundo. Entre eles estão mecanismos para monitorar a liquidez dos fundos; normas para solução no conflito de interesses nos FIDCs de factoring, nos quais um único participante exerce diferentes atribuições e também maior transparência em transações entre partes relacionadas.



"Em nenhum lugar do mundo há um nível de transparência como o existente no Brasil

Francisco José Bastos Santos, superintendente de relações institucionais da CVM

PROCEDIMENTO PRUDENCIAL

Junto com a necessidade de sanear os problemas oriundos da crise veio também a atenção para a conduta prudencial. A Organização Internacional das Comissões de Valores (Iosco – sigla em inglês) estabeleceu dois novos princípios para os reguladores de mercado de capitais. José Carlos Doherty, superintendente executivo de Supervisão de Mercados da Anbima, relata que um dos princípios refere-se ao procedimento prudencial e, com este foco, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) constituiu o Comitê de Risco para acompanhar a liquidez dos fundos. Há também o princípio denominado Perímetro da Regulação, que tem por objetivo estabelecer parâmetros e normas para novos produtos. Doherty destaca a importância da ferramenta, principalmente em razão de a indústria de fundos ser muito dinâmica, o que possibilita o surgimento de novos produtos com alguma frequência

No tocante à autorregulação, Doherty destaca que a Anbima vem trabalhando para a expansão do suitability, também conhecida como análise de perfil do investidor, para todos os fundos. A meta é que este objetivo seja alcançado ainda em durante este ano. A entidade também tem em pauta a supervisão direta junto a gestores independentes. Ou seja, profissionais que atuam na área de supervisão da entidade farão visitas presenciais aos gestores independentes para avaliar os procedimentos adotados.



País caminha para se

Mistura entre consolidação democrática,

Mercado financeiro sadio, mercado de capitais robusto e democracia consolidada são os elementos que compõem o cenário ideal para gestores de private equity. Para Luiz Eduardo Passos Maia, coordenador do comitê de fundos estruturados da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima), a junção de fatores

Gestores estão desembarcando no país. China e Índia, antes as queridinhas, já têm uma indústria de fundos consolidada



Estrutura portuária, um dos gargalos que limitam o crescimento brasileiro, deve estar entre os próximos alvos de fundos de private equity

consolidar como emergente da vez

estabilidade econômica e mercado de capitais em expansão é a preferida por fundos

faz do Brasil, a bola da vez para gestores que compram fatias de empresas para consolidar setores e acessar a bolsa de valores. "Já que o país possui grande espaço de crescimento quando comparado com China e Índia". Tomando por base o parâmetro de captação de recursos, segundo dados da Índia, em 2010, a China registrou US$ 7, 509 trilhões e o Brasil US$ 1,078 trilhão.

Embora a indústria de private equity ainda seja insignificante em relação à industria de fundos, respondendo por uma participação de 0,23%. Ao avaliar o potencial do mercado brasileiro, Luiz Chrysostomo de Oliveira Filho, da gestora Neo Investimentos e diretor da Anbima, enfatiza que grandes fundos globais estão chegando ao Brasil.

O desenvolvimento da indústria de private equity passa pelo desempenho dos fundos estruturados como Fundo de Investimento em Participações (FIP) e Fundo de Investimento em Empresas Emergentes, que atualmente contabilizam patrimônio líquido de R$ 644 milhões e R$ 65 bilhões, respectivamente. Será umaforma de atrair a atenção dos principais gestores globais para obras de infraestrutura. **C.P.**

Desenvolvimento da indústria de private equity no país passa pela popularização dos fundos estruturados

ARTIGO

Henrique Manreza



Marcelo Giufrida, presidente da Anbima: mudanças no perfil do consumo e poupança da população afetam gestores

Os desafios da indústria de fundos brasileira

Há dois anos, profissionais discutiam os efeitos da crise global. O bom desempenho do país, porém, fez com que o foco mudasse para a fase de consolidação do mercado doméstico

Há exatamente dois anos, em maio de 2009, a indústria de fundos debatia os impactos da crise financeira internacional. Já havia a percepção que nossa indústria e a economia brasileira davam sinais claros de maturidade e solidez, mas também era claro que o Brasil não estava imune aos impactos da crise que se espalhava por todo o globo. A captação líquida dos fundos, nos primeiros cinco meses de 2009, aproximava-se dos R$ 35 bilhões. Mas, frente diante dos resgates líquidos de R$ 87 bilhões registrados entre abril e novembro de 2008, nos perguntávamos se o pior já havia passado. Debatíamos o quanto a crise poderia ainda afetar o Brasil.

O próprio desempenho da indústria desde então nos ajuda a clarificar alguns pontos. Ao final de 2009, os R$ 92 bilhões em captação líquida já haviam nos colocado em níveis superiores ao recorde anterior em termos de Patrimônio Líquido, posicionando-nos como uma das indústrias que mais rapidamente se recuperaram da crise. O cenário de franca recuperação seria consolidado em 2010, quando registramos o volume recorde de captação líquida de R$ 118 bilhões. Enquanto em 2008 éramos a oitava maior indústria do mundo, representando 2,5% do PL global, passamos à sexta posição no ano passado, com 4% do volume total.

Os impactos da crise internacional, portanto, interromperam apenas brevemente uma trajetória de crescimento que começou em 2003. No início daquele ano, o PL da indústria alcançava R$ 355 bilhões, tendo atingido, ao final do ano passado, a marca de R$ 1,6 trilhão, o que representa um crescimento médio anual de cerca de 20%.

A solidez e o dinamismo da economia brasileira explicam parte do crescimento do segmento de fundos. Mas não podemos negligenciar as iniciativas da própria indústria e dos órgãos reguladores brasileiros, que se esforçaram para desenvolver um mercado moderno e sólido em termos de infraestrutura, arcabouço regulatório e adoção de melhores práticas de negócios.

Hoje, a indústria de fundos brasileira chama a atenção da comunidade internacional, não apenas pelo seu tamanho e bom desempenho, mas também por desenvolver-se em um ambiente institucional que já é considerado um modelo de sucesso por representantes dos setores públicos e privados dos países desenvolvidos, que estudam novas formas para regular seus mercados financeiro e de capitais.

Temos o grande desafio de nos aproximarmos cada vez mais dos investidores brasileiros

Junto com os reguladores governamentais, estamos refletindo também localmente sobre essa nova demanda global por maior regulação. Temos os instrumentos e os canais de interlocução estabelecidos para contribuir no desenvolvimento de aperfeiçoamentos no mercado local, levando também em conta o compromisso entre maior regulação e os custos que ela acarreta para investidores e emissores.

Finalmente, temos o grande desafio de nos aproximarmos cada vez mais dos investidores brasileiros. O Brasil passa por mudanças estruturais enormes e o crescimento previsto para os próximos anos também trará mudanças nos padrões de consumo e poupança dos brasileiros que afetarão nosso segmento.

Já temos na Anbima uma longa experiência em iniciativas de educação financeira e certificação dos profissionais que atuam no setor. Teremos que manter e intensificar esses esforços, de forma a fornecer aos investidores brasileiros os subsídios para que eles possam tomar decisões maduras e conscientes sobre suas carteiras de investimento.

São grandes, portanto, os nossos desafios, e creio que nossa indústria está bem equipada para enfrentá-los.